

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**



**A NOVA CLASSE C EM MANAUS:  
TRAJETÓRIA, PROJETOS DE VIDA E POLÍTICA**

**MARGARETH RODRIGUES DA SILVA**

**MANAUS**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**MARGARETH RODRIGUES DA SILVA**

**A NOVA CLASSE C EM MANAUS:  
TRAJETÓRIA, PROJETOS DE VIDA E POLÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Amazonas, como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador Professor Doutor Gilson Pinto Gil

**Manaus**

**2014**

**MARGARETH RODRIGUES DA SILVA**

**A NOVA CLASSE C EM MANAUS:  
TRAJETÓRIA, PROJETOS DE VIDA E POLÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Amazonas, como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Aprovado em 20 de maio de 2014**

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Gilson Pinto Gil**

**Orientador – PPGS**

**Universidade Federal do Amazonas**

**Prof. Dr. Benedito José de Carvalho Filho.**

**Membro PPGS**

**Universidade Federal do Amazonas**

**Prof. Dr. Marcelo Bastos Seráfico de Assis Carvalho.**

**Examinador- PPGS**

**Universidade Federal do Amazonas**

À Deus, força incondicional em minha vida e aos meus familiares e amigos pelo carinho e apoio.

## AGRADECIMENTOS

Primordialmente a Deus, por me proporcionar a oportunidade da pós-graduação, e por toda sua proteção ao longo de minha vida;

Ao meu, paciente professor, educador, leitor, revisor, amigo, companheiro e orientador Gilson Gil, por acreditar na elaboração desse trabalho, especialmente nos momentos em que eu cheguei a duvidar que conseguisse finalizá-lo. E por todos os seus ensinamentos profissionais e pessoais, serei eternamente grata;

A banca de qualificação, professores Marcelo Seráfico e Benedito José de Carvalho que nos auxiliaram apontando o caminho para o melhor recorte do objeto pesquisado, a partir das contribuições o caminho a ser percorrido ficou mais claro.

Ao Meycson Jander de Sousa Gato, pelas compras de vários livros e pelas idas e vindas, percorridas para que fosse possível recomeçar, reimprimir, revisar, enfim para que eu pudesse dá continuidade a está dissertação.

Aos meus pais, meu alicerce e minha dádiva divina, e a todos os meus parentes, por estarem sempre me incentivando e serem meu porto seguro;

Ao Departamento de Pós-Graduação, em especial a Marluce Lima de Carvalho, a melhor funcionária e amiga, ao coordenador Professor Marco Aurélio Coelho de Paiva pela cobrança e também proteção quando necessária e aos meus professores, Marilene Corrêa da Silva Freitas, Kátia Helena S. Cruz, Marilina C. O. B. Pinto, Marcelo Bastos Seráfico de Assis Carvalho, Benedito José de Carvalho Filho, Gilson Pinto Gil, Marco Aurélio e Antônio Carlos Witkoski, que contribuíram para minha formação acadêmica;

Aos entrevistados pela confiança e disponibilidade de tempo para as entrevistas, em particular pela receptividade e amparo em suas residências e por todas as vezes que retornei para complementar, quando necessário às entrevistas;

A todos os meus colegas da turma de mestrado (2011) por todo o carinho, risadas e valiosas discussões no convívio em sala; e a todos meus queridos amigos que sempre torcem pelo meu sucesso!

“Quem gosta de miséria é intelectual, pobre  
gosta de luxo”. (Joãozinho Trinta)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a trajetória, projetos de vida e a política a partir de 15 pessoas pertencentes à Nova Classe Média de Manaus. A fala do entrevistado revela-nos sua trajetória de vida e sua atual realidade, preste a graduar, o que possibilita sistematizar um processo racional e inerente de sua estratégia de melhoria de vida, fundamentada no aprimoramento educacional, em especial, curso superior, como principal ação a assegurar a sustentabilidade do indivíduo e de sua família no contexto da capital. Por se tratar de um estudo de caráter qualitativo, foram analisados: a formação histórica da classe média em Manaus, com enfoque nos ciclos econômicos da Borracha e Zona Franca, os fundamentos organizacionais da capital e que legam aspectos a ação do sujeito, aos padrões produtivos e reprodutivos no contexto social. Os resultados nos revelaram que as ações dos agentes (os entrevistados) se mostraram, com forte traço emocional, o campo de conflito e interatividade que tem o entrevistado com os que os auxiliam, confundem-se relações políticas com domésticas sustentadas por forte gratidão presente e pretensas para o futuro, essas são suas marcas principais relacionadas ao campo político. A configuração da trajetória de vida dos entrevistados enfatizou o modelo dual como projetam o futuro com uma visão determinada para um futuro melhor, assentado na mudança profissional e em outras dimensões relacionadas à autoestima, independência afetiva (conjugal), econômica entre outras. A mudança econômica ocorrida após a década de 1990 reordenou os projetos futuros do grupo entrevistados, e fundamentou novas expectativas. Neste sentido, as mudanças, mostram-se, eficientes ao transformar progressivamente as expectativas, e evitar um retrocesso. Ficou evidenciado que o grupo entrevistado mantém sua característica inerente, de manter-se em constante luta para sobreviver e na atualidade com mais tarefas como as de provar para os amigos e parentes que estudar vale a pena e de auxiliar o sustento dos mesmos. Desta forma, concluímos neste trabalho que o grupo entrevistado concomitante moderniza sua maneira de pensar suas melhorias de vida e conserva suas práticas política.

**Palavras-chave:** Nova Classe Média; Ensino Superior Privado; Projeto de Vida

## ABSTRACT

This work has as objective apprehends the path, life projects and the politics starting from 15 people belonging to the New Middle class of Manaus. The interviewee's speech reading again his/her life path and his/her current reality, render to graduate, it makes possible to systematize a rational and inherent process of the agents that you/they build strategies of life improvements, based in the education , especially, university, as main action to assure the individual's sustainability and of his/her family in the context of the capital. For treating of a study of qualitative character, they were analyzed: the) the historical formation of the middle class in Manaus, with focus in the economical cycles of the Eraser and Zona Franca, the organizational foundations of the capital and the aspects of the rationality of the subject's action and the economical agents' productive and reproductive patterns. The results revealed us that the agents' actions (the interviewees) they were shown, with the emotional value, in other words, it shows the field of conflicts and that he/she has the interviewee to the that aid them, for their family social bases interlaced in the construction and reconstruction of the economical cycles that you/they sustain strong solidarity relationships and fight for improvements in his/her future, those are their main marks. The configuration of the path of the interviewees' life emphasized the dual model as they project the future with certain vision for a better future, seated in the professional change and in other related dimensions the , affectionate independence, economical among others. The economical change happened after the decade of 1990, reordained the future projects of the group interviewed, and it based new expectations for the future. In this sense, the changes, are shown, efficient when transforming the expectations progressively, and to avoid a retreat, however he/she stays an I divest of the agent with the loyalty form particularized in the inclination politicize. It was evidenced that it politicizes practiced her/it by the group interviewee is developed in an emotional way, in different particularities happened in different needs. This way, we ended in this work that the group concomitant interviewee modernizes his/her way to think their life improvements and their preserve practices political.

**Keywords:** New Middle class; Private Higher education; Project of Life

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Profissão e rendimento dos entrevistados e de seus cônjuges .....	96
---	----

## LISTA DE SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas
BNDS	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CCEB	Classificação Econômica Brasil
CDLM	Câmara de Dirigentes Lojistas de Manaus
CONAC	Coordenação de Contas Nacionais
DETRAN	Departamento Estadual de Transito do Amazonas
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FENABRAVE	Pesquisa da Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores
FGV	Fundação Getúlio Vargas
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
IES	Instituições de Ensino Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MEC	Ministério da Educação – MEC
NCM	Nova Classe Média
PBU	Programa Bolsa Universidade – PBU
PIB	Produto Interno Bruto
PEE/ AM	Plano Estadual de Educação
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SAE-PR	Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República
ZFM	Zona Franca de Manaus

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I O FENÔMENO NOVA CLASSE MÉDIA .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Salário e renda setorial mudanças e alargamento da Classe Média .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Classe Média: classificação e expansão .....</b>	<b>26</b>
<b>1.3 A Classe Média de Manaus.....</b>	<b>37</b>
<b>1.4 Novo Surto Econômico: A Zona Franca de Manaus .....</b>	<b>42</b>
1.4.1 Zona Franca: Mudanças na cidade e nas perspectivas da classe média .....	46
<b>1.5 O Trabalho, o Estudo e a Política .....</b>	<b>51</b>
<b>1.6 O financiamento e as instituições de Ensino Superior Privado em Manaus ...</b>	<b>55</b>
<b>1.7 A Nova Classe C nas instituições de Ensino Superior .....</b>	<b>59</b>
<b>CAPÍTULO II A NOVA CLASSE MÉDIA EM MANAUS: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS DE VIDAS.....</b>	<b>62</b>
<b>2.1 Entrevistas .....</b>	<b>62</b>
2.1.1 Não ter especialização na capital é uma sentença de desemprego.....	63
2.1.2 Manaus é terra para ganhar dinheiro .....	66
2.1.3 O estudo é mudança de vida.....	69
2.1.4 O ensino superior sempre foi o meu maior sonho.....	71
2.1.5 As melhoria sociais só ocorrem para os moradores da capital .....	73
2.1.6 Estudar e trabalhar esse é o caminho para o pobre vencer na vida .....	75
2.1.7 Falar de política é contar história de boitatá .....	76
2.1.8 Morar em Manaus é importante para os estudos do meu filho.....	78
2.1.9 A pobreza deixa o ser humano insensível.....	79
2.1.10 Voto feliz nos políticos transparentes e humildes.....	81
2.1.11 Estudar para investir.....	83
2.1.12 Não é o diploma que ajuda o trabalhador, mas o trabalhador é ajudado pelo diploma.....	84
2.1.13 Após a festa voltei aos estudos.....	86
2.1.14 O dinheiro fala mais alto.....	87
2.1.15 Promessas se cumprem na base da amizade.....	88
2.1.16 O diploma de nível superior a esperança e a mudança de vida da nova classe C.....	89
2.1.17 A dinâmica maneira de compreender o mundo.....	94

2.1.18 Batalhadores da NCM em Manaus .....	97
2.1.19 A classe média politicamente orientada .....	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	105
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	108
<b>APÊNDICE</b> .....	120

## **INTRODUÇÃO**

Meu dilema não significa, em primeiro lugar que se escolha entre o bem e o mal; ele designa a escolha pela

qual se exclui ou se escolhe o bem e o mal (Kierkegaard, 1813-1855, filósofo dinamarquês).

Nova Classe Média (NCM) foi a nomenclatura utilizada por Marcelo Neri (2011) ao se referir aos emergentes da década de 2000 no Brasil. Emergentes seriam pessoas ou famílias que teriam aproveitado a boa fase da economia brasileira, melhorando seus rendimentos, inserindo-se especialmente no mercado de trabalho formal.

Essa interpretação de Neri sobre esse segmento social vem recebendo muitas especulações, estando elas relacionadas ao significado, ideologia, possibilidades e limites dessa ampliação. Também é questionado se a NCM poderia manter-se após o momento favorável da economia, ou seja, a análise do autor vem desencadeando acalorados debates que refutam ou apoiam suas teses.

Por outro lado, conforme Braga (2012), no Brasil, teria surgido o “novo” precariado. Este seria um grupo formado especialmente por trabalhadores jovens, semiqualificados e subremunerados. O precariado, para o autor, viveria permanentemente pressionado pela ameaça da exclusão social e seu diferencial estaria exatamente na forma do trabalho que seria flutuante, próprio da sociedade atual. Nada de NCM, mas sim um precariado, diria Ruy Braga.

Diferente de outros momentos, o trabalho atual, no qual os emergentes inserem-se, são excepcionalmente fugazes. Ou seja, tais postos de trabalhos caracterizariam-se por serem esporádicos e voláteis, próprios do precariado.

Contudo, apesar de respeitar as teses de Braga sobre o precariado, iremos adotar os princípios de Neri sobre a NCM. Assim sendo, investigar quem são esses atores em Manaus e o que pensam para o futuro é o objetivo de nossa dissertação, ou seja, buscou-se interpretar, no contexto da cidade de Manaus, a trajetória de vida e as perspectivas futuras de quinze pessoas pertencentes à nova classe C. Consideramo-las como tal em consonância com os argumentos de Marcelo Neri, deixando, por ora, as teses do precariado.

Conforme Benedito Carvalho (2013), o movimento dos atores em questão só poderia ser apreendido ao se contextualizar o pano de fundo em que as relações sociais se deram. Assim, o cenário onde emerge a NCM foi interpretado a partir dos Ciclos da Borracha e da Zona Franca.

Esses projetos econômicos traziam severa orientação do Estado, o que faria minar as reais possibilidades de Manaus ser uma cidade moderna, sustentável, com uma sociedade civil autônoma. Contudo, e dentro dessa realidade do “capitalismo político” (Weber 2010), procuraremos focar os atores locais na teia que os envolve. Buscou-se, como já mencionado, apreender suas verdades, visões de mundo, desejos futuros e apreensões políticas entre outras possíveis interpretações. Entendemos, portanto, a NCM imersa em uma dinâmica econômica, política, social e cultural, interagindo com as especificidades que a envolve.

Pensamos ser necessário esclarecer algo que possa parecer antagônico na leitura da dissertação. Mencionaremos ser a classe média sem autonomia, pois estaremos, no específico contexto da frase, localizando-a dentro de uma formação macroeconômica em que o capitalismo político, abordado ao longo da dissertação, faz “estacionar” os projetos que poderiam modernizar a capital, afinal “as investigações revelam nexos internos que atam os eventos uns aos outros” (REIS, 2009, p.9).

Isso não significa dizer que os atores sejam passivos, ou seja, alienados sobre as dimensões que os envolvem cotidianamente. Estaremos, sim, dizendo que, apesar dos problemas, esse grupo dinamiza-se na realidade circunstante e nela estaria especialmente ampliando seus ganhos econômicos e educacionais.

Utilizaremos como alavanca de ascensão da nova classe C, o trabalho e, como forma de sustentação futura, a busca pelo diploma de nível superior. Essa argumentação seria confirmada pelo aumento do número de instituições privadas de nível superior em Manaus, ocorrido na década de 2000, e pelos programas de incentivo governamentais.

Creemos, consoante ensina Demo (2000), que a abertura de um processo de formação transmite esperança de mudança social pelo conhecimento. Apesar de todas as controvérsias que possa conter a educação, é por intermédio dela que a voz do ator ganha mais credibilidade. A partir desse entendimento, acrescentou-se mais uma condição para consubstanciar a pesquisa: entrevistar pessoas que fazem parte da Nova Classe C, distribuídas nas faculdades privadas em Manaus, graduandos finalistas e graduados.

Assim, esta dissertação analisou a trajetória e os projetos futuros de alguns membros da Nova Classe C em fim de graduação (12 pessoas no último período e 3 já graduados). Pretendemos, com o universo amostral, em um primeiro momento,

descrever a travessia que estaria protagonizando o segmento. Posteriormente, a observação centrou-se em delinear o caminho já percorrido após a vivência acadêmica (egressos das faculdades privadas).

Interpretamos na dissertação, portanto, as reminiscências, as pretensões, o caminho percorrido e as novas aspirações desse grupo de entrevistados. Interessou-nos o universo simbólico e as transformações manifestadas pelos entrevistados. Assim, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, direcionando-se ao padrão de entrevistas utilizado por Mirian Goldenberg (2009), quando investigou as *verdades indizíveis* da *Outra*, a amante do homem casado.

A aproximação entre a análise das trajetórias e projetos da Nova classe C em Manaus e a *Outra* ocorreu devido a relatos ou fatos mencionados por nossos entrevistados resultarem em ações determinadas. As variáveis, contudo, não poderiam ser mencionadas ou personificadas por envolverem particularidades ou críticas das ações. Daí o sigilo que, em algumas vezes, foi solicitado. Em outras vezes, ele foi necessário por envolver terceiros. Essas variáveis se aproximam daquelas presentes no método utilizado por Goldenberg.

Outra necessidade, ou dificuldade, que nos encaminhou para a utilização de entrevistas foi a constatação da dificuldade do entrevistado em desvencilhar o pensamento cotidiano do idealizado pelo nível de escolaridade. Ou seja, *in loco* confirmou-se que os atores sociais, quando estão representando um papel, tendem a responder “o que se espera deles” (aspas nossa).

Constatamos essa afirmação, quando aplicamos 100 questionários aos entrevistados nas Faculdades de Ensino Privado em Manaus. Tais questionários traziam respostas “enlatadas”, quase “robotizadas”, muito próximas umas das outras, guiadas por um forte padrão ético, crítico em quase todas as respostas. Recomeçamos, a partir de então, a pesquisa, pois dos 100 questionários apenas aproveitamos o fator renda familiar. A partir dela, tínhamos o mapeamento de quem pertencia à classe C.

Após essa dispendiosa e exaustiva atividade, elegemos 30 alunos e os entrevistamos em suas residências, faculdades e *shopping centers*, entre outros lugares, a fim de compreender desde a história de vida dos antepassados até os seus projetos futuros para os filhos. Para tanto, foram necessários quatorze meses para fechar todas as entrevistas.

Das trinta entrevistas, elegemos quinze para uma exploração de dados mais detalhada. Ressaltamos novamente ter sido muito importante, para obtenção dos relatos, a confiança que os entrevistados depositaram em nós quanto ao sigilo de suas identidades. Alguns seriam constrangidos (acreditavam), caso fossem identificados. Destacamos ainda que os entrevistados, sem exceção, mostraram-se interessados em participar da pesquisa, e em ler os resultados, os quais, posso afirmar, revelam a vida de luta e sonhos desse grupo de pessoas moradoras em Manaus.

A dissertação está estruturada em dois capítulos. No primeiro se discorre sobre os pressupostos teóricos, fundamental à compreensão do fenômeno Nova Classe Média, a partir do debate no Brasil e por suas características em Manaus, além de expor nossas bases norteadoras da pesquisa. Ele também aponta um conjunto de possibilidades para melhor descrever o fenômeno em análise. Ao final do capítulo, apresentamos o aumento do número de instituições privadas de ensino superior em Manaus e o perfil dos alunos que nela estão.

No segundo capítulo, procuramos reconstruir a trajetória de vida dos entrevistados. Eles (depoentes) construíram e repassaram-nos temas extraídos do cotidiano e por esses elementos procuramos compreender como são tracejados os projetos de vida do grupo em análise. Retratamos na conclusão, especialmente, os projetos econômicos de Manaus, com ênfase na dependência do poder centralizado.

Ressalvamos que partimos do entendimento de que as mudanças econômicas ocorridas no país a partir da década de 1990 promoveram a ampliação do consumo na sociedade brasileira. Dessa maneira, a presente pesquisa absorveu o recente debate sobre a NCM e aceitou tais inovações, como a ampliação dos ganhos, pois assim sugeriram os entrevistados. Essas melhorias seriam facilmente perceptíveis, na visão deles, especialmente no que se refere ao consumo alimentar, vestuário e educação.

Contudo, temos consciência que o público em questão vivencia uma realidade controversa. Por um lado, vivem a expansão de poder de compra, experimentando uma sensação de mobilidade social. Por outro, vivem uma precarização da vida laboral ou de uma “proletarização do precarizado, pois esses trabalhadores entram e saem do mercado de trabalho ou estão na informalidade e desejam alcançar o emprego formal. Estão submetidos ao manejo predatório do

trabalho” (BRAGA, 2012 p. 2). Essa oscilação contraditória está presente nos seus depoimentos.

Em suma, as mudanças operadas nas classes sociais a partir da dinâmica econômica, caminham em conjunto com a intensificação e dedicação ao trabalho e aos estudos e vários outros sacrifícios visando a uma vida “melhor”.

Isto conduziria a expansão estatística da Nova Classe Média e simultaneamente maximizaria suas privações ou melhoria na qualidade de vida.

Tal situação contraditória e ambígua, entre o “céu” da classe média e o “inferno” do precariado (Braga, 2012), caracterizaria a realidade cotidiana desse segmento.

## **CAPÍTULO I**

### **O FENÔMENO DA NOVA CLASSE MÉDIA**

Se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um com um pão, e, ao se encontrarem, trocarem os pães, cada um vai embora com um. Mas ao se encontrarem com uma ideia, trocarem as ideias, cada um vai embora com duas (Provérbio chinês).

A trajetória de vida, as expectativas e outros temas relacionados à classe média (54% da população brasileira ou 46% da população manauense) vêm sendo um fenômeno analítico, devido ao fato de, a partir da década de 2000, essa classe passar a dominar os cenários político e econômico do Brasil.

Chegou-se a esses números, a partir da fusão da NCM com a tradicional (NERI, 2011). Assim, de nicho de mercado essa classe tornou-se o novo mercado consumidor. Suas preferências e aspirações são apreciadas agora, pois passaram a frequentar restaurantes, aeroportos, cinemas, salões de beleza e a comprar e trocar seus transportes particulares e imóveis. Também está mais informada devido ao acesso à internet e à leitura de jornal.

Tamanha é a importância do segmento que recebe análises de intelectuais de diversas áreas e atenção de instituições públicas e privadas, tal como da SAE-PR (Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República) órgão responsável em formular políticas públicas de longo prazo voltadas ao desenvolvimento econômico e social do Brasil. A secretaria, criada em 23 de julho de 2008, vem promovendo estudos, pesquisas e seminários, entre outras estratégias, para conhecer mais sobre esse grupo (SAE-PR, 2013).

Uma característica dos integrantes da NCM é serem migrantes de minorias sociais, com destaque especial aos negros. Outro tema que aponta a delicadeza e atenção que recebem os emergentes é o dos chamados “rolezinhos”, uma prática dos jovens integrantes da nova classe C de “passearem” em grupo em *shopping center*, ganhando o tema ampla dimensão e interesse dos estudiosos. O sociólogo Jessé Souza considera os alardes promovidos em torno do tema como “um reflexo do apartheid brasileiro”, ou seja, uma divisão de espaços entre os diferentes brasileiros, os civilizados da verdadeira classe média e os emergentes, bárbaros das classes populares (SOUZA, 2014, p.2).

Rodrigo Constantino (2014), por sua vez, criticou o alarde brasileiro, em torno do que denomina “sociologia dos rolezinhos”. Para ele, a pretensão de defender os rolezinhos traduz uma guerra ideológica entre partidos políticos. Nas palavras do

autor, o *pobrismo*, somado ao interesse de Brasília, injetou malignidade no *rolezinho*, que deixou de ser aquele encontro convocado pela garotada. Na visão do jornalista, devido aos interesses políticos, estaria surgindo um desejo de libertação do *rolezinho* e tal objetivo estaria muito distante dos desejos de *rolê* dos jovens nas redes sociais.

Outra importante informação sobre o segmento NCM foi apresentada por Martins (2014) quando propôs surgir da junção das classes C, D e E 155 milhões de consumidores que, pela facilidade do crédito, gastaram 1,27 trilhão de reais, em 2013. Ao focar apenas os jovens da classe C, tem-se um consumo aproximadamente de 129 bilhões de reais, contra 80 bilhões das classes A e B e 19,9 bilhões da D. Conforme Meireles (2011), a nova classe C foi responsável por 70% dos cartões de crédito emitidos no Brasil e responsável por R\$ 881 bilhões gastos em consumo em 2009. O potencial de consumo dos jovens (classe C) seria avassalador, vindo a promover atualmente o sucesso de um ritmo musical como o *funk* e o modismo da ostentação.

Fato é que conhecer um pouco mais sobre os novos emergentes deve ser pauta do dia para qualquer leitor, dada a amplitude e a importância do tema. Para além do poder de compras e de voto, a classe média está em cena em debates diversos tais como trabalho, renda, proteção social, avanços econômicos, desigualdade social, mobilidade social e muitos outros. Na atualidade, devido a esse segmento ser majoritário, tornar-se alvo de muitos interesses. Se antes a NCM sonhava, hoje, ela tem metas. O consumidor emergente deseja da televisão em cores à lipoaspiração.

Segundo Stefano (2009), as mudanças pelas quais vêm passando os emergentes de 2000 têm relevância devido a se relacionar não só com a base econômica, mas também por ser uma mudança cultural. Os novos padrões de vida (mesmo por um pequeno aumento nos ganhos) estariam influenciando os novos consumidores e mudando-lhes os hábitos e as perspectivas de vida.

Em Manaus, por exemplo, se as profissões paternas da classe em análise eram constituídas por trabalhos braçais, domésticos, autônomos ou com nível de formação elementar, com ganhos variando até dois salários mínimos, as profissões dos descendentes são outras. Eles estão entrando no mercado de trabalho formal, com um nível de escolaridade maior que o dos pais e com pretensão de aumentá-lo.

Este capítulo tratará das características da classe média, portanto, será necessário pontuar algumas mudanças econômicas pelas quais passaram o Brasil e a cidade de Manaus, a fim de apontar as variações ocorridas, a partir da mudança na concentração de renda, divisão de classes e mobilidade social. Especificamente para contextualizar a expansão econômica em Manaus, pontuaremos as mutações na cidade em decorrência do Ciclo da Borracha e da Zona Franca para melhor compreensão do fenômeno em análise.

Ressaltamos aceitar estatisticamente a existência de uma NCM, a partir dos estudos de Neri (2011), o qual agrupa os participantes do segmento com renda salarial na faixa entre R\$ 1.200 e R\$ 5.174. Buscou-se também consonância em nossa investigação com as argumentações relacionadas a potencialidades e aspirações da nova classe interpretadas pela SAE/PR, tais critérios visam observar as possibilidades de sustentação do segmento em manter-se como NCM. Ambos os estudos (NERI e SAE/PR) guiaram o desenvolvimento de nossa dissertação.

### **1.1 Salário e renda setorial: mudanças e alargamento da classe média**

A mobilidade social, entre outros recursos estatísticos, pode ser mensurada a partir da renda adquirida com o trabalho. Do valor pago pelo trabalho, é possível medir o poder de compra dos trabalhadores (o salário real). Entende-se como salário real o correspondente à quantidade de bens e serviços que o trabalhador pode adquirir. Difere, portanto, do salário nominal, que equivale ao valor pago pelo trabalho prestado em um determinado período de tempo.

Entretanto, falar sobre o comportamento do mercado de trabalho brasileiro e a mobilidade social merece algumas ressalvas. Sobre o trabalho: nossa economia nacional é fortemente entrelaçada pela macroeconomia global em decorrência de nosso processo histórico de formação e desenvolvimento (escravidão, concentração fundiária etc.). Não é possível entendermos a dinâmica do mercado de trabalho nacional somente pela lei da oferta e procura formal.

O problema do trabalho no Brasil não se restringe ao desemprego ou à quantidade de trabalho disponível, mas está intimamente ligado à qualidade dos postos de trabalho. Uma medida inicial da precariedade, a informalidade, é entendida como a soma dos autônomos, dos empregados sem carteiras e dos não remunerados (NERI, 2011, p.185).

Quanto à mobilidade social, é importante lembrar que, na mensuração da desigualdade social pelos institutos de pesquisas oficiais, ainda não são mensuradas as mudanças na distribuição funcional da renda e na propriedade de ativos, ou seja, não é medido, para tal finalidade, mudanças ocorridas na distribuição de renda entre governo, capital e trabalho ao longo de um determinado período. Também não é contabilizado o valor total em capital dos bens que uma pessoa, família, empresa etc. possui, ou quanto tempo se levou para alcançar tais patrimônios. Tais observações poderiam auxiliar na leitura dos dados sobre a dinâmica real da mobilidade social (DEDECA, 2008).

Isso posto, buscaremos de forma didática visualizar as mudanças de classe social no Brasil industrial recorrendo a uma breve e pontual contextualização da economia, com enfoque na distribuição setorial da renda, ou seja, à distribuição entre os diferentes setores da economia: agricultura (primário), indústria (secundário) e serviços (terciário), para compreender o debate sobre a mobilidade social e, conseqüentemente, o nascimento da NCM brasileira ocorrido na década de 2000.

Temos como provável data da industrialização clássica (Europa) o século XVIII (1760, aproximadamente). Somente um século depois, o modo de produção industrial chegou ao Brasil, em 1875, através do Barão de Mauá, com a elaboração de estradas, entre outros projetos, mas sua implantação de fato ocorrerá no governo de Getúlio Vargas, a partir de 1930 (SCHNEEBERGER; FARAGO, 2003).

Conforme Botelho (2008), o nascimento da indústria no Brasil seguirá o percurso histórico da sociedade nacional, com desigualdade e injustiça social. Lembra o autor da importância de observarmos a estrutura de classe e a mobilidade social devido elas terem as “respostas especificamente sociológicas à problemática do desenvolvimento brasileiro, cuja trajetória, visível, nos marca estruturalmente desde meados do século XX.” (p.194).

Outra observação dada no processo de industrialização nacional seria a incapacidade da absorção total dos trabalhadores, legando duas características à base produtiva nacional: a primeira, o desemprego aberto; e a segunda, o mercado de trabalho informal, com salários menores que o formal e, sobre ele, um entendimento de ser uma passagem natural para o trabalho formal. (POCHMAN, 2013).

Na década de 1950, foram avaliados os maiores índices de desenvolvimento econômico no Brasil industrial. É também dessa época as análises de desigualdade

de condições de vida e a mobilidade social. A industrialização no Brasil perpetua na sociedade contemporânea três fragilidades históricas, heranças legadas desde a colonização: 1) a estrutura agrária nacional com concentração fundiária, poder e estratificação social; 2) a falta de recursos educacionais, dificultando a mobilidade social e 3) a manutenção da convivência entre setores tradicionais e modernos no mercado de trabalho. Ou seja, essas fragilidades são características das classes sociais presentes na atual ocupação do trabalho (BOTELHO, 2008).

Entre 1950 a 1980, resumidamente, as mudanças ocorridas com a implantação da indústria nacional - ou “transplantação”, conforme Florestam Fernandes (1970) - transformaram a estrutura ocupacional brasileira, mas mantiveram suas particularidades históricas. Segundo Ianni (1989), por meio das empresas estatais ou da junção delas com empresas multinacionais, nasceram a urbanização, a industrialização, as exportações de matérias-primas e outros avanços. “Tanto assim que ‘a economia brasileira hoje é industrializada, moderna, diversificada’. E a renda *per capita* passa de 160 a 210 dólares. Mas, a distribuição permanece marcadamente desigual.” (p.3). Assim, seria uma condição de sobrevivência para o trabalhador a criação de meios (trabalhos avulsos) ou a inserção em ocupações informais existentes no mercado, pois haverá sempre um descompasso entre oferta e procura no mercado formal no Brasil.

Quando as análises focam o mercado e a renda setorial brasileira entre 1950 a 1980, são encontrados os seguintes dados: na década de 1950, o primeiro setor continha 61% dos trabalhadores; o segundo, 17% e o terceiro, 22,5%. Na década de 1980, o setor primário comportava quase 27%; o setor secundário, 23% e o terciário 43%, dos trabalhadores (POCHMANN, 2013).

Tal quadro significa dizer, segundo Pochmann (2010), que esses trabalhadores, ou quase 70% deles até 1980, estavam protegidos pela legislação trabalhista ou tinham um emprego formal. É perceptível também uma crescente taxa de trabalhadores migrados do setor primário para o terciário. Quanto à remuneração, 34% dos trabalhadores recebiam entre 1,5 salário mínimo e 17% acima de 5 salários mínimos e poucos atuavam no trabalho doméstico, isso ao longo do período referido.

Entre o fim da década de 1970 e o início da década de 1980, devido à crise mundial do petróleo, os preços das mercadorias subiram muito, fazendo diminuir o ritmo de crescimento do país, com demissões e recontrações de trabalhadores a

custos menores (diminuição no salário nominal). Os trabalhadores chegaram a perder um quarto de seus rendimentos entre 1979 e 1984 (FALEIROS, 1991).

A solução encontrada para evitar ainda mais perdas nos ganhos salariais, conforme Botelho (2008), ocorreu devido ao fato de as famílias, de maneira geral, inserirem mais um de seus membros, em alguma atividade laboral, a fim de amenizar as perdas econômicas trazidas pela inflação gerada pela crise.

Essa realidade do emprego no Brasil ocorria na contramão dos mercados centrais, que, por esse tempo, enfrentavam a crise econômica do petróleo e reordenavam um novo modelo de gestão e planejamento, diferente do modelo industrial de produção fordista-taylorista, assim como também reordenavam a gestão da proteção social.

Nos países de economia central, a sociedade industrial, devido às inovações tecnológicas, era reordenada estrategicamente ao modo de produção japonês. Ele aumentaria a competitividade e a reestruturação produtiva e, conseqüentemente, o desemprego (SANTANA; RAMALHO, 2010). No Brasil, porém, na década referida, ainda vivenciávamos um fordismo à brasileira, guiados pelo Milagre Brasileiro (BERING; BOSCHETTI, 2009).

Essa década produziu uma elevação expressiva do rendimento médio conjugada a um processo de concentração de renda acelerado. Os efeitos sociais desfavoráveis deste movimento não foram intensos graças à possibilidade das famílias mais pobres compensarem sua perda de renda através da incorporação de um membro adicional ao mercado de trabalho, protegendo deste modo seu rendimento global. Esta possibilidade foi viabilizada pela grande capacidade do crescimento econômico gerar, em volume expressivo, novas oportunidades de trabalho (BOTELHO, 2008, p.5).

Em síntese, na década de 1970 ocorreu um aumento da desigualdade no Brasil e esse esteve relacionado diretamente com o mercado de trabalho e com o crescimento acelerado do país. Em outras palavras, com a chegada da indústria foi necessário empregar mão-de-obra qualificada. Então, apenas os trabalhadores qualificados tiveram aumento em suas rendas nominais.

Nesse contexto, os não qualificados tiveram apenas um pequeno auxílio em suas despesas cotidianas, isso se conseguissem um emprego, pois muitos se mantiveram excluídos do setor formal. Essa lógica promoveu uma mudança na estrutura ocupacional brasileira e um aumento na desigualdade social.

Para a década de 1980, os indicadores econômicos apontam o aumento da concentração de renda relacionada à estagnação da economia e o descontrole inflacionário, deixado pela crise de 1970. O resultado foi, de um lado, a recessão comprimindo os salários e, de outro, corrosão do poder de compra.

Contudo, Pochmann (2013), ao fazer uma análise da industrialização brasileira entre os anos de 1950 a 1980, constatou melhorias na estrutura social do país ao final da década de 1980, a partir do Produto Interno Bruto (PIB). O produto do setor secundário passou de 20,5% para 38,6%, ou seja, um aumento de 88,3%. A participação do setor primário foi reduzida de 29,4 % para 10,7% (baixa de 63,6% no PIB) e o setor terciário manteve-se quase estável com sua participação de 51% do PIB.

Ainda conforme Pochmann (2010), na década de 1980, apesar da crise, ao final o saldo de trabalhos gerados foi positivo, pois foram criados no Brasil 18,1 milhões de novos postos de trabalho. Destes, 25,4% com remuneração de 1,5 salários mínimos mensais; os de mais de cinco salários somaram 33,1%, ou seja, ocorreu um alargamento na estrutura do trabalho, se comparados com a década anterior, na qual 16,9% dos trabalhadores estavam nessa faixa salarial.

A década de 1990 pode ser definida como antagônica economicamente, no contexto nacional, devido à chegada do Plano Real (controle da inflação), que contribuiu para atenuar a desigualdade de renda. Contudo, ela é marcada também pela reestruturação produtiva com retração nos postos de trabalho. É a década também da abertura comercial e das privatizações, que chegaram com 20 anos de atraso no Brasil em relação aos países centrais. Essa política de abertura comercial, a princípio, conviveu com um baixo crescimento econômico, como já mencionado, e produziu diminuição do emprego formal e uma elevação dos trabalhos informais.

Ao final da década de 1990, ocorreu a desvalorização do câmbio ou da moeda nacional (real), desemprego, crescimento do setor informal e precarização do trabalho (autônomos, assalariados sem seguro social e domésticos) e flexibilização na legislação trabalhista (DEDECA, 2008).

Segundo dados extraídos do relatório Distribuição Funcional da Renda no Brasil, do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) nos primeiros seis anos da década de 1990, predominaram medidas de combate à inflação e de abertura comercial. Assim, a economia cresceu 3,2% na média anual e houve redução na participação da parcela do trabalho na renda nacional, mesmo com as mudanças. O

saldo final da década de 90 seria positivo para diminuição da desigualdade social, pois nela teria ocorrido uma tênue melhora no quadro social (IPEA, 2008).

Segundo dados do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) nos três primeiros anos da década de 2000 ocorreu um pequeno crescimento econômico, com maior elevação a partir de 2004, uma tendência ascendente só diminuída nos anos de 2008 e 2009 devido à crise mundial. Todavia, mesmo esses últimos anos de 2000 apresentariam melhorias no mercado de trabalho, devido à formalização ter crescido. Outro indicador de apoio ao trabalhador foi promovido pelo Governo Federal com a isenção dos impostos, com o objetivo de aquecer o consumo do mercado interno, fato que, por efeito cascata, auxiliou a todos. (DIEESE, 2012)

Conforme Pochmann (2013), os empregos com menor remuneração (os de até 1,5 salário mínimo) foram os que mais cresceram no decorrer da década de 2000 e os de até 5 salários mínimos tiveram maior redução. A explicação para esse fenômeno deve, conforme o autor, ser associada à elevação do peso do salário, que chegou a 10,3%, e ao decréscimo de 12,8% da renda da propriedade. Essa composição de renda do salário e renda da propriedade teria promovido o crescimento econômico da década.

Entre 2004 e 2010, o peso dos salários subiu 10,3% e o da renda da propriedade decresceu 12,8%. Com isso, a repartição da renda nacional entre rendas do trabalho e da propriedade de 2010 voltou a ser praticamente igual àquele observado em 1995, início da estabilização monetária. Essa importante alteração na relação entre renda do trabalho e da propriedade durante a primeira década de 2000 encontra-se diretamente influenciada pelo impacto na estrutura produtiva provocado pelo retorno do crescimento econômico {...} O fortalecimento do mercado de trabalho resultou fundamentalmente na expansão do setor de serviços (p. 10-11).

A partir de 2000, teria ocorrido o fortalecimento do mercado de trabalho formal com a expansão do setor de serviços para trabalhadores que receberiam até 1,5 salários mínimos. Ou seja, os trabalhadores excluídos dos postos de trabalhos nas décadas anteriores estariam sendo absorvidos na década de 2000 e seus ganhos seriam também fortalecidos com os incentivos governamentais em programas diversos. É dessa absorção que será quantificada a ampliação na pirâmide brasileira, com pessoas saindo da pobreza (classe E) e passando a ser parte da classe média (NCM ou classe C).

Essa constatação de melhorias na renda revelaria uma diminuição de desigualdade social e mobilidade social que suscitaram acalorados e inconclusos debate sobre esse fenômeno social.

Conforme sugere Botelho (2008), os possíveis entraves da concentração de renda no Brasil não são problemas de crescimento, visto que o crescimento econômico foi observado na história do país. Nossos entraves são, na verdade, a ausência de um padrão de crescimento pensado de maneira coesa. Ou seja, os entraves apontariam as necessidades de uma integração repercutida de forma uniforme entre os brasileiros. Haveria uma necessidade de homogeneizar o conjunto dos grupos sociais e as regiões do país, a fim de compartilharem avanços de uma mesma civilização.

Percebe-se que o debate sobre os avanços e a diminuição da desigualdade na década de 2000 estão circunscritos entre a travessia feita, ou não, por alguns membros das classes E e D para a C. Visualizaremos esses migrantes na pirâmide social brasileira e compreenderemos o foco do embate de serem, ou não, parte da classe C.

O Brasil (quinta população mundial) em 2011 somava 193.946.886 habitantes, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Entre esses habitantes, até 2004 apuravam-se 49 milhões de brasileiros considerados pobres (IBGE, 2011).

Seguindo a leitura estabelecida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), ser pobre significa dizer que essas famílias somavam entre o total da renda de seus membros, renda somada e dividida, R\$ 151,00 *per capita* (NERI, 2011).

No decorrer da década de 2000, ainda segundo dados da FGV, 24,6 milhões de brasileiros que pertenciam à classe E passaram a ter ganhos familiares (*per capita*) equivalendo aos rendimentos da classe C. Entende-se como classe C, estatisticamente, a classe com renda média, ou seja, compatível com uma média entre os ganhos salariais brasileiros.

Não ignorando os ganhos e discrepâncias entre os salários das classes sociais no Brasil, em cujo topo encontra-se a classe A e, na base, a classe E, tira-se uma média de quanto deveria ser um salário intermediário entre os extremos. A partir dele, tem-se uma média. Nessa sistemática, definir-se-ia a classe C, ou seja, essa classe teria renda mediana obtida proporcionalmente entre o topo e a base.

Os limites da NCM (classe C) seriam as fronteiras para o lado indiano (classe D e E) e para o lado belga (classe A e B) da Belíndia brasileira. Investigamos as migrações entre aqueles acima da metade mais pobre e um pouco abaixo dos 10% mais ricos {...} Nossa estratégia aqui é gerar cortes de renda com base em medidas relativas de estabilidade para, depois, mantemos constantes em termos reais os valores inicialmente arbitrados para gerar mudanças absolutas das classes. Em minha visão, a metodologia deve ser capaz de captar os milhões de pessoas que cruzam os limites dos diferentes estratos sociais (NERI, 2011, p. 19-20).

Ao observar as mudanças ocorridas na década de 2000, Pochmann (2010) entende que elas são: 1) avanços do trabalho formal e de baixo salário ocorridos na base da pirâmide social, 2) o debate sobre a importância das políticas públicas (distribuição de renda) e o 3) trabalho familiar.

Contudo, não é possível negar as mudanças ocorridas e nos interessa compreender como essas famílias buscaram as mudanças e como estão programando o futuro.

## **1.2 Classe Média: classificação e expansão**

Na argumentação weberiana, o conceito de classe social, como uma distinção ou divisão de grupos, é resultante da desigualdade de distribuição e das oportunidades percebidas em três dimensões – a econômica, a social e a política –, envolvendo, respectivamente, estratificadores como a classe (riqueza e renda), o status e o poder. A situação das classes relaciona-se às oportunidades oferecidas aos indivíduos. Indica a existência e a formação de grupos com interesses semelhantes, nos quais um indivíduo se encontra junto com outros (WEBER, 1974).

As pessoas que estão em mesmo patamar social e mesma ordem econômica tendem a ter as mesmas oportunidades e possuir certos bens, alcançar mesmas colocações no mercado de trabalho e ter desejos semelhantes. Dessa forma, é evidenciada uma situação de classe com oportunidade típica de uma oferta de bens e de condições de vida.

Os membros que se encontram no mesmo estrato tendem a ter os mesmos tipos de propriedades, utilizadas para a obtenção do lucro, e buscam tipos comuns de serviços oferecidos no mercado. O grupo é definido, em última instância, por interesses econômicos e neles são travadas lutas endógenas devido à busca de melhores acessos ao mercado. Assim, a existência da guerra de preços, de salários

e de produtos são os condicionantes do mercado e determinantes dos embates entre os membros dos grupos, ainda conforme Weber.

A organização ocorrida a partir do capital viabiliza a coesão dos membros, na mediada em que os interesses econômicos vinculam-se aos interesses em função de sua relação de produção e pela aquisição dos bens. A partir desse capital, os membros se identificam e percebem o funcionamento da vida social, do Estado, do mercado e mantêm um nível de conhecimento técnico e útil. Em comum, as classes têm interesses na reprodução e melhoria de seus privilégios (SOUZA, 2012), devido à sua disciplina em seu trabalho. No Brasil, na década de 2000, uma classe heterogênea foi formada por pessoas que “subiram na vida” e que esperam prosseguir ainda mais.

Gênero. A renda delas sobe 38%. Reportamos também a razão de rendas, colocando a dos mais pobres no numerador. Nesse caso, a razão de renda por sexo – mulheres por cima – sobe de 0,49 para 0,58 entre 2001 e 2009. Raça. A renda daqueles que se identificam como pretos e pardos sobe 43,1% e 48,5% respectivamente, contra 20,1% dos brancos. A razão de renda entre pretos e brancos sobe de 0,49 para 0,58 entre 2001 e 2009. Espacial. Cabe repetir que a renda do nordeste sobe 41,8%, contra 15,8% do “Sudeste maravilha”. A razão de rendas sobe de 0,43 para 0,53. Detalhando o perfil especial, a renda sobe 46,8% no Maranhão, inicialmente o estado mais pobre, contra 7,2% de São Paulo, o mais rico em 2001. Em Sergipe a renda sobe 58, no período (p. 62-63).

As alavancas para a ascensão podem ser simbolizadas pelo emprego com carteira assinada, ampliado especialmente a partir da década de 1990, sustentado pela regulamentação econômica, a estabilidade monetária, a disciplina orçamentária e a reforma fiscal. Conforme Neri (2008), frutos dos projetos implementados no Brasil desde o governo Fernando Henrique Cardoso (1994-1998), com o lançamento do Plano Real, e dos projetos promovidos durante o governo Lula (2002-2006).

O primeiro salto de redução da pobreza ocorreu no governo Fernando Henrique Cardoso (Era FHC), incluindo os efeitos da estabilização monetária, houve queda de 31%. Do advento do Real até o final da década passada, que marcou o fim da Era Lula, a taxa de pobreza caiu 67% (p. 27).

Segundo dados do relatório da DPE (Diretoria de Pesquisa Econômica) do CONAC (Coordenação de Contas Nacionais) 40 milhões de brasileiros foram incorporados à classe C. O relatório é o resultado de observações pautadas nas perspectivas de vulnerabilidade que analisaram as possibilidades de permanência e

retorno de uma pessoa à condição de pobreza ao longo de cinco anos (BNDES, 2011).

Pertencer à linha de pobreza no Brasil significa que, somando os ganhos familiares e dividindo o resultado da renda per capita, obter-se-á meio salário mínimo. Caso o resultado seja de um quarto do salário mínimo, a pessoa pertence à linha de indigência. Esses parâmetros metodológicos são utilizados pela Lei Orgânica da Assistência Social (BRASIL, 1993).

Sequencialmente, podemos falar de classes seguindo a divisão utilizada pela ABEP (Associação Brasileiras de Empresas de Pesquisas), mais conhecida como Critério Brasil, que também reconhece as classes por faixas de salários-mínimos, e segue a CCEB (Classificação Econômica Brasil), que utiliza o levantamento de aparelhos domésticos e o grau de escolaridade do chefe de família na ordenação. Pelo Critério Brasil são atribuídos pontos em função de cada característica domiciliar. Então se realiza a soma e definem-se as classes em A1, A2, B1, B2, C1, C2, D, E (ABEP, 2013).

Outro exemplo do critério de ordenação social é o proposto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A visão do IBGE baseia-se no número de salários-mínimos e divide em cinco faixas de renda, ou classes sociais, a população. Essa classificação é bem aproximada à da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que estratifica as classes utilizando critérios salariais.

Segundo a FGV, a classe E, pobre, reúne famílias com rendimentos abaixo de R\$ 768. Para classe D, os rendimentos variam entre R\$ 768 e R\$ 1.064. Pertencem à classe média os com renda *per capita* entre R\$ 1.064 e R\$ 4.900. A elite econômica (classes A e B) tem renda *per capita* superior a R\$ 4.900 (CONEI, 2009).

Neri (2011) apresentou que a classe média ganharia entre R\$1.200 e R\$ 5.174 (renda familiar). Ela foi atualizada em janeiro de 2013, com um intervalo de R\$1.315,00 e R\$ 5.672,00 (BARTELT, 2013).

Aceitamos, para os fins desta dissertação, que, a partir da década de 2000, ocorreu uma expansão da classe média, e ela tornou-se a maior parcela da sociedade brasileira. De forma endógena, essa ampliação começará a ser entendida.

Unger (2012) traça uma linha divisória entre os brasileiros pobres que conseguem ascender e outro grupo, a ralé. Como ralé, entende-se um núcleo quase

impenetrável e estático de pobres, os quais dificilmente teriam condições de ascender devido a vários problemas que os envolvem.

Todos querem que os programas sociais de transferência, como o Bolsa Família, ganhem elementos de capacitação. Não se restringe essa aspiração a nós brasileiros: é aspiração que se difunde por toda parte. Nessa busca, o equívoco mais comum que se comete é direcionar os programas de capacitação prioritariamente para o núcleo duro da pobreza: a ralé de Jessé Souza. Dificilmente, conseguem os membros da ralé beneficia-se de tais programas. As incapacidades sociais e as inibições culturais intervêm para barrar a “porta de saída”. Antes de se poderem beneficiar de tais programas, precisam que o Estado atue para estimular a auto-organização comunitária. Precisam que o Estado se associe, por meio de corpo próprio de agentes, com as comunidades organizadas para apoiar as famílias desestruturadas e, até mesmo, para assumir parte das responsabilidades (p. 11).

A nova classe C ou os “batalhadores” seriam pessoas surpreendentemente saídas da condição de “ralé”, verdadeiros “sobreviventes”, pois conseguiram perpassar as dificuldades por desejos e perspectivas futuras (UNGER, 2012, p. 14). Para Jessé Souza (2012), aí residiria a diferença e a possibilidade de mobilidade social, na visão de mundo prático, que se transforma a cada época e sociedade específicas.

Na década de 2000, o diferencial dos emergentes ou das pessoas que participavam da classe D e E seria ter ocorrido, em algumas famílias dos referidos segmentos, a apreensão da ética do trabalho, o que possibilitou a algumas famílias ascenderem e outras não. Quase de maneira geral, famílias pertencentes à classe E não visualizaram grandes chances de sair da pobreza, enquanto em maior quantidade algumas famílias da classe D aproveitaram a oportunidade. Também por temerem voltar à pobreza, inseriram-se no mercado de trabalho e buscaram estratégias de sobrevivência a longo prazo. Assim, em maior número, o grupo D e, em menor número, famílias da classe E passaram a ser classe C.

A NCM, então, passou a sentir-se segura e, na nova realidade, buscou caminhos para manter a ascensão social, realizando investimentos em qualificação, pensando no mercado de trabalho e no desenvolvimento familiar. Seria essa mudança na forma de pensar, antes pautada somente na sobrevivência e agora no futuro, o instrumento provedor da mobilidade dos atores sociais, ou seja, as mudanças ocorreram em seus pretensos projetos de vida.

Usamos como definição de projeto de vida, ou do desenvolvimento deste, os estudos de Velho (2008) da formação da subjetividade do sujeito a partir da interatividade com o meio. Tal interpretação tem por base os estudos de Schutz (1979) e o conceito de *compreender* (*Verstehen*).

Utilizamos neste estudo também o conceito de semiótica (*rede de significados*) de Geertz (1989). Tais construções metodológicas entendem a ação do sujeito engendradas em um agir recíproco de um ser com o outro. A visão de mundo ou os desejos futuros (projetos de vida) fluem intersubjetivamente herdados ou transformados no cotidiano.

Velho (2008), ao analisar a formação das perspectivas do homem urbano, lembra serem fatores influentes na formação da identidade dos sujeitos a constante visão retrospectiva e os concomitantes projetos prospectivos. “Olhando para trás e para frente, o agente individual que denominamos de sujeito reinterpreta, com maiores ou menores “ilusões” o seu passado e o seu futuro” (p. 4).

Esclarecendo esse entendimento, o autor supracitado frisa ser necessário para entendermos a sociedade moderna a ideia de uma continuidade subjetiva, interior, e que, através de múltiplas e diversificadas etapas e interações, mantém no ator uma consistência básica no self e no ego. Os quais são formados por tradições e símbolos que permeiam o universo dos atores.

O multipertencimento, a fragmentação de papéis e contextos, assim como outras análises e perspectivas, às vezes tendem a reduzir e minimizar a noção mais convencional de identidade individual a ponto de quase dissolvê-la, diluindo-a. Procuro encontrar não, propriamente, uma áurea medida ou posição intermediária mas uma perspectiva que, sem congelar o agente individual numa postura essencialista, reveja-o na dinâmica socioexistencial, tão flagrante e mesmo dramática nas cidades e metrópoles onde temos pesquisado. A ação social dos indivíduos, através de sua permanente interação, só é possível a partir de motivações que são encontradas num jogo entre mundo interior, subjetivo, e práticas e atividades no cotidiano, envolvendo redes sociais em níveis materiais e simbólicos, com especificidades e características próprias (VELHO, 2008, p.5).

Segundo Schutz (1979), nossas ações cotidianas têm por base nossas intersubjetividades. Para entender o sentido de que são dotadas as ações humanas no mundo da vida, é possível interpretá-las, pelo menos até certa medida, analisando ações racionais e não racionais. Essa análise, contudo, pode ser aceita somente até a medida em que as percepções sensoriais privadas de um indivíduo

podem ser apreendidas por outro indivíduo. Assim, seria possível interpretar a realidade social pelas motivações ou ações, pois elas são interações e estão dispostas em tudo aquilo que se dá como objeto e acontecimento no interior do mundo sociocultural, sendo possível entender dessa maneira a vida cotidiana.

O fenômeno de escolha pode se dar, não importa quão vago seja o conhecimento. Do ponto de vista do ator na vida diária, é impossível a nitidez total dos elementos envolvidos no processo de escolher, ou seja, é impossível uma ação perfeitamente racional (p. 147).

Schutz ampliou as possibilidades de entender a realidade cotidiana aceitando que nossas ações estão repletas de incontáveis elementos envolvidos no processo de nossas escolhas. Isto é muito próximo ao que pensava Weber (1991), que entendia as ações desenvolvidas pelos atores como sendo construções sociais refletindo subjetividades dotadas de sentido, e o conhecimento do mundo comum como produzido na reciprocidade, entre atores comuns, a partir da semelhança entre “os iguais”. Vamos pensar *iguais* em termos de classe social: a ação se dá carregada de sentido; ou tem uma razão de ser, tendo fins e propósitos, ou não, mas sempre é fruto da vivência social. “De modo racional referente a valores e fins: age pela crença consciente no valor – ético, estético, religioso ou qualquer que seja sua interpretação – absoluto e inerente a determinado comportamento como tal, independentemente do resultado” (p. 15).

Consoante Geertz (1989), a partir do modelo semiótico (sistemas de significação) é possível encontrar as conexões que localizam o homem no seu meio social. Em conformidade com o autor, é necessário deixar falarem as especificidades das configurações em determinado local, tais como medos, a religião, os hábitos, os objetivos de vida, entre outros recursos para interpretar uma dada ação social. Pois todas elas carregam complexos significados. Através da compreensão desses significados, pode-se interpretar o contexto no qual o sujeito está imerso.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (p. 24).

Para o autor, a cultura deve ser circunscrita aos significados socialmente estabelecidos, a intersubjetividade construída em sociedade. O mundo, desta maneira, a partir dos autores supracitados (Geertz, Schutz, Weber e Velho) não pode ser interpretado como oferecido ao indivíduo, mas se configura no quadro das interações intersubjetivas que o constitui, mundo comum aos que nele estão. Portanto, a busca por melhorias, sejam elas educacionais, financeiras, estéticas ou éticas, entre outras, estará presente na relação dos sujeitos que as experimentaram ou tiveram contato com elas. Assim, as mudanças pelas quais passaram algumas famílias, antes parte das classes E e D e, na atualidade, C, foram mudanças apreendidas, apesar das dificuldades que possam ter, a partir da interação social.

É válido ressaltar que a mobilidade de classe social entre E, D e C não é um fenômeno peculiar ao Brasil. Esse movimento acontece também nos outros países pertencentes ao BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). A sigla BRIC foi cunhada pelo pesquisador Jim O' Neill em 2001, no estudo "Building Better Global Economic BRICs", da Goldman Sachs, fazendo referência aos quatro países com futuras potencialidades econômicas: Brasil, Rússia, Índia, China e, mais recentemente, África do Sul. Esses países figurariam como pilares econômicos da globalização. Conforme o autor, eles poderão, até 2050, atingir potencialidades máximas em nível global.

Na atualidade, os BRICs, sobre vários aspectos, são referências especialmente pelo intenso e rápido crescimento. Isso os motivou a unirem-se em cooperações políticas para negociarem com os países desenvolvidos, especialmente com os Estados Unidos. Por semelhanças, e em busca de conquistas no mercado globalizado, eles estão primando por educação, investimento estrangeiro, consumo interno e por empreendedorismo nacional (CAMINOTO, 2009).

Após registrar alguns dados referentes às mudanças gerais identificadas como causas da expansão da classe C, consideraremos alguns debates sobre os grupos e as relações familiares possibilitadoras da sua ascensão social ao status de NCM.

Para Márcio Pochmann (2013), ao falar da elevação de uma classe social, é necessário perceber, além da elevação da renda, os valores, a cultura e as atitudes. A questão dos ganhos não poderia, segundo o autor, distinguir exclusivamente a

essência que envolve uma classe. “Apenas o dinheiro não faz a classe, embora seja um de seus elementos” (p.3).

Essa colocação sobre o que de fato faz uma pessoa pertencer a uma classe social é, na atualidade, ainda conforme Pochmann (2010), produzida a partir de características presentes na tradicional classe média e ausentes na nova: a) o hábito de poupar; b) planejar a médio prazo a vida familiar; c) a participação em entidades estudantis, sindicatos e associações de moradores.

Segundo Souza (2010), os valores proporcionaram a ampliação da classe emergente, a partir da transmissão da importância do trabalho contínuo de seus membros até em tempos adversos.

Quanto à ascensão da nova classe, segundo Souza (2012), desde a década de 1990, uma das possibilidades de entender esse fenômeno seria a internalização da ética do trabalho. A sociedade brasileira teria experimentado esse desejo de trabalhar para mudar de vida, uma espécie de “um novo espírito do trabalho como saída da pobreza” (p.85).

Tal pensamento nos remete a Weber (1991, p.20) “O racionalismo econômico, embora dependa parcialmente da técnica e do Direito racional, é ao mesmo tempo determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional”.

Jessé Souza (2012) pensa que, algumas famílias ascenderam, também por encontrarem um cenário econômico com possibilidade de elevação de suas rendas. O aumento dos empregos e os reajustes nos salários teriam também contribuído para o crescimento da nova classe.

Vários dos batalhadores são oriundos da “ralé” – ou da “elite da ralé”, para a qual os fatores destrutivos puderam ser compensados de algum modo eficaz – e conseguiram a duras penas ascensão material e alguma dose de autoestima e de reconhecimento social. Núcleo duro desse “capital familiar”, qualquer que seja a origem social dos “batalhadores” pesquisados, parece se consubstanciar na transmissão efetiva de uma “ética do trabalho” (p. 51).

Com temeridade, algumas famílias utilizaram, como ferramentas para escalar novos patamares sociais, uma visão de mundo mais prática: trabalhar para sair da pobreza. Esse seria o motivo essencial para distinguir porque uma família teria ascendido e outra não.

Contudo, o autor supracitado entende que essa nova classe, de batalhadores, é diferente da antiga classe C. Como exemplo, o autor lembra que existiam aspirações de “regalias” na classe média tradicional. Devido a esses objetivos, as famílias valorizavam a apreensão de alguns idiomas, e isso não ocorreria com os emergentes e suas ambições seriam trabalhar e estudar.

A NCM, para o economista Neri (2008), mudou de atitude na relação *consumidor e produtor*. A primeira (consumidor), percebida no potencial do consumo, ou no desejo da NCM por ter acesso a bens duráveis, aos serviços públicos e à moradia. A segunda inovação (produtor) pode ser entendida no aumento da geração de renda familiar e dos projetos a médio e a longo prazo.

O lado do produtor, em que identificamos o potencial de geração de renda familiar, de forma a captar a sustentabilidade das rendas percebidas por meio de inserção produtiva e níveis educacionais de deferentes membros do domicílio, investimentos em capital físico (previdência pública e privada; uso de tecnologia de informação e comunicação), capital social (sindicatos e estrutura familiar) e capital humano (dos filhos em escolas públicas e privadas) {...} o crescimento do segundo supera o primeiro. (p. 34).

Diante desses dados, Neri utiliza a analogia da fábula da formiga e da cigarra com os brasileiros hoje parte da nova classe C. Essa fábula do grego Esopo (século VI a.c) diz que as formigas vivendo eticamente, ou de forma correta, preparavam-se para enfrentar tempos adversos (inverno), fortalecendo seu local de moradia e armazenando suprimentos. A cigarra preguiçosa e festeira vivia o tempo presente sem uma preparação para o futuro. Neri (2011) lembra que a nova classe C deixou de ser cigarra e passou a viver a filosofia das formigas ou do trabalho.

Em suma, são diversas as possibilidades de se compreender os motivos promovedores das mudanças, que ocasionaram a ascensão de quase 25 milhões de brasileiros antes considerados pobres e, hoje, nova classe C. Contudo, sabemos serem complexos os fatores que envolvem um comportamento e a sua mudança.

Norbert Elias (1994) propõe, sobre as investigações das mudanças, que elas podem ocorrer a partir da percepção da coexistência das estruturas nas quais o sujeito está envolvido.

[...] Assim como os pais são necessários para trazer um filho ao mundo, assim como a mãe nutre o filho, primeiro com seu sangue e depois com o alimento vindo de seu corpo, o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade (p.31).

Com efeito, ocorreu no segmento NCM, um aumento de busca por qualificação profissional, um reflexo do desejo de organizar o futuro. Sobre o avanço na educação nas prioridades do cidadão comum. “As pesquisas de opinião, que até recentemente indicavam a educação como sétima prioridade de políticas públicas, sugerem uma mudança de patamar para o segundo lugar, atrás apenas da saúde” (NERI, 2013, p.7).

Por exemplo, consideremos os números de instituições privadas de ensino superior no cenário nacional, como símbolos dessa prioridade. A adaptação profícua da nova classe a um novo *status* sugere que ela busca ampliar e perpetuar seus ganhos, planejando o futuro. Em suma, os anseios de melhorias pessoais e familiares promoveram avanços nos números de instituições de ensino no Brasil.

Vale ressaltar o posicionamento de Jessé Souza (2012) quanto a essa perspectiva. Para ele, o diferencial dos emergentes em relação à antiga classe também consiste no capital cultural. Este é um conceito proposto por Pierre Bourdieu, que podemos entender de maneira análoga à diferenciação promovida pelo capital econômico entre as classes sociais.

Mas o efeito de conhecimento exerce reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que ele lhe concedem os membros destes grupos assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles tem em comum (BORDIEU, 2010, p.116).

Ainda conforme Jessé Souza (2010), na organização das famílias da nova classe C não há uma preparação ou um interesse em participarem dos jogos de etiquetas que separam as classes das construções sociais dos privilégios. Na classe emergente, essa necessidade não existiria. Assim, não estariam interessados nas formas de distinções, praticadas à exaustão na classe C tradicional, que visam tornar naturais a maneira de falar e de praticar bom comportamento e bons modos, para aproximar-se das classes mais elevadas, A e B.

Essa NCM se distingue no comportamento por possuir como base, como valor central, manter-se trabalhando e estudando. Esse seria seu projeto de vida. Eles não estariam preocupados em igualar-se à elite, conforme a análise de Jessé Souza.

A nova classe trabalhadora não participa desse jogo da distinção que caracteriza as classes, alta e média. Como na reportagem de um número recente da revista *Negócios e Finanças*, que foi pensada como um “elogio” a essa classe, mas que estranha que a classe C não se mude de bairro quando ascende economicamente, ela tem opções e gostos muito diferentes. Ela é comunitária e não “individualista”, por exemplo, nas suas escolhas. Ficar no mesmo lugar onde se tem amigos e parentes é mais importante que se mudar para um bairro melhor (2012, p. 50).

Segundo pesquisa do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) revelou, a NCM tem preferência por centros comerciais abertos, como lojas de ruas, a *shoppings centers* grandes e luxuosos (IBOPE, 2010).

Quanto aos laços familiares, segundo Jessé Souza (2012), as famílias desse segmento têm dois elementos básicos - o *arcaísmo patriarcal* e a *instrumentalidade*. O primeiro é uma espécie de rede de solidariedade, dos benefícios pessoais, na qual um membro (homem, pai) detém a autoridade e os deveres sobre os demais.

O segundo, a instrumentalidade, é uma inovação da contemporaneidade. Isso pode ser entendido como o sustento de um ou mais membros familiares, que querem sempre ganhar. Por falhas ou ausência de valores, o indivíduo deseja ou espera sempre ganhar à custa do sucesso do outro, que nós iremos traduzir como: “*o trabalho é teu, mas o dinheiro é nosso*”. Essa realidade, ainda conforme Jessé Souza, estaria presente em famílias formadas por laços afetivos ou consanguíneos.

Portanto, a mudança social pela qual passou o segmento, a nova classe C, repercute na ampliação do acesso à riqueza material e imaterial do grupo, sua identidade social, seu estilo, sua forma de linguagem, seu comportamento corporal, seu capital cultural etc.

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, das coisas materiais e simbólicas que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julgam reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 2010, p. 69).

Como mencionado por Bourdieu, a visão de mundo de uma pessoa está interagindo com as estruturas, cujas mudanças repercutem em novas maneiras de aprendê-las, ou seja, a NCM representa as possibilidades e aspirações promovidas na interatividade do contexto social brasileiro. As mudanças pelas quais vêm passando o segmento simbolizam várias outras transformações no grupo social, o

que a princípio foi fomentado por pequenos ganhos, a partir dos incrementos econômicos. Esses emergentes, seja com parentes, vizinhos ou amigos, vêm aprendendo a planejar estrategicamente o futuro para alcançarem novos horizontes.

### **1.3 A Classe Média de Manaus**

Segundo Corcuff (2000), na atualidade, a investigação sujeito-objeto e indivíduo-coletividade convergem suas análises para abordagens construtivistas, nas quais a realidade social é interpretada pelos atores que a constroem e atribuem importância e sentido às suas representações. A realidade, então, é apreendida como um processo histórico e cotidiano no qual os atores perpetuam e/ou recriam seus valores coletivos nos sistemas representacionais. “A palavra construção nos remete ao mesmo tempo aos produtos (duráveis ou temporários) das relações anteriores e dos processos em curso de reestruturação” (p.26)

Portanto, ao desejarmos compreender as intencionalidades, a partir dos projetos de vida da NCM, buscamos primeiramente apreender as suas motivações e, depois, conectá-las ao desenvolvimento da cidade de Manaus em dois momentos econômicos: o Ciclo da Borracha e a Zona Franca.

Esses projetos econômicos da capital serão interpretados em conformidade com Dias (2007), Gil (2009) e Márcio Souza (2010), entre outros autores que analisam a economia local, caracterizando-a como sendo politicamente orientada.

A partir de tal base de formação econômica, a NCM assim como as demais classes sociais, seria gerada especialmente por intermédio dos projetos oficiais e não pelo mercado, causa e consequência dos limites de sua autonomia.

Seguindo o entendimento de Weber (2010) observa-se a inclinação da economia do Amazonas ao capitalismo politicamente orientado, privilegiando um segmento social e negando potencialidade para o desenvolvimento de outros atores envolvidos.

Encontramos, primeiramente, por toda parte, e nas épocas mais diferentes, vários tipos de um capitalismo irracional: empresas capitalistas que tinham por finalidade o arrendamento dos tributos (tanto no Ocidente como na China e na Ásia Menor) e outras espécies de contribuições para financiar a guerra (na China e na Índia, na época dos Estados parciais); capitalismo mercantil de tipo especulativo, em todas as épocas da história; e capitalismo usurário, que, através do empréstimo, explora as necessidades alheias. Todas estas formas de capitalismo são orientadas no sentido da presa de

guerra, dos impostos, das prebendas oficiais, da usura oficial (quando o funcionário foi financiado por suas empresas, como César por Cresco, e logo trata de cobrir seus débitos mediante abusos oficiais), e, finalmente, dos tributos e das soluções de necessidades diárias. Todas estas formas, sem que jamais surgisse delas um sistema de organização do trabalho (p. 304).

No capitalismo politicamente orientado, os modos de produção e as trocas derivam, em grande parte, do poder coercitivo do Estado e não da exploração racional do mercado. Assim, mantém-se a concentração de renda e desigualdade social. “A estratificação social por ele regulada se lhes subordinam, e do alto, impõe direção à economia, de modo direto, pelas proibições, estímulos e especulação comercial e, do modo indireto, pela tributação.” (FAORO, 1989, p.10).

O inverso do capitalismo orientado pelo Estado seria o orientado para o mercado ou racional, visando primeiramente às oportunidades econômicas, baseando-se na venda para grandes massas e em seu constante abastecimento para elevar a capacidade do sistema econômico e, automaticamente, o sistema social (WEBER, 2010).

Em suma, alerta-nos Max Weber (1991; 2010) sobre as diferentes formas do capitalismo racional (orientado para o mercado) e irracional (politicamente orientado). O primeiro direciona seu desenvolvimento no sentido das oportunidades automáticas do mercado, especificamente pautado para realizações mercantis, diferente do segundo, que é orientado no sentido de alcançar possibilidades diversas, tais como, oportunidades fiscais e coloniais ou monopólio estatal, entre outras.

Segundo Rezende (2006), a comunidade política brasileira, ao longo do processo histórico, sempre esteve controlando o aparelhamento estatal, como se fosse a gerenciadora de negócios privados. Essa forma de gerenciar os negócios públicos (como se fossem seus) produziu um grupo empresarial inteiramente dependente do Estado.

Quer seja por créditos, quer para subsídios, quer para fomentos, quer para facilitações de seus negócios de modo geral. Esse processo eliminou paulatinamente a constituição de um capitalismo economicamente orientado. O efeito imediato desse processo foi o não florescimento de um embate político por onde fluíssem os interesses nacionais e coletivos. O capitalismo politicamente orientado está praticamente viciado em processos políticos que extirpam o enfrentamento, o embate entre as diversas forças sociais (p 22).

Fusc (2011) e mais sete jornalistas formaram um grupo, com a missão de investigar, se de fato o governo brasileiro regularia as atividades econômicas. Durante três meses, a equipe analisou relatórios ministeriais, balanços e planilhas de dados do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), estatais das Bolsas de Valores e das empresas privadas sob influência do governo.

Como resultado a equipe apontou ou ratificou de forma afirmativa que o governo orienta a economia no Brasil.

O Estado é dono de empresas. Também. É sócio de empresas que não controla totalmente? Certamente. E ainda é dono de bancos mastodônticos e de companhias gigantescas, que detêm participações em uma fauna de empresas de todas as espécies. Restringimos nosso trabalho às participações do governo federal – um critério conservador para estimar o tamanho do Estado, por omitir as estatais em poder de Estados e municípios. No futebol da economia brasileira, o governo não é apenas juiz, bandeirinha, técnico, zagueiro e artilheiro ao mesmo tempo. Ele também corta o gramado do estádio, costura as redes e – se quiser – pode até mexer no tamanho das traves. É provável que, se ele procurasse se concentrar nos três pilares da ação estatal – educação, saúde e segurança –, em vez de alimentar o mito do Estado-empresário, o país funcionaria melhor. Haveria menos corrupção, menos tráfico de influência e menos apadrinhamento (p.2).

Conforme as investigações de Fusc, a redução da ação do governo na economia significaria um governo cuidando da fiscalização e regulação do mercado, estabelecendo normas que garantissem a qualidade da produção e a boa prestação de serviços à população. Isso não significa, ressalta a reportagem, mercados deixados à vontade e, sim, regulados e fazendo a parte que lhes cabe, de desenvolver o país.

Em Manaus, um significativo momento de mudança econômica foi o Ciclo da Borracha, situado entre 1890 a 1920. Ele aponta para essa organização econômica do Estado tomando para si a responsabilidade sobre o poder de mando na economia. Foi um tempo em que o Amazonas figurou como um dos principais produtores de borracha. A exportação do látex orientava a economia, visando atender à demanda do mercado mundial, atraindo nordestinos e brasileiros de outras regiões, para Manaus, bem como imigrantes ingleses, franceses, judeus, gregos, portugueses, italianos e espanhóis, promovendo o crescimento demográfico da cidade (BENCHIMOL, 2002).

Esse período marcou a transformação de Manaus, de cidade dos “naturalistas” para “Capital da Borracha”, uma cidade modernizada e limpa. A

mudança, um projeto desenvolvido pelos administradores locais com o qual se pretendia atrair especialmente negociantes, transformou a cidade de um espaço comum em local estratificado com necessidades de mudanças materiais, culturais e espirituais (DIAS, 2007).

A partir de então, ergueram-se “muralhas” na capital, segregando os habitantes, em conformidade com suas posses. O Centro da cidade abrigava as casas comerciais e onde se localizavam as melhores residências. Porém, havia o restante da cidade ou onde moravam as pessoas que habitavam casas de madeira e de palha com mínima infraestrutura.

A modernidade em Manaus não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos {...} destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. É a modernidade ao porto de lenha, com sua visão transformadora, arrasando o atrasado e feio, e construindo o moderno e belo (DIAS, 2007 p.39).

A modernização de Manaus era moldada tendo como modelo a sociedade europeia. Para tanto, necessitaria ultrapassar as barreiras de seus costumes locais, tais como os de compreender o trabalho. Dias (2007) lembra que, por muito tempo, os índios representavam o maior contingente de trabalhadores na capital e seus ofícios estavam na área da navegação, agricultura, coleta de drogas e serviços domésticos.

Para erigir a capital modernizada, seria necessário mudar a cultura do trabalho local e trazer novas categorias de trabalhadores, especialmente para as construções de prédios, repartições, igrejas, pois os índios, majoritária parcela de trabalhadores locais, não se dispunham às novas exigências do trabalho e ao acréscimo no horário, um grande obstáculo para dinamizar o projeto de urbanização.

Por vezes, os índios, trabalhadores urbanos, abandonavam seus postos de trabalho e não se importavam nem mesmo se tivessem salários a receber. Trabalhar era, para a população de Manaus antes do apogeu da borracha, valor de uso e, por isso, urgia a chegada de novos trabalhadores para sanar essa necessidade (FIGUEIREDO, 2011).

Habitavam a cidade de Manaus, com seus portos precários, trapiches, pontes de madeira e prédios em ruínas, uma população de 8.500 habitantes no ano de 1852. Trinta anos depois, em 1890, já somava 50.300 pessoas. Essa quintuplicação

dos habitantes exigia novas respostas do comércio, no abastecimento e nas diversas atividades locais.

No mundo do trabalho, as mudanças que ocorriam deixavam de lado as poucas horas de trabalho e os instrumentos mais rústicos, mudando a maneira cotidiana da população que passou a adequar-se aos novos tempos, com novas regras de convivência. “A higiene na cidade, o asseio de suas praças e ruas, a instalação de saneamento básico, esgoto, água, transportes, luz elétrica. As inovações seriam o atestado visível da modernização {...} a borracha cria sua civilização” (DIAS, 2007, p.37).

A expansão da economia gomífera promovia, assim, mudanças paradigmáticas no modo de produção local, que passou a ser entendido como valor de troca, voltado a abastecer as demandas da capital, para o capital, movida especialmente pela produção da borracha diversificada na forma de sernambi e caucho, e comercializada concomitantemente com castanha, tabaco e leite de sorva, entre outros produtos.

Manaus modernizada passava a figurar como centro de intermediação de compras, abastecendo a população urbana e os seringais, fornecendo produtos para suprir as demandas de uma população muito diversificada quanto à nacionalidade e à regionalidade.

Nesse contexto, desenvolvem-se também as casas aviadoras, estabelecimentos comerciais com produtos múltiplos vindos de todas as partes do Brasil e do mundo. Essas casas abasteciam especialmente os seringais e deles recebiam a borracha ali produzida e a vendia para o exterior. Os aviadores ou comerciantes eram, em sua maioria, estrangeiros e os seringalistas, na sua maioria, nordestinos. Juntamente com seringueiros e regatões, movimentavam a sociedade da borracha (BENCHIMOL, 2009).

Após o apogeu de 1890 a 1920, a borracha sofreu retração em seus lucros, chegando os indicadores sociais e econômicos da capital, em 1930, a figurarem próximos da indigência, devido à queda do preço do látex no comércio mundial causada pela produção desenvolvida na Ásia (Ceilão, Indonésia e Malásia), a qual promoveu a concorrência e o barateamento da exportação da produção brasileira. Sem lucro ou emprego, boa parte da população retornou aos municípios de origem, aos Estados ou aos países. Um cenário caótico descrito por Márcio Souza, assim:

Durante os anos de depressão, Manaus sofreu uma assustadora redução populacional e o índice de liquidez caiu praticamente a zero. A massa urbana regressava para o sistema do trabalho de subsistência e para o regime de troca. A classe média, proletarizada, necessitava de crédito aberto do comércio e, com o alto índice de desemprego, atingia níveis de indigência. Os palacetes começavam a ruir abandonados e as ruas enchiam-se de buracos. Toda a infraestrutura de serviços urbanos começou a entrar em colapso e o êxodo das pessoas interioranas acelerava esse processo (2010, p. 165).

A crise arrastou-se por décadas, já que a economia da região era dependente do mercado externo, um problema ao protagonismo da cidade de Manaus, assim como de outras capitais brasileiras, projetadas para facilitar a circulação e o consumo do comércio esporádico e não para o desenvolvimento industrial. Daí, as consequências negativas e os entraves econômicos (DIAS, 2007).

#### **1.4 Novo Surto Econômico: A Zona Franca de Manaus**

Nos primeiros 30 anos do fortalecimento industrial do Brasil, de 1930 a 1960, assim como no ciclo econômico anterior (café), São Paulo e o Rio de Janeiro fortaleceram-se economicamente, principalmente devido às suas condições naturais e históricas. A concentração do contingente industrial, cada vez mais, atraía migrantes e logo o Sudeste do país alargou as diferenças regionais. Com o intuito de contrabalançar essa realidade, foram criados órgãos governamentais específicos para desenvolver as regiões com menos potencialidades industriais, como o norte do país.

Manaus, após a economia da borracha, tornou-se um entreposto comercial e desenvolvia uma economia extrativista com vários países, compradores dos produtos da região, de sua fauna e flora. Daí, mais uma necessidade de integrar a região e manter sua biodiversidade protegida.

A região por certo despertaria a cobiça internacional – denúncia feita com veemência pelo historiador Arthur César Ferreira Reis, que se tornou o primeiro governador do Amazonas no período militar. Essa possibilidade foi reforçada com a chegada dos movimentos ambientalistas que se desenvolveram no mundo após a década de 50, de forma intensa – principalmente nos países ricos – o que tornava maior a apreensão dos militares em relação à soberania e à segurança nacional da Amazônia (BOMFIM; BOTELHO, 2009, p. 19).

Assim, foi pensado o projeto Zona Franca com o intuito de integrar a região Norte ao restante do país. O modelo, existente em outras áreas do mundo, como na Ásia, apresentava profícuo desenvolvimento. De forma sumária, ele (projeto) pode ser entendido como a criação de indústrias para montagem de produtos semiacabados, fabricados nas matrizes das multinacionais, americanas, europeias etc. Após receber o acabamento (nas Zonas Francas), os produtos seguiriam para os mercados consumidores, nacional e internacional.

No discurso oficial, a implantação da Zona Franca em Manaus foi justificada pela necessidade de povoamento. O velho problema da região consistia em proporcionar condições de vida e infraestrutura para que pudesse a região ser uma área atrativa (SERÁFICO; SERÁFICO, 2005).

Para adequar a Zona Franca a Manaus, eram necessárias melhorias em diversos serviços, como fornecimento de energia elétrica, de um sistema de transporte e de comunicação, que eram, nessa época, precários e afetavam ou mantinham isolada Manaus dos centros do poder político. Um cenário de fragilidade econômica e ausência de perspectiva de mudança (BATISTA, 2006).

Acrescentava-se a esses problemas, que afugentavam os investidores e causavam também a fuga da população com maior potencial econômico e intelectual, a distância da região dos grandes centros consumidores do país, das fontes supridoras de matéria prima e a carência de ciência e tecnologia de ponta, como lembrado por Djalma Batista.

O êxodo dos moços promissores, a distância que nos encontramos e a instabilidade de nossa população. Sobretudo essa instabilidade nos estiola: faz com que a maioria dos habitantes do Amazonas pense em debandar mais cedo ou mais tarde. Temos aqui uma verdadeira mentalidade de acampamento, em virtude da qual grandes fortunas (de dinheiro e de valores mentais) são carreadas para outros centros, todos os anos, pelos que conseguem amealhar recursos, mesmo à custa de ingentes sacrifícios: verifica-se o absurdo de que quase todo o mundo se sente roubado por viver nestas paragens! (2006, p.82, grifo nosso).

Fato é que, em 1957, o deputado Francisco Pereira pensou um projeto de melhorias para dinamizar a economia da região e, em 1967, a ZFM foi instituída, já no final do governo do general Castelo Branco (ex-comandante militar da Amazônia).

O significado do modelo para o país e para a região foi de fundir a economia municipal, regional, nacional aos organismos internacionais. A Zona Franca de Manaus, fiscalizada pela Suframa, atraiu para a região muitas indústrias, sobretudo no ramo eletrônico avançado, que se beneficiavam das facilidades de importação de peças e componentes de aparelhos eletrônicos. Seu atrativo foi oferecer um conjunto de incentivos fiscais aos empreendimentos que se instalassem em Manaus (CORRÊA, 2000) e (BOMFIM; BOTELHO, 2009).

Foram criados incentivos no âmbito de impostos indiretos que impactavam os custos das empresas - Impostos de importação, IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) e ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviço) e ISS (Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza) -, sem concessão de nenhum subsídio ao capital, como ocorria na Sudam e Sudene (BOMFIM; BOTELHO, 2009, p. 20).

A implantação da ZFM gerou renda, emprego, tributos e exportações crescentes. Ela engloba uma superfície de 10.000 km<sup>2</sup> e praticamente se circunscreve à cidade de Manaus (LOUREIRO, 2003).

Das empresas que se instalaram em Manaus, primeiramente chegaram as menos sensíveis aos fretes de mercadorias, as de eletroeletrônico. Em seguida, fixaram-se os fabricantes de relógios, componentes plásticos, lentes oftálmicas, brinquedos, barbeadores, canetas, isqueiros descartáveis e de material de embalagem (FIGUEIREDO, 2011).

Na atualidade, um setor de relevada importância é o de veículos de duas rodas, que apresenta um notável desenvolvimento, com parte da produção sendo vendida ao exterior, contribuindo de forma crescente para elevar e diversificar as exportações. A ZFM ampliou a cadeia de demanda de bens e serviços do município, da região e até do país e fortaleceu as economias próximas. Ela é hoje a mola propulsora da economia do Amazonas, respondendo quase por toda a totalidade do seu PIB, e de sua arrecadação tributária, além da geração de renda e emprego no Estado.

Sendo o centro da economia, a indústria de Manaus é composta por cerca de 690 empresas que geram mais de 100 mil empregos diretos que, somados aos indiretos, representam mais de 500 mil oferecendo condições para o surgimento de outras atividades laborais (BOMFIM; BOTELHO 2009).

Conforme Edward (2009), ao longo dos seus 40 anos, a ZFM tornou a região duas vezes mais rica (com base nos dados do PIB utilizados na pesquisa). Outro traço em destaque na pesquisa de Edward, e que gera muita polêmica entre os estudiosos, diz que entre todos os projetos para preservação da floresta, a ZFM seria a grande responsável pela diminuição da destruição ambiental.

“Toda essa riqueza é produzida sem que seja necessário derrubar uma única árvore”, diz José Alberto Machado, especialista em desenvolvimento regional e professor da Universidade Federal do Amazonas “Temos aqui, de fato, uma indústria limpa, de costas para a floresta”, acrescenta o economista Alexandre Rivas. Machado e Rivas são autores de um estudo recém-lançado que demonstra de forma científica o impacto virtuoso que o polo industrial de Manaus exerce sobre a proteção da Floresta Amazônica. Os pesquisadores chegaram à conclusão de que a existência do complexo industrial atenuou em pelo menos 70% o desmatamento no estado do Amazonas. O trabalho conclui que a dinâmica econômica provocada pelas indústrias instaladas na Zona Franca contribuiu de forma decisiva para que o Amazonas tenha atualmente 98% de sua área de floresta preservada (p.3).

Apesar de todas as melhorias e o significado que a Zona Franca de Manaus tem para a região, existem vários estudos apontando, digamos, o lado nocivo do modelo econômico, dos quais abordaremos alguns pontos a seguir.

Mas vamos lembrar que é ponto de consonância entre os autores (estudiosos da Zona Franca de Manaus) que o polo industrial de Manaus é a coluna dorsal da economia do Estado e que ela é efêmera, quando pensada a partir da dependência dos incentivos. Sem eles o futuro para a capital seria análogo ao ocorrido no pós-ciclo da borracha. Enfim, a Zona Franca é meio e fim, possibilidade e limite da sobrevivência e de avanços circunscritos na sua economia de orientação estatal.

Márcio Souza (2010) resumiu o projeto Zona Franca de maneira dual, uma modernização caminhando para a barbárie.

A Zona Franca parece uma solução justa e de efeito seguro que afastou o marasmo financeiro e impulsionou o Estado. Em outros, ela aparece como uma medida do modelo autoritário, que esvaziou o poder político estadual, afastou os técnicos nativos e provocou o esfacelamento da tradicional elite econômica fundada no extrativismo e no comércio. No primeiro caso, foi a solução que duplicou a população de Manaus e atraiu centenas de comerciantes internacionais, que lotou as ruas do comércio com consumidores apressados e inaugurou indústrias de esteiras de montagem. No segundo caso, é a patada histórica que colocou a luz do dia os problemas já, hoje, crônicos de um modelo social inadequado (p.184).

Gil (2009) enfoca que Manaus, chegou ao século XXI sem desenvolver, o eixo básico que garante autonomia a uma sociedade: a geração de emprego forte, o que significaria surgimento de postos de trabalho, para além da espera de vagas somente no serviço público. “Não é possível deixar os governos e os impostos crescerem mais e mais. É necessário deixar crescer a iniciativa privada e fomentar o progresso do mercado, liberando-o de possíveis tutelas políticas” (p.1) .

Corrêa (2010) argumentou que a região amazônica na atualidade tem comprometedor situação em termos de cidadania no Brasil. A partir dos dados do Censo e outras sistematizações nacionais como as do IBGE, ela pontuou as desigualdades e exclusões dos setores carentes e o não acesso dessa população às políticas públicas.

Logo, o desenvolvimento da capital, guiado por uma visão capitalista “política” lega um descompasso entre modernização e modernidade. A modernização, enquanto conservação, mantém a dependência na medida em que as mudanças ocorrem na base produtiva, mas não alcançam o tecido social.

O grande desafio econômico da capital seria mudar o seu modelo econômico atual, típico do capitalismo politicamente orientado, (GIL, 2009) em sua origem e desenvolvimento, ou seja, criar alternativas ao motor econômico da região, que é dependente de acordos oficiais (Modelo Zona Franca). Torná-lo um modelo com base no capitalismo de mercado (Estado X Mercado) seria o grande desafio.

#### 1.4.1 Zona Franca: mudanças na cidade e das perspectivas da classe média

Em Manaus, a classe média é composta por 46% do total de 1,862 milhão dos habitantes da cidade IBGE (2010), uma população que progressivamente amplia seu quantitativo com imigrantes, oriundos de diversas regiões do País.

Conforme Gil (2009), entre outras implicações o progressivo crescimento populacional de Manaus acarreta aos gestores públicos uma constante readequação dos gastos, pois os recursos são finitos, mas a demanda é crescente. Assim, a longo prazo, os recursos não suportariam a demanda. Urgiria, então, pensar o desenvolvimento do mercado local (iniciativa privada). Segundo Portela (2012), 4 mil migrantes vindos de outros Estados e do interior chegam em busca de trabalho, sobretudo na indústria, na construção civil e na área de serviços, por ano.

Em porcentagem, 49,9% dos habitantes do Estado do Amazonas vivem na capital, ou seja, Manaus é uma cidade-estado (idem).

Os maiores fluxos migratórios vêm do Ceará, Maranhão e do Pará e interior do Estado. Eles se estabelecem na cidade e se unem a outros diversos imigrantes e migrantes que já compõem o cenário local (BENCHIMOL, 2009).

Desde a criação, em 1967, o polo industrial de Manaus transformou a vida dos trabalhadores. Alguns fizeram carreira nas multinacionais; outros, no comércio, e outros, nas demais áreas de trabalho. Eles compram imóveis, automóveis e qualificam-se profissionalmente na capital. Os desafios ou as buscas por melhorias financeiras, segundo Simmel (1995), podem ser compreendidos como parte da cultura urbana. Nela, o desejo por posses é internalizado por meio do convívio.

Mais do que a indústria, ela (cultura urbana) é a chave para a compreensão do comportamento social na modernidade e sua dinâmica regida pela economia monetária, na qual ocorre a transformação descontrolada dos meios em fins e dos fins em meios, dos sujeitos em meios e dos objetos em fins. Isso afeta a própria subjetividade dos sujeitos, que passam a ser dominados por eles (objetos) ao invés de dominá-los, segundo seu desejo.

Ainda conforme o autor, o processo de superação da objetividade atribui um caráter universal ao fetichismo da mercadoria e essa situação é problemática e típica da vida nos grandes centros por sua capacidade de crescimento ilimitado.

Lamounier (2008) ratifica que, nos centros urbanos, as pessoas têm, em comum, o desejo de consumo. Contudo, esse desejo vem mudando. Até 1950, por exemplo, no Brasil, o foco das famílias de baixa renda era ascender à classe média, a mobilidade vertical. Essas pessoas desejavam (a maioria talvez de maneira bastante vaga) uma mudança no *status* de classe.

Tal *status* era então percebido como uma unidade: um bem que se possuía ou não se possuía, mas não se podia possuir em parte. Perdê-lo era perder tudo, decair para a situação de vida dos trabalhadores manuais, senão da “gentalha” (ibid).

Nas décadas seguintes, o desejo passa a ser bifronte, uma deusa de duas faces. Por um lado, significa a democratização do consumo e, por outro, um desejo de nivelamento com aspirações de lazer e conforto, cujo ápice seria a plena felicidade.

Uma postura indicando mudanças de aspirações de uma classe não se percebe unicamente pela formação, ou comportamento, mas também pelo que possui e pelo que deseja possuir. Assim é possível perceber uma convergência entre a esperança e a concretização dos respectivos sonhos – a curto, médio e longo prazo - da NCM.

Até mesmo aquelas ambições distantes, como a volta ao mundo, as viagens aéreas e os intercâmbios, hoje, devido ao crédito, ao parcelamento, são concretizadas. “Tudo é possível a partir da segurança do financiamento” (BAUMAN, 2010, p. 27). As aspirações mudaram ou maximizaram-se.

Pesquisa feita pelo Instituto Data Popular (2013) apresentou como sendo atuais desejos de compra dos brasileiros da classe intermediária, em primeiro lugar, a troca do aparelho celular, sequenciada pelo desejo de adquirir um computador, reformar a casa, viajar de avião e comprar um carro. Esta é uma realidade já vista em Manaus, com sua frota nova de carros e motos. Segundo dados do DETRAN (Departamento Estadual de Transito do Amazonas), 67,5% dos 552.164 veículos do Estado possuem menos de 10 anos e 29% da frota têm de um a três anos. A cada dez minutos, um veículo novo é vendido em Manaus (DETRAN/AM 2013).

Segundo Pesquisa da FENABRAVE (Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores), os brasileiros emergentes querem trocar o carro de motor 1.0 por modelos mais potentes. O emplacamento em todo o país de carros com esse motor (1,0) atingiu o menor percentual nos últimos anos (FENABRAVE, 2013).

Em fevereiro de 2013, a participação dos referidos modelos (1.0) foi de 42,6%. Em 2002 eram os preferidos por 71,1% dos brasileiros. O acesso facilitado ao crédito e o consumo de combustível semelhante entre os modelos oferecidos pelas fábricas seriam os fatores que catalisariam a busca pelos veículos mais potentes, que chegam a custar, em média, acima de R\$ 38 mil (ibid).

Outras pretensões dos emergentes são adquirir eletrodomésticos de última geração e promover uma mudança de hábito na alimentação, trocando o frango por carne nobre e o óleo de soja pelo azeite, por exemplo.

De acordo com o IBGE (2012), o aumento da renda dos brasileiros representou mudanças nas suas prioridades. Hoje, se pretende gastar com habitação (35,9%), alimentação (19,8%) transporte (19,6%), saúde (7,2%), vestuário (5,5%) e com a educação (3%). A pesquisa apresenta ainda que 80% dos entrevistados acreditam que o futuro pode ficar ainda melhor.

Segundo Litaiff (2011), o diferencial da nova classe C é o cumprimento de prazos. Eles são bons clientes, na medida em que quitam suas dívidas e reutilizam seus créditos para novas compras. Assim, o mercado passou a atender com mais atenção a esses consumidores e a reordenar a paisagem urbana.

Na última década, Manaus expande-se econômica. Nas Zonas Norte e Leste, as mudanças são perceptíveis no aumento de agências bancárias (Banco do Brasil, Itaú, Santander, Bradesco e Caixa Econômica Federal), supermercados, *pet shops*, salões de cabeleireiros, *shoppings centers*, cursos de idiomas e cursos preparatórios. Entre vários outros serviços, são também previstas inaugurações de mais um shopping na Zona Leste – ela já possui três – e há a previsão da chegada dos dois primeiros da Zona Norte. Atualmente, a capital do Amazonas tem nove Shoppings Center em funcionamento (VILLAR, 2011).

Nas demais zonas da cidade, as mudanças estão nos projetos arquitetônicos que, a partir de 2008, tendem à verticalização, conforme argumenta Eduardo Lopes, presidente do Sinduscon-AM. Ao final da década de 2000, Manaus passou a adotar o padrão da verticalização nos bairros nobres da capital nas Zonas Sul, Centro-Sul e Oeste. São bairros onde as construtoras constroem prédios com até 18 andares e com mais de 35 metros (CASTRO, 2013).

Essa proposta de verticalização é bem recebida pelo investidor por proporcionar privacidade, segurança e qualidade de vida. As maiores construções estão na Ponta Negra, Adrianópolis, Vila Municipal, Morada do Sol, Aleixo e Parque 10, áreas que têm os melhores serviços, viadutos, vias pavimentadas, maior número de delegacias, postos hospitalares, policiamento ostensivo e transporte coletivo. Essas áreas são projetadas de maneira ordenada. Ele explica, Eduardo Lopes, que a verticalização ocorre especialmente com o objetivo de criar um alto padrão e por isso restringe-se a determinadas áreas.

Enfim, Manaus é, nos dias atuais, uma cidade tomada por construções de hipermercados, *shopping center*, casas de diversões, com muitos automóveis novos nas ruas, prédios suntuosos e necessitando cada vez mais de alargamento nas avenidas e novos viadutos. Uma cidade bem diferente da Manaus do início do século. Se a diferença é positiva ou negativa, depende de múltiplos fatores e interpretações. Aqui iremos pontuar duas análises sobre essas alterações no espaço urbano, ambas percebem as mudanças a partir das contradições.

Seguindo a reflexão de Baumam (2010), o espaço planejado, territorial-urbanístico-arquitetônico, segue os princípios da uniformidade e regularidade (e, portanto, também da permutabilidade) dos elementos. Para o autor, “o número e o tamanho de todos os edifícios serão ditados pelas necessidades de uma dada cidade e pela exigência de separar espacialmente partes da cidade dedicadas a diferentes funções ou diversas pela qualidade dos seus habitantes” (p. 44).

E, no processo de organização, cada classe irá ocupar um distrito separado e cada família, um apartamento. O sonho de um espaço urbano é idealizado por um plano racional, que torna as cidades modernas com traços semelhantes, objetivando impressionar os visitantes por ruas retas, com praças espaçosas e edifícios públicos. Conforme avança a ordenação das cidades, ocorre uma desconstrução das histórias e especificidades locais.

A “desmaterialização” de espaço e tempo, combinado com a ideia da “felicidade racional”, torna-se um mandamento firme e incondicional quando a realidade humana é contemplada das janelas dos gabinetes da administração. Só quando vista através dessas janelas é que a diversidade dos fragmentos de espaço e particularmente a abertura final e subdeterminação de sua destinação, sua receptividade a múltiplas interpretações, parecem negar a possibilidade de ação racional (p. 46).

No contexto racional de planejamento do espaço seria difícil imaginar um modelo de felicidade diferente da vida num mundo que dá impressão dessa racionalidade.

Márcio Souza (2010) vê Manaus atualmente beirando o caos, com suas ruas sem pavimentação, trânsito estrangulado, modelo arquitetônico destituído de estética e com serviços insuficientes de infraestrutura, transporte, saúde, cultura e educação.

## **1.5 O trabalho, o estudo e a política**

Foram os projetos econômicos os promotores da ampliação da classe C (NERI, 2011). Junto com tais projetos econômicos ocorrem também as mudanças de valores em todas as esferas. Elas promoveram o protagonismo social, desse segmento ascendente.

Por exemplo, a existência de ter ocorrido mudanças no cerne da família NCM é convergente nos estudos dos sociólogos, cientistas políticos e economistas que a analisam, de tal modo que as atividades desenvolvidas na vida familiar passaram a ser a preocupação de muitos debates, envolvendo o segmento em análise.

Ademais, a quantidade de pessoas que pertencem à classe C no Brasil, mais de 40 milhões de pessoas, equivale à população da Argentina, da Dinamarca, da Finlândia, da Noruega (idem). Ou seja, a classe C é tão significativa por poder definir uma eleição, assim como, na economia, pode transformar simples investimentos em um empreendimento de sucesso.

Nos estudos de Amaury de Souza (2010), por exemplo, a vida doméstica da classe C é entendida, primeiramente, como organizada para a subsistência. Em um segundo momento, passou a constituir-se na busca pela posse de bens materiais.

Já na conjuntura expansionista, pós-redemocratização do Brasil, essa vida de classe C foi orientada para o investimento em educação, com a finalidade de garantir a reprodução e a perpetuação do seu *status* social recém adquirido. “Essa classe média é ambiciosa, empreendedora e quer enriquecer e depender menos do Estado. Um dado bem marcante é que ela sabe quão importante é a educação e está investindo nisso” (p. 3).

Acrescenta também Amauri de Souza que as mudanças ocorridas nas últimas décadas, promovidas pelo Estado, possibilitaram o aumento do consumo e a popularização do crédito informal. Para ele, a próxima empreitada do grupo será, cada vez mais, familiarizar-se com computadores e internet. Isso irá disseminar seus valores e formará a opinião popular, que revolucionará diversos temas atuais.

Tal afirmação pode ser consubstanciada, a partir do perfil dos jovens trabalhadores, o que também estaria mudando. Eles têm nível de escolaridade superior ao dos pais, ingressam no mercado, desempenhando funções menos tradicionais, e recebem salários melhores.

Conforme Marinheiro (2012), em pesquisa publicada sobre o potencial da classe C, cerca de 26% da atual geração de pais pertencentes a esse segmento concluíram o ensino fundamental, contra 65% dos filhos.

Na maioria das famílias, os pais ainda são mecânicos, pedreiros, empregadas domésticas, cozinheiras. Os filhos, vendedores de lojas, operadores de telemarketing, recepcionistas e estudam no período noturno. Hoje, o sonho dos jovens não é apenas o consumo e sim o diploma de ensino superior, que se tornou mais importante do que qualquer outro produto disponível no mercado.

Diferentemente do que ocorria há tempos passados, não é só o trabalho que interessa no âmbito da família na conjuntura atual, mas ter um trabalho com um significado, para além do sustento da família. Por isso, os trabalhadores passaram a ser trabalhadores-estudantes, uma vez que, para manter a condição ou seu *status*, é preciso esforçar-se e investir nos estudos.

A categoria *trabalho* passou a operar aliada à categoria *educação* e aqueles que antes paravam de estudar para trabalhar começaram a estudar agora para continuar trabalhando.

Moreira Franco (2011) comparou, em uma entrevista dada à Secretaria de Imprensa da Presidência, que a NCM estuda em média oito anos e as classes B e A, em média, doze anos. Para ele, isso significa avanço e exige mudanças no sistema educacional, pois os brasileiros passaram a frequentar a universidade e, portanto, a cobrar mais qualidade no ensino.

Segundo estudos recentes de Lamounier (2013), a NCM tem desejos de vencer mais dinâmicos, na medida em que tem a ambição de “subir na vida”, viver melhor, consumir mais e, portanto, aprender e se qualificar, a fim de gerar a renda adequada a essa forma de viver. Ou seja, intrinsecamente existe um desejo de autossustentação promovido pelo próprio segmento.

Não há quase ninguém discutindo a sustentabilidade desse processo. Consumir é ótimo, mas cada família tem de gerar renda para financiar seu consumo. No mundo atual, a educação é um ponto crítico, e não preciso comentar a situação catastrófica da educação brasileira [...] a melhor universidade do País ocupa o 234º lugar no ranking mundial” (p. 3).

Dessa maneira, no âmbito familiar existe uma estratégia de sustentação, planejada a partir da dimensão educacional. Na sistematização familiar é projetado um novo padrão a ser atingido pelos próprios trabalhadores: possuir um diploma para ampliar suas conquistas.

Marcelo Neri (2011) entende esse desejo como um dos símbolos da ascensão da classe C, assim como a carteira de trabalho assinada, o que significaria

andar com as próprias pernas. Dessa forma, a educação profissional é necessária. A NCM está trocando pneu com o carro andando, ela trabalha, faz curso à noite, se vira – isso mostra um lado batalhador, nada passivo.

O mesmo autor observa também que a dívida social brasileira está na base do atual avanço proeminente da classe. Ele acredita que, à medida que cria projetos e metas a percorrer, essa parcela social começa a desbloquear ou desatar seus próprios nós históricos: “A Nova Classe é fruto da recuperação a partir de gigantescos atrasos em áreas como trabalho formal, educação e fecundidade” (p.11).

Uma das principais consequências é o significado político representado por essa expansão. Na avaliação do sociólogo Amaury de Souza (2010), o Brasil, nas últimas décadas, vem apresentando melhoras reais na maneira de apreender a prática política. Para ele, o problema é a sociedade política não perceber essas transformações. “As mudanças existem, mas não há percepção disso pela classe política {...} o atual modelo de governo não vê, mas está formando uma NCM vinda de grupos de baixa renda” (p.6).

A política brasileira, na análise de Werneck Vianna (2012), apesar da melhoria ocorrida nos indicadores sociais, não é capaz de controlar essa classe C, politicamente ambicionada por todas os partidos, por ela ser a parcela mais significativa quantitativamente e que vem se ampliando e é uma presença forte na política brasileira. Agora, ainda não seria possível afirmar que há uma tendência política ideológica na qual o segmento se incline.

O fato de que tenha havido melhoras nos indicadores sociais não quer dizer que a população tenha sucumbido à mesmice ou perdido a capacidade de inquietação. Não é bem por aí. A sociedade está, sim, não por razões sociológicas, apenas, mas políticas, prisioneira de uma circunstância em que tudo o que se mexe, tudo o que é vivo na sociedade, é trazido para dentro do Estado. (p. 3).

Ainda guiados pelo pensamento de Werneck Vianna, relativo ao envolvimento político dessa classe percebe-se o enfraquecimento da participação política de todas as classes devido às instituições representativas estarem estatalizadas. Ele acredita que, devido à cooptação do comando das instituições, sindicatos e movimentos sociais a capacidade de atuação autônoma dos níveis representativos tenha perdido quase toda a sua força. O desejo de Vianna, porém, é que até mesmo pelos

embates, prevaleça a luta contra a corrupção, que é genuína e verdadeira. Todavia, apesar de tudo, a NCM seria uma potencialidade dos centros urbanos do século XXI.

A política da classe C, se assim fosse apreendida, então, seria um estilo de vida, constituído por vários fatores: conhecimento formal, de renda, de valores e práticas, portanto, não pode ser analisada apenas por um viés, mas por múltiplos, já que sua definição é complexa e ainda em formação.

Souza e Lamounier (2012) trabalham com a expectativa de que a NCM possa vir a se constituir como um ator político com projetos modernizantes para o país, já que tenderia a se aproximar da classe média tradicional em termos de valores e perspectivas. Haveria, uma expectativa de ela modernizar o país, exercendo pressão por reformas políticas essenciais que possam garantir a continuidade do crescimento econômico.

Contudo, Jessé Souza (2012) faz a ressalva que a tese de Souza e Lamounier (2012) não se sustenta, porque não percebe a realidade das classes. Afirma Jessé Souza que compreender as dimensões imateriais se torna imprescindível, ao mesmo tempo que esvazia os tipos de análise como as propostas por Souza e Lamounier, quando não enxergam os fatores não econômicos da desigualdade, ou seja, não se tem uma compreensão qualitativa da gênese e reprodução de uma classe.

Nesse sentido, acredita Jessé Souza só ser possível visualizar a realidade de um campo, a partir dos símbolos das noções de diferenças e dos recursos que explicam quem é o ser social na estrutura das desigualdades. Ele afirma que as classes deveriam ser definidas, acima de tudo, por seu estilo de vida e visão de mundo, ou seja, por suas práticas inconscientes e involuntárias. Para ele, a nova classe C não possui um capital cultural típico da classe média (tradicional).

Essa destituição de capital cultural, para Jessé Souza (2012), informa que a inclinação política desse segmento é uma incógnita. Ele pode ser cooptado pelas classes dominantes, ou pode transformar-se em um novo protagonista. “De qualquer modo, sua função de fiel da balança, tanto da economia quanto da política é certa.” (p.7). Todavia, na atualidade, é fato, para o autor, que ela não tem capital político, não contemplando assim, o pensamento de Souza e Lamounier.

## **1.6 O financiamento e as instituições de ensino superior privado em Manaus**

É válido ressaltar que nossa abordagem se limitará a pontuar a ampliação do ensino superior privado após a década de 1990, com a abertura econômica do País, e a ampliação desse setor em Manaus, a partir de 2000. Descreveremos a ampliação a partir dos programas de financiamento e da necessidade do cliente. Não entraremos em outros debates sobre a estrutura, classificação, melhoria ou precarização.

A abertura econômica no Brasil, que foi estabelecida pelo presidente Fernando Collor de Melo, a partir de 1989, e por Fernando Henrique Cardoso, em 1994 e 1998, visava ajustar o país às necessidades do mercado global, promovendo reformas em todos os setores, inclusive na educação.

A Reforma Educacional, que está sendo feita através de conjunto de medidas, tendo como núcleo a Nova Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional a lei nº9394196; mas diversas providências legais (exemplo o projeto nacional de Educação) e Administrativas estão em andamento visando a todos os níveis de Ensino (CASTANHO, 2003, p.30).

A política educacional brasileira buscou descentralizar-se. O Ensino Fundamental passou a ser gerenciado pelos municípios. Em vista da competitividade promovida pelo avanço científico, foram pensadas possibilidades de melhorias no setor de educação, ocorrendo a sua ampliação, notadamente do setor privado de ensino.

No Artigo 205 da Constituição Federal do Brasil, se estabeleceu que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu reparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Partindo desse pressuposto, vê-se o aumento progressivo das instituições de ensino superior como uma alternativa para avanços no setor de educação (BRASIL, 2013).

É neste aspecto que a cidade de Manaus também se insere, com o aumento quantitativo no número de instituições privadas atingindo uma elevação de 500% na década de 2000 em relação à década de 1990. Havia apenas quatro instituições de ensino privado na cidade, nos anos 90, sendo que no século XXI passaram a 20 IES privadas.

O Ministério da Educação – MEC – é o regulador, supervisor, normatizador, fiscalizador e avaliador das instituições de ensino superior (IES) em todo o território

nacional e atribui tratamento à educação privada análogo aos serviços das atividades econômicas em geral: estabelecendo os critérios de atuação, política de preços, padrão de qualidade e o direito do consumidor dos serviços.

Em conformidade com o IBGE (2010), no Estado do Amazonas estavam matriculados no ensino superior 111.433 pessoas. Destas, 61% estavam na rede privada de ensino. Segundo dados da SEPLAN (2010), em Manaus estavam matriculados 77.028 no ensino de graduação, sendo 23.620 no público e 53.408 no ensino particular.

No Brasil, desde as políticas do modelo econômico da década de 1990, o número de alunos na rede privada de ensino vem crescendo. Estaríamos diante de uma nova filosofia conjuntural voltada para a geração de ofertas e a criação de demandas. Dessa maneira, os empréstimos e o crédito compartilhariam de uma crença cada vez mais forte e por isso vem tomando ares de valor social (BAUMAN, 2010).

Em outras palavras, entende-se que a mola propulsora do setor privado de ensino está pautada primordialmente na racionalidade da oferta e procura em duas propostas. Uma por parte da demanda-cliente, na qual busca-se sanar as exigências do mercado de trabalho de ter um diploma de curso superior. E, por parte da oferta, apresenta-se um produto desejado no mercado, acessível, especialmente a partir das possibilidades de obtenção das bolsas de estudo, integrais e parciais, mais difundidas a partir da década de 2000.

Rastreando a ampliação do ensino superior, pode-se dizer que as inclusões de pessoas na graduação vem sendo orientada por programas oficiais, tal como O Programa Universidade para Todos – Prouni –, disponibilizados pelo Governo Federal

O Programa Universidade para Todos - Prouni tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de ensino superior privadas {...} oferece, em contrapartida, isenção de tributos àquelas instituições que aderem ao Programa. Dirigido aos estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais, com renda familiar per capita máxima de três salários mínimos. (BRASIL, 2013).

O candidato deve ser egresso do ensino médio público, mas se for de instituições privadas deve ter cursado por bolsa integral e possuir baixa renda familiar. Para incentivar a permanência dos estudantes nas instituições foram

firmados convênios com o Fundo de Financiamento Estudantil – Fies – que possibilita ao bolsista parcial financiar até 100% da mensalidade não coberta pela bolsa do programa. O Prouni orienta-se por uma concepção de assistência social. “Os cursos superiores ofertados nas IES privadas e filantrópicas são {...} voltados às demandas imediatas do mercado” (SAMPAIO, 2000, p.52).

Na capital do Amazonas, existe também o PBU (Programa Bolsa Universidade) da Prefeitura Municipal de Manaus. Em conformidade com a página da Prefeitura na internet, são disponibilizadas bolsas de estudo integrais e parciais aos estudantes de baixa renda, comprovadamente sem condições de custear seus estudos em Instituições Particulares de Ensino Superior, estabelecidas na cidade. Nesse programa, o aluno que está estudando em uma IES privada pode conseguir até 100% de seu curso custeado pela prefeitura de Manaus.

O diferencial desse Programa é o fato de o estudante não necessitar devolver a quantia investida, e, sim, prestar uma contrapartida. Na prática, o aluno que recebe a bolsa é convocado a participar dos diversos projetos implementados pela Prefeitura de Manaus e por seus parceiros.

Os critérios para seleção dos candidatos obedecem ao modelo nacional, com a ordem de prioridade pautada na menor renda familiar, sequenciada por maior nota no sistema de admissão da instituição, quando se tratar de primeiro período do curso, ou maior coeficiente acumulado nos períodos já cursados.

Caso ocorra necessidade de desempate entre os alunos concorrentes, a seguinte ordem deve ser seguida: família mais numerosa; mais idade e ter cursado ensino médio em escola pública.

Outro facilitador para os alunos em Manaus e participantes do PBU-Manaus é o Programa Bolsa Idiomas da prefeitura. Por esse programa, o aluno pode concorrer a bolsas parciais (50% ou 75%) ou, ainda, integrais, em uma das Instituições que têm parceria com a prefeitura e pode cursar ou o idioma inglês ou o espanhol (MANAUS, 2014).

Em resumo, a partir da década de 2000 ocorreu uma maior possibilidade de aprimoramento educacional em Manaus. Após 2004, ela tornou-se uma das maiores capitais em termos de arrecadação de tributos e a quinta em população. Isso representa um período de consumo diverso, incluindo o luxo, com automóveis importados e restaurantes oferecendo gastronomia internacional, assim como também diversos cursos de formação superior (FIGUEIREDO, 2011)

As IES privadas em Manaus são constituídas com fins lucrativos. O ensino superior privado é uma oferta de mercado a qual a NCM recorre porque vê a educação como mecanismo de ascensão social. Essa busca é auxiliada por meio do acesso ao crédito consignado e pelos projetos e benefícios governamentais. O desejo dos emergentes é alavancar os ganhos econômicos, pois mudar de classe implica mudar de aspirações (NERI, 2011).

Segundo Cordeiro (2012), podemos mencionar uma NCM em Manaus mais informada sobre a vida coletiva, especialmente pelo acesso à internet. Essa classe “tem o hábito de ler jornal pelo menos duas vezes na semana, conhece um pouco do trabalho dos gestores públicos e tem fácil acesso à internet, através do trabalho ou mesmo em casa” (p.3).

Seguindo esse raciocínio vive-se uma mudança nessa classe condizente com a transmissão de valores repassados de maneira intergeracionais. Nos dias atuais, ocorreria a transmissão membro a membro familiar da necessidade de elevar o grau de conhecimento. Nesse sentido, a faculdade seria um objetivo inquestionável.

De acordo com esse esquema de pensamento, mencionamos como afirmação dessa busca por conhecimento a reportagem intitulada “As Classes C e D têm aderido mais aos cursinhos preparatórios”. Nela, dois diretores de cursos preparatórios apontam que há um “projeto de vida” na família classe C sistematizado e com objetivações bem claras (OSSAME, 2012).

Pelos relatos dos diretores, os cursos preparatórios, nos últimos anos, em Manaus, tiveram um aumento, no número de alunos, considerável. Hoje, ser um médico, advogado, ou um funcionário de alto cargo público são alternativas possíveis na visão da classe C, que depende exclusivamente do empenho da família para investir nesse projeto.

O índice de crescimento no acesso ao curso preparatório nos sugere existir um redimensionamento de gastos familiares. Esses cursos preparatórios são de cunho privado, sendo os valores pagos oriundos dos parentes ou do próprio estudante, ou seja, é um gasto consensual no âmbito familiar.

Assim, é fato que temos uma reordenação na maneira de vida da sociedade brasileira, que surgiu após a estabilidade na economia. As causas, se são positivas ou negativas, merecem ainda muitas reflexões. Contudo, é possível dizer que estaria ocorrendo na nova realidade social brasileira, pautada nesse cenário, uma busca por aprimoramento educacional, para melhorar sua vida em geral.

No contexto atual amazonense pode-se concluir, por ora, que vivenciamos um movimento de expansão no meio da educação privada superior, acentuado pela busca de justificação para o trabalho, articulado principalmente aos vieses econômico e político.

Ressalvamos para concluir este bloco do trabalho, que há, hoje, mais de cinco IES não presenciais em ação no Amazonas. Se somarmos tais organizações às presenciais, veremos a amplitude desse mercado na realidade amazonense.

### **1.7 A Nova Classe C nas Instituições de Ensino Superior**

Conforme Sampaio (2000), as instituições privadas de ensino superior apresentaram grande expansão a partir da década de 90, mas, em Manaus, a expansão ocorreu a partir da década de 2000, com a ampliação dos serviços oferecidos pelo setor privado que, até o final de 90, quantificava quatro Instituições privadas de ensino e já no século XXI somam 20 instituições presenciais na capital do Amazonas.

Os alunos do setor privado no Brasil, de maneira geral, estão fora da faixa etária típica (18 a 24 anos) de ingresso nos cursos de terceiro grau. São, portanto, alunos que chegaram tardiamente, e, pela primeira vez, aos bancos universitários. Outra parte desse grupo seria constituída por pessoas em busca de uma segunda graduação, visando melhorar ou satisfazer expectativas de vida negadas anteriormente.

Lobo (2010) diz que essa porta aberta do setor privado na educação superior proporcionou, especialmente à NCM, o passaporte para o aperfeiçoamento no mercado de trabalho.

Podemos retomar a análise de Souza e Lamounier (2012), quando dizem que a NCM brasileira tem a educação como ferramenta essencial para a mobilidade social. Esse desejo aumentou o número de alunos no ensino superior em busca de ampliar a capacidade para aproveitar as oportunidades do mercado. Isto significa que investir em educação seria adquirir crescimento profissional. O mercado, por sua vez, cria potenciais consumidores. Mais renda, mais consumidores, menor desigualdade social. A classe emergente reconheceu a importância do diploma universitário e a necessidade de manter-se em constante aprimoramento.

Na análise de Sampaio (2000), o crescimento das IES particulares responde a duas demandas: à demanda da clientela estudantil por ensino superior e à demanda do mercado ocupacional por pessoas portadoras de diploma de ensino superior. As duas ocorreram, sobretudo, em cursos que, com necessidade de pouca infraestrutura, por exemplo, não exigiam laboratórios ou dedicação exclusiva do discente.

Mas é necessário fazermos uma ressalva: os cursos nas IES para a classe emergente, geralmente, são pagos pela família, pois os alunos estão fora do perfil (renda) exigido para aquisição de benefícios. Assim, esses trabalhadores estão custeando seus estudos na esperança de um futuro melhor. Ou seja, estamos falando de um público que se vê enquanto classe e que está custeando seus projetos futuros.

Explicando uma pesquisa apresentada no Estado de Minas Online, o presidente do INEP Luiz Araújo argumentava que a pesquisa apontou estarem os alunos universitários com menor renda econômica, em sua maioria, nas universidades públicas e não nas Instituições privadas, como se pensava (COSTA, 2003).

Os dados então, ajudam a esclarecer um mito, que não era fundamentado em pesquisa, mas em uma visão do senso comum de que os alunos mais pobres estariam nas instituições privadas. Além disso, pode-se dizer que os miseráveis (classe E) não estão na universidade, nem na pública, nem na particular. E, em seguida, estaria nas universidades públicas o maior percentual de pessoas com menor renda.

Em suma, a NCM não está medindo esforços para se aprimorar. Está investindo em educação, visando a melhorias e ganhos, a partir da aquisição do saber. Uma busca promovida pelo esforço pessoal e familiar, possibilitado por uma nova realidade econômica brasileira. Essa inovação foi essencial para que a nova classe C continue galgando degraus, fazendo uma travessia na pirâmide social.

## **CAPÍTULO II**

### **A NCM EM MANAUS: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS DE VIDAS**

#### **2.1 Entrevistas**

Foram entrevistadas 30 pessoas que fazem parte da nova classe C manauense. Anteriormente às entrevistas, elas foram selecionadas por critérios de renda e por serem moradoras de Manaus. Quando necessário, elas foram novamente entrevistadas para se obter novas informações.

Buscou-se através das reminiscências do público alvo suas histórias de família, seus projetos de vida e suas visões de mundo. As entrevistas foram gravadas ou respondidas via internet, via telefone ou manuscritas, quando necessário complemento. O roteiro continha 13 questões. Em algumas situações, elas chegaram a 32 e delas foram transcritas partes consideradas relevantes para o andamento da pesquisa.

As entrevistas ocorreram em dias e horários diversos, ao longo de dois anos. Algumas chegaram a durar horas. Foram suprimidos, ao máximo possível, pontos que pudessem identificar alguns entrevistados. Tal controle foi sugerido por uma pequena parte dos participantes por acreditarem serem algumas de suas falas constrangedoras ou que poderiam identificá-los. Portanto, alguns recursos foram empregados para manter o sigilo. Utilizaremos, então, para identificar o grupo I, dos graduandos, os recursos dos símbolos M1, M2, M3 e M4, nos referindo aos entrevistados (masculino) e F1, F2, F3, F4, F5, F6, F7 e F8 para identificar as graduandas.

Para o grupo II, composto por três pessoas formadas há mais de um ano, utilizaremos a sigla G (graduados).

Enfatizo que nossos entrevistados aproximam-se especialmente por serem da classe média, ou melhor, da NCM, a partir da década de 2000. Foram usados para definir a renda familiar os estudos de Neri (2011), o qual agrupa os participantes do segmento no grupo, com renda na faixa entre R\$ 1.200 e R\$ 5.174. Ao longo da dissertação, a renda foi atualizada, seguindo a sistemática do mesmo autor, estabelecida em janeiro de 2013, entre R\$ 1.315,00 e R\$ 5.672,00 (BARTELT, 2013).

Outro critério aqui utilizado consistiu em selecionar os depoentes por terem cursado ou estarem cursando ensino superior nas faculdades privadas. Pretende-se saber, com tal especificidade, sobre as pretensões e as perspectivas diante do aprimoramento educacional. Em termos de titulação, nossos entrevistados são graduandos finalistas e graduados.

A princípio, foram coletadas 30 entrevistas. Delas, elegemos 15, por conterem maiores detalhes nas informações, além dos critérios já citados: renda e curso superior em instituições privadas.

O grupo I é composto por 12 finalistas graduandos, na primeira graduação e a idade varia entre 25 e 42 anos, com 4 homens e 8 mulheres. Oito moram na Zona Norte, dois, na Zona Sul e dois, na Zona Leste da cidade de Manaus.

Todos declararam viver em casas próprias. Quatro moram na casa dos pais, que é própria, quatro receberam um “pedaço de terra” (sic) e hoje dividem o quintal com eles e quatro disseram ter comprado sua moradia.

### 2.1.1 Não ter especialização na capital é uma sentença de desemprego

M1 tem 36 anos. Teve como avós paternos um amazonense analfabeto, que era regatão,\* e que, devido a essa atividade, casou-se com uma fazendeira portuguesa. Tiveram cinco filhos.

Conta que não teve muito contato com seus avós paternos, pois o próprio pai veio para Manaus ainda pequeno acompanhando um tio. Sobre os avós maternos, a avó era dona de casa e o avô, um funcionário da Polícia Civil. Tiveram sete filhos. “Ele deixou uma pensão para minha avó, ela tem dinheiro”.

Os pais nasceram em Manaus, estudaram até a 8ª série e tiveram três filhos. Todos concluíram o ensino médio e sempre moraram com os pais, mesmo após o casamento. Ele é técnico de refrigeração e ela era inspetora de educação (falecida).

\*Regatão da Amazônia é o pequeno comerciante que entra nos rios e igarapés com sua pequena embarcação carregada de miudezas, oferecendo esses produtos aos moradores dos rincões da região. Troca – mais que vende – produtos industrializados por espécies valiosas da floresta.

M1, quando se casou, teve que planejar a vinda do primeiro filho. Nesse tempo, final da década de 1990, recebia dois salários mínimos, motivo pelo qual permaneceu vivendo com os pais. Caso optasse pagar aluguel, diz que deixaria de se alimentar. Por seis anos, o quarto cedido pelos pais foi sua moradia.

Em 2001, após o término de um curso técnico, começava a ganhar dois salários e meio, mas foi em 2004, quando o cônjuge obteve o diploma de ensino superior (na Universidade Federal do Amazonas) que a vida, de fato, começou a

melhorar. Conta que saíram de Manaus por convite de uma empresa ao seu cônjuge, para trabalhar em outro Estado, e lá ficaram surpresos com várias outras ofertas de trabalho que receberam. Acredita que no final da década de 2000 ocorreu uma diminuição dos postos de trabalho. “Eu penso que muita gente migrou, teve a mesma ideia de mudar de cidade, aí as coisas começaram a ficar novamente difíceis, então, retornamos a Manaus”. Depois de cinco anos fora, retornaram à capital, mas trouxeram o dinheiro necessário para a compra da casa própria. “O problema de voltar foi o tempo parado sem aperfeiçoamento”.

M1 diz ter percebido que o mercado de trabalho estava mais exigente e por isso não conseguia trabalho. Igualmente ocorria com o cônjuge, formado há seis anos e sem especialização. “Não ter especialização na capital é uma sentença de desemprego”.

De volta a Manaus em 2009, sem emprego, ficou dependendo de auxílio da família e de fazer pequenos trabalhos para sobreviver. Até hoje, já transcorridos quatro anos, auxilia a família através de “bicos”. A casa própria, comprada com o dinheiro ganho em outro Estado, possui quatro cômodos de alvenaria com dois deles necessitando de acabamento. A família pretende emprestar dinheiro do banco para finalizar as obras na casa.

M1 vive com seu cônjuge há mais de dez anos. Hoje, tem três filhos e a renda familiar é de R\$ 3.800 dos quais 80 % provêm de um único membro familiar. Os gastos são divididos em transporte (gasolina), educação, alimentação, plano odontológico, água, luz (ar-condicionado) e internet. Pouco resta para salão ou compra de algum eletrodoméstico ou do carro (quando tem problemas).

Quanto aos estudos, ele é o primeiro na família (avós, pais e irmãos) a cursar o ensino superior, um feito somente possível por ter sido contemplado no início de 2011 com a bolsa parcial de 50% do Programa Bolsa Universidade – PBU – da Prefeitura de Manaus e devido a seu cônjuge no segundo semestre do ano ter conseguido um trabalho na área de formação, mesmo sem especialização e após dois anos de tentativas.

M1 diz ser uma espécie de inovador na família, pois os irmãos não concordam que o estudo é uma possibilidade de melhoras financeiras. “Meu irmão ganha quatro mil por ter carteira E e vive dizendo que tem salário maior que o de muitos, com diploma de doutor”.

Eu queria ver se ele ia dizer isso se prestasse atenção em quanto trabalha um doutor e ele, que sai de madrugada de casa e só volta depois da meia noite. Mas fazer o que, cada um pensa de um jeito, eu vejo, aqui em casa, um diploma universitário fazendo a diferença, imagina quando forem dois.

Apesar disso, afirma que sua família ainda não serve de exemplo por ganhar dinheiro por ter estudado. Ele acredita que será assim no futuro. Por ter renda ainda limitada, ele investe em si mesmo, Está terminando o curso superior e segue determinado a começar e finalizar os cursos de inglês e informática aos sábados.

O cônjuge está cursando especialização e os filhos estão em escola pública e no reforço de física e matemática em uma escola próximo de sua casa. “Esse reforço é um preparatório para a vida”. Acredita na necessidade de os filhos, todos cursando o ensino fundamental, dominarem as disciplinas que fazem a diferença na área de exatas. Os filhos estão em idade apropriada para as séries cursadas.

M1 se queixa de estar em idade um pouco elevada para um graduando e espera que os filhos não passem por isso. Contudo, diz que alguns de seus colegas de curso e de turma também estão fora da “idade de serem universitários”. Ele não se sente constrangido em frequentar a faculdade no período da tarde, devido à heterogeneidade, em termos de idade, da turma.

Ele fala com gratidão do programa da prefeitura que possibilitou esse sonho, pois, com o dinheiro vindo dos ganhos familiares, não seria possível essa realização como também não foi possível em quatro vestibulares uma vaga na faculdade federal.

Lembrou também que, durante o tempo difícil (quando retornou à capital), vivia das cestas básicas que a mãe, a igreja e alguns políticos enviavam para sua casa. “Nos momentos difíceis aparecem os verdadeiros amigos”.

Ele diz ser eternamente grato por ter sido “abraçado” por um político quando necessitou.

Nossa! Eu já tinha deixado currículo (do cônjuge) em todos os lugares, já tinha falado com um e outro e diziam vou te ajudar, vou conseguir, e nada então {...} disse o político para mim, meu amigo enquanto eu te ajudo trabalhe aqui e vai no lugar {...} pegue uma cesta básica e vá tocando a vida...

Relata que o político o ajudou com alimentação e conseguiu para ele um emprego de nível elementar, e isso o fará eternamente grato. Da mesma forma, entende a vaga na universidade como uma dádiva dos gestores que estavam no poder.

Demonstra gratidão às pessoas que o ajudaram. No mais, M1 tem um carro com mais de dez anos (herança da mãe). Ele está com o nome registrado no Serviço de Proteção de Crédito (SPC). A família tem como lazer passear nas casas dos parentes, tomar café da manhã na estrada aos domingos, conversar com amigos por meio de redes sociais, ir à igreja e navegar na internet, procurando coisas alegres, shows de humor e coisas que animem, “essa é a fórmula para sorrir sempre”.

Além do humor, a internet é o meio de preparação para os concursos, devido ao acesso aos livros, textos e provas antigas. O fato de não ter acesso à internet o deixa fora do mundo. “Fico sem chão, sem internet”. Diversão, estudos cotidianos e preparatório para concurso, são seus passatempos na internet, além de serem as redes sociais a maneira de saber como estão os amigos.

### 2.1.2 Manaus é terra para ganhar dinheiro

A segunda história é de um rapaz de 33 anos. Já foi casado por três vezes e tem um filho de 18 anos. Essa entrevista especialmente foi interrompida várias vezes, pois o entrevistado e o filho moram com os pais e irmãos e esses tentavam contribuir com as informações.

A propósito dos antepassados, lembrou serem os bisavôs paternos ele, de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, e ela, uma índia do Paraná da Eva. A entrevista foi interrompida pelo pai do entrevistado: “uma índia feia parecia filha de uma visagem, (risos) ...”

Quanto aos avós, ele era um pescador no Paraná da Eva que nasceu e casou-se com uma mulher da mesma localidade. Lá, criaram os oito filhos (sete mulheres e um homem) e trabalhavam com plantação de juta e de mandioca. Existiam escolas somente para alfabetizar.

Quando o seu pai, único filho, completou dezoito anos na década de 50, veio para Manaus, trabalhando como carpinteiro para um dos construtores da fábrica de gelo flutuante do senhor Waldemiro Lustosa. Os trabalhadores viviam na balsa. Devido à amizade com o mestre de obras, ele garantiu, por um bom tempo, o emprego e fixou moradia em Manaus.

Após quatro anos, mandou buscar a família (pais e irmãos). Nesse tempo, trabalhava na fábrica de juta no bairro de São Raimundo. Enquanto ocorria a entrevista, o pai do entrevistado lembrou que defende sempre a vida “dura” que tinha no Paraná da Eva.

Outro dia, um cara me disse que o Paraná da Eva é curral da fome, aí eu disse, meu amigo curral da fome é qualquer lugar onde o cabra é preguiçoso, quase eu dizia, assim como você. Lá, nós tínhamos paneiros cheio de peixe, eu e meus primos colhíamos jerimum, fazíamos farinha, lá não tinha “pratinho na mesa” lá, minha mãe botava a panela cheia de peixe cozido no meio da mesa. No jornal da noite, a televisão mostra que em qualquer centro (capital) tem um curral de fome, pois o que tem mesmo é malandro. Tínhamos era cacoad, se vocês tivessem no interior (apontou para nós, entrevistado e entrevistadora) vocês já saberia fachear peixe (caçar peixe com zagaia), plantar e roçar o milho, o feijão, criar galinha, remar na proa da canoa, pilotar pro outro tarrafear. Sei bem, que a vida no interior mudou – dizem - hoje já tem motor de luz e puxador de água.

Seu João, pai do entrevistado, tem 85 anos. Como falava dos bons tempos de viver em uma vida interiorana de forma romântica, busquei saber sobre uma possível saudade do passado. Todavia, afirmou ter saudade apenas de sua idade (juventude), pois para qualquer outra situação é bem melhor estar na capital.

Só tenho saudade da minha juventude eu corria, não tinha essa tosse, nós íamos assar o peixe e tarrafear eu e meus primos, depois brincávamos, e trazíamos sacas de peixe, coisa de interior, quando um caía era uma gargalhada, mas não tenho saudade não, a vida lá não era muito fácil. Na cidade a gente acostuma com o conforto e eu descobri que nasci para ser vendedor e ser músico. Não estou mais no Paraná da Eva, mais não deixo ninguém falar em curral da fome deve falar de preguiça isso sim é curral de fome.

M2 informa que o pai (com 45 anos) era vendedor e, em uma de suas viagens para uma cidade de fronteira com a Bolívia, conheceu a futura mãe do entrevistado, com a idade de quinze anos. Ele estava separado da primeira esposa e já tinha três filhos.

Dos avós maternos, o avô era da cidade de Itacoatiara e a avó, portuguesa. O avô havia estudado até o primário e a avó é analfabeta.

Ele diz que o pai foi vendedor e músico a vida inteira, trabalhou na informalidade e estudou até a 4ª série. A mãe tornou-se costureira (de ver fazer) e sempre foi dona de casa, voltando a estudar no ano passado (2011). Hoje, cursa o ensino médio.

Relembrando a vida dos pais, M2 menciona que, após meses na fronteira, os pais voltaram para Manaus e aqui tiveram cinco filhos, quatro deles, exceto o entrevistado, possuem diploma de nível superior expedido pela Universidade Federal do Amazonas.

M2 passou a ver positivamente o estudo após os irmãos melhorarem de vida. Isso o fez, após a terceira separação, voltar a estudar e lamentar ter perdido tanto tempo tentando ser comerciante ou empregado de carteira assinada sem lembrar dos estudos. Menciona serem suas dificuldades, na vida atual, advindas de suas separações e das divisões de bens.

Atualmente, mora novamente com os pais. Ele e o filho juntos têm renda de R\$ 3.000. Acredita que, por seu trabalho ser em regime de serviço prestado, pode ganhar uma bolsa de estudo de 50% da Prefeitura de Manaus. Diz ter orgulho de ter carro próprio e moto (do filho) comprados por financiamento.

A vida do brasileiro e a minha melhoraram com o governo Lula, digo isso porque minha alimentação melhorou, hoje tomo café, almoço e janto, quando era pequeno não tomávamos café com leite e nem tinha manteiga, queijo e presunto na mesa, não comprávamos nem bicicleta quanto mais moto ou carro.

M2 revela que, nos encontros de família, são sempre lembradas as dificuldades da infância, a falta de casa própria, de trabalho e comida. Uma realidade vivida até os irmãos mais velhos começarem a trabalhar, como vendedores em lojas, empregadas domésticas, depois, auxiliares e técnicos de enfermagem. A cada etapa evolutiva no salário dos irmãos “a mesa do café ia sendo recheada com mais alimentos”.

logurte, queijo, manteiga, leite e presunto foram incorporando-se aos hábitos alimentares. Antes, eram considerados alimentos de rico, “nosso café da manhã era café sem leite e pão sem margarina”. Outras mudanças percebidas são o saneamento, o vaso sanitário com descarga, o ar-condicionado, a TV a cabo e a internet sem fio. Na área das vestimentas, lembra, por muito tempo, das roupas da família serem provenientes de doações.

Não tínhamos roupas compradas em loja, não íamos às lojas, usávamos o que doavam para minha mãe, por isso as roupas eram grandes às vezes manchadas, quando precisávamos de roupas de festa, como quando minha irmã concluiu um curso técnico e precisou de um vestido, nós emprestávamos de algum amigo ou mesmo conhecido. Graças a Deus! Graças aos nossos esforços! Esse tempo ficou no passado. Hoje usamos

roupas de marca, mesmo que baratas (Zoomp, Bad Boy entre outras) mas são escolhidas nas lojas. Quando comparo as duas realidades não podemos falar que as coisas não melhoraram. Hoje temos créditos nas lojas, comida à vontade, frequentamos academia, saímos de férias para os países de fronteiras e dentro do Brasil. Minha irmã já foi passar férias na Suíça outra no maranhão, outra é doutoranda, outra fez cirurgia plástica, Nossa! Vivemos outra realidade. Graças a Deus!

Ele e o filho têm terreno próprio e estão preparando-se para juntos abrirem um bom negócio. “Manaus é terra de ganhar dinheiro, aqui só não vence na vida quem tem medo de trabalho”. Assim que encerrarem o curso superior, M2 pretende voltar a negociar, agora vendendo produtos na sua área de formação (saúde). Seus gastos referidos são gasolina para carro e moto, água, luz, internet, faculdade, comida e mulheres.

O meio para obter informações são os jornais. Diariamente lê os com custo de R\$ 0,25. Não gosta de redes sociais, Só utiliza a internet para fazer pesquisas e prefere, quanto tem tempo, assistir televisão, ir aos balneários ou para seu terreno.

### 2.1.3 O estudo é mudança de vida

O entrevistado M3 não é feliz em seu trabalho atual. É vendedor nível I e sua atividade requer utilização de moto o dia todo. Tem renda de até R\$ 3.000, mas acredita ser pouco, pois sua atividade o coloca em iminente risco de vida.

Sabe, em relação aos avós maternos, que ambos eram paraenses e trabalhavam com o extrativismo da castanha-do-pará, em Porto Trombetas e Oriximiná. Não estudaram e tiveram dez filhos, entre eles a mãe do entrevistado.

Ela veio para Manaus expulsa de casa, quando engravidou aos 16 anos. Solteira e grávida, aqui fez curso com a pretensão de ser parteira. Estudou até a 4ª série, antigo primário. Parou os estudos devido a trabalhar nos três turnos. Ela teve mais dois filhos além da primeira, a causa da sua expulsão do Pará.

Um dos irmãos do entrevistado tem curso superior, por meio de uma faculdade de ensino privado. Outro possui curso secundário e o entrevistado está finalizando o curso superior. Ele foi casado por mais de dez anos, tem uma filha de treze anos, que mora com a avó. Atualmente, mora sozinho, em sua própria casa, tem moto e carro e paga faculdade integralmente.

Conta que tentou vestibular e o Enem pretendendo uma vaga na universidade Federal por várias vezes e, como não foi aprovado, resolveu ir para a faculdade privada. “Sempre soube que estudar traz mudança de vida, mas devido à pobreza em que vivíamos, não tivemos muito tempo e vontade de estudar. Para passar em concursos, você precisa parar dois anos, no mínimo, para passar; eu não tenho paciência e nem esse tempo para isso.”

Sobre as melhoras na vida da família, ele lembra que moravam ele a mãe e os irmãos em uma casa cedida, e só quando a irmã mais velha começou a trabalhar, as coisas começaram a mudar. Isso em meados dos anos 90.

Com a renda da mãe atendente de enfermagem e da irmã vendedora em uma loja, eles começaram a pensar em comprar uma casa e sair do local onde moravam com ratos e baratas. Compraram uma casa na Cidade Nova e todo dinheiro da família era investido na melhoria da residência. M3, quando se casou, viveu quatro anos em casa alugada e após esse tempo ele e a esposa compraram uma casa.

Seus gastos são, atualmente: com seus três cachorros, com a prestação do carro, financiado em 36 meses, com a faculdade (paga integralmente), com a energia (devido ao ar-condicionado), e com alimentação. Diz que tem uma moto, também comprada por financiamento, mas agora quitada, que usa para diminuir os gastos com gasolina, especialmente na última semana de cada mês, quando já está quase sem dinheiro.

Busca informar-se por meio da leitura do jornal R\$ 0,25 centavos, por meio dos telejornais e só utiliza a internet quando necessita pesquisar. Como opção de lazer gosta de praticar esporte aos sábados (futebol e jiu-jítsu), viajar (para Oriximiná rever parentes e para fazer compras na Venezuela e Guiana Inglesa), assistir televisão (esportes), dormir e passear no Rio Preto e Manacapuru e não dispensa um café da manhã fora de casa, na estrada, com familiares nos finais de semana.

Lembra ter começado a década de 2000 trabalhando como vendedor em uma loja e nela ganhava dois salários mínimos. Com esse salário e o auxílio da esposa pagou a autoescola e tirou Carteira Nacional de Habilitação (CNH) que, junto com o diploma de ensino médio, possibilitou a mudança em seu trabalho.

Diz não ter preferências na hora de fazer compras, só importando se no local tem o que deseja, e só mudou, acredita, suas escolhas quanto aos restaurantes. Antes alimentava-se em locais baratos (quando ganhava menos). Hoje, apesar de não ter tanta exigência, não se alimenta em qualquer lugar.

Quanto ao pensamento político, ele lembra que o período próximo às eleições é bom para encher o tanque do carro com “apoio” dos amigos candidatos. Lembra, também, dos vários auxílios recebidos pela família quando necessitavam, tais como um cursinho preparatório, oferecido aos alunos de baixa renda, e os festivais nos bairros, no mês de junho.

Como projetos para o futuro, M3 deseja fazer um curso de informática básica, um curso de língua estrangeira e uma pós-graduação. Outros desejos são ter um negócio próprio e trocar de emprego para um emprego público.

#### 2.1.4 O ensino superior sempre foi o meu maior sonho

O quarto entrevistado diz que seus avós e pais são caboclos nascidos e criados em Nhamundá-AM. Eles são agricultores e pescadores, atividades que garantem, com deficiência, o sustento da família. Os avós maternos tiveram 13 filhos e dois filhos, quando casaram, tentaram melhorias de vida migrando um foi para Belém com a esposa e o outro casal para Manaus. O restante permaneceu em Nhamundá.

O casal que veio para Manaus, retornou para o município de Nhamundá com dois filhos, após 3 anos vivendo em Manaus. Um desses filhos é o nosso entrevistado.

M4 conta ter permanecido em Nhamundá dos 2 aos 20 anos de idade, juntamente com 9 irmãos. Todos frequentavam uma escola primária com estrutura e ensino deficiente, agravada pelas estações da região Norte, verão e inverno, que faziam os pequenos agricultores e suas famílias habitarem sazonalmente um determinado local.

Em período de cheia dos rios, deslocavam-se para terra firme e, no período da seca, para várzea. Dessa forma, os estudos eram prejudicados. Ele lembra também, sobre esse período, da falta do transporte escolar, “por ter pouca idade, não me arriscava em atravessar os rios remando, pois temia morrer afogado devido aos constantes temporais que ocorrem na época de cheia dos rios”.

Apesar das dificuldades, conta ter conseguido concluir o ensino fundamental e, em seguida ter viajado para Belém-PA, com um único desejo: o de concluir os estudos. “No interior, há dez anos atrás, só existia o ensino fundamental”.

Quando chegou em Belém, foi morar com a tia e concluiu o ensino médio, em escola pública. Depois de quatro anos morando em Belém, veio para Manaus em busca de emprego. Aqui tinha parentes distantes, fez um concurso público, passou e, em 2011, começou a cursar o ensino superior. “Cursar o ensino superior sempre foi o meu maior sonho e estou aqui lutando e logo, eu espero, ele vai se tornar realidade. Minha vida sempre foi de luta, mas as conquistas alcançadas até hoje me incentivam a conquistar novos horizontes.”

Das tristezas, a maior referida pelo entrevistado é a de não ter tido infância, pois necessitava trabalhar na agricultura, auxiliando os pais no sustento da família. Das mudanças ocorridas na vida, ele entende que elas só ocorreram devido ao seu esforço particular e às ofertas de trabalho existentes em Manaus.

Morar em Manaus me proporcionou novos conhecimentos e uma vida profissional digna. Mais confesso que não gosto da cidade, devido à poluição sonora, violência, trânsito caótico. Pretendo concluir meus estudos e voltar pro meu interior aprovado em um concurso público com um elevado salário que proporcione conforto tanto pra mim, quanto para minha família.

Hoje, diz ter um pouco mais de conforto e acredita que todo brasileiro que vive na capital de Manaus deve ter sentido essa mudança devido ao auxílio dos governos estadual e municipal. Devido às melhorias já ocorridas em sua vida, ele continua acreditando, cada vez mais, em seu sucesso. Já tem provas que o desejo faz do sonho, realidade. “Basta somente acreditar em si mesmo e nos adequar às constantes mudanças do mercado de trabalho, ou seja, através da educação podemos melhorar nossa vida e de nossos familiares”.

Quanto à política, entende que os governantes só cuidam da capital. Assim, a migração ocorre devido à busca por sobrevivência (alimentação), educação e saúde. “Nossos sonhos no interior giram em torno de morar na capital e conquistar sejam essas conquistas: econômicas, sociais, culturais e inclusive digital”.

A respeito da moradia atual, M4 tem uma casa própria que, ele conseguiu comprar emprestando dinheiro em uma agência bancária. Uma casa que em 2007, ele comprou por 10 mil reais. Hoje, após ele fazer alguns reparos e próximo a ela ter sido construído um supermercado, está avaliada em 80 mil (diz o entrevistado).

Ele tem como transporte uma moto já quitada, que pagou em 24 parcelas. Ele pretende trocar a moto por um carro. Seu rendimento é de R\$1.600, dos quais uma parte ele manda mensalmente para a família no interior. Seu lazer é cinema, quando

é possível, e jantares com a namorada nos finais de semana. “Minha renda ainda não dá para pensar em viajar para o exterior, um sonho que um dia espero realizar assim como oferecer boa vida para os meus pais e irmãos lá no interior, já que eles não pretendem morar em Manaus”.

#### 2.1.5 As melhorias sociais só ocorrem para os moradores da capital

A quinta entrevistada tem 29 anos, uma filha de quatro anos e mora com a família, em um total de treze pessoas vivendo em cinco cômodos. A renda familiar somada dos cinco membros que trabalham é de R\$ 2.100 reais. A respeito dos antepassados, sua bisavó ainda viva é indígena e foi casada com um judeu. Ele era calmo e tinha como lema “acredite e sempre as coisas darão certo”.

Os avós maternos são manauenses, ambos muito severos. Eram analfabetos e tiveram sete filhos. A respeito dos pais, eles sempre trabalharam como autônomos e tiveram cinco filhos. “Desde sempre trabalhávamos. Temos uma história de vida de sacrifícios, estudamos em colégio público, todos terminaram o ensino fundamental e médio e tenho um irmão que tem ensino técnico e eu sou a única prestes a receber um diploma de ensino superior”.

F1 considera sua família feliz e divertida e foi ela a maior apoiadora de sua volta aos estudos, depois de tanto tempo afastada. A faculdade foi, na verdade, uma indicação médica, após ela ter passado uma grave crise de depressão. Por isso, todo o apoio da família.

Quanto às mudanças sociais na família, em termos econômicos, elas são consideráveis quando comparadas com os 15 anos passados em que viviam quase à míngua. Diz que, apesar das dificuldades de hoje, a vida atual não se compara à vivenciada em tempos passados.

Mesmo encerrando o curso superior, F1 trabalha como diarista, estagiária e recebe uma pequena ajuda do pai da sua filha. Somando a sua renda de estágio e as faxinas e a pensão, ganha R\$ 1.400 reais. Ela e a família esperam grandes mudanças financeiras com a conquista do diploma de nível superior em administração. “Eu sou o grande orgulho da família, pois tive sorte até mesmo quando ganhei minha bolsa de 70%”. F1 acredita que as melhorias sociais só ocorrem para os habitantes da capital.

Viver na capital é viver no local em que há possibilidade de mobilidade social, ainda mais agora, com a copa, estamos em um momento prospera de crescimento onde temos mais oportunidades de nos aperfeiçoarmos com cursos mais baratos de línguas estrangeiras e outras facilidades, eu amo minha cidade.

Em relação à política, ela tem como lembrança a prática de trocar votos por assistência médica. “Minha mãe entendia, assim ensinaram para ela, eu acho, que para ser cidadão, deveríamos ajudar homens bons a vencer as eleições, trocando voto por algo de bom como saúde. O que o político trocasse significava o quanto era ou não bom”.

Hoje, ela diz ensinar sua família sobre o conceito de cidadania como sendo acesso aos direitos e aos deveres garantidos por lei. Todos ouvem, mas não entendem. “Outro dia falei das consequências de trocar o voto, pois minha família vive em busca de inscrições para ganhar casa, emprego, etc. Fazem um verdadeiro leilão de seus votos e acham isso normal”.

Falando a respeito do futuro, nossa entrevistada F1 deseja conseguir um emprego, pois todos os parentes contam com isso, além de comprar um carro para poder se livrar do ônibus, o pior serviço em Manaus, segundo ela. Outro desejo é cursar uma pós-graduação e, de fato, começar a entender os conteúdos passados em sala de aula, pois, como eram muitas os conteúdos repassados em sala, quase não leu nada e fez o possível para concluir o curso, ou seja, o importante era apenas passar de período. Assim que acabar o curso diz que começará a estudar.

#### 2.1.6 Estudar e trabalhar esse é o caminho para o pobre vencer na vida

Essa entrevistada tem 42 anos e é casada há 16 anos. Ela e o marido têm renda de R\$ 5.000,00. Em sua casa, são três pessoas dividindo oito cômodos. Têm dois carros, populares, na garagem.

Dos familiares, lembra-se dos avós e suas origens humildes. Trabalhavam muito. Ambos eram comerciantes paraenses. Os pais, também paraenses, seguiram

a mesma profissão, porém, trabalhavam com vendas de cidade em cidade oferecendo os produtos e, no retorno, recebendo o valor acordado.

Em uma de suas viagens, aventuraram-se no comércio do Amazonas, gostaram e aqui ficaram. Sua mãe tornou-se professora. Com a nova profissão, já não acompanhava o esposo. Ficava em casa e administrava os estudos e tarefas de todos.

Devido à formação da mãe, nossa entrevistada e a irmã sempre estudaram, a princípio em escolas públicas, depois em escola particular. Neste percurso, fez um curso técnico em enfermagem e trabalhou por um ano em um hospital privado. Após casar e engravidar, parou de trabalhar na área privada e abriu um pequeno negócio - uma empresa de festas infantis - e, concomitante a essa atividade, cursou prótese dentária.

O trabalho como protética rendia mais que as festas infantis. Então foi protética por três anos. O curso superior foi muito incentivado pelo marido e significa mais uma conquista entre os projetos de vida. Das dificuldades na vida, lembra-se da separação dos pais, já superada. Essa fase foi difícil pois foram morar com os tios, e a mãe aumentou a jornada de trabalho, para não deixar nada faltar. “Estudar e trabalhar: esse é o caminho para o pobre vencer na vida.” Utiliza como exemplo sua própria realidade e a irmã formada em Direito: cursou em faculdade privada custeada pela família, assim como a própria entrevistada. Ela lembra que ser casada não significa para seus parentes deixar de receber ajuda quando necessário. Ao contrário, é agora que se oferece auxílio. A faculdade cursada por F2 foi custeada por parentes diversos e pelo marido.

Eu venci, minha vida certamente melhorou. Hoje tomo minhas próprias decisões planejo e repenso se é realmente o que desejo em tudo e acho que a vida de fato se estrutura quando temos casa própria essa aquisição faz a diferença. Em minha família, quem casa precisa de ajuda para avançar, por isso todos ajudam.

Julga importante ter um diploma devido a ele oportunizar, além da realização pessoal, um cargo melhor na área pública ou privada. Sobre política, acredita, de forma positiva, no fim da corrupção, quando houver uma redução no salário dos políticos e o voto não for obrigatório, o que forçaria os candidatos a conquistar seus eleitores.

Ela diz que sempre relutou em estudar política, achando o tema teórico em contraste com a prática. Em seu discurso inicial, ela aponta uma descrença na possibilidade de mudanças, caso o sistema continue da forma em que está hoje, e diz só participar dos assuntos e das eleições na atualidade devido a ser obrigada.

Políticos e população estão acostumados às falcatruas estão vivendo uma crise de valores. As pessoas não se incomodam com corrupção, ela está naturalizada ou fatalizada (sic) os candidatos que saem do congresso por decoro parlamentar retornam nas próximas eleições e isso não é mas novidade, infelizmente. Os mocinhos no Brasil não são mais bonzinhos e sim espetinhos se não forem assim não dão audiência.

Para F2, estamos acostumados a não esperar dos políticos e eles acostumados a mentir, isso é um padrão brasileiro de política.

### 2.1.7 Falar de política é contar história de boitatá

F3 tem 25 anos. Ao perguntar sobre os antepassados, ela disse: “não tenho nada a declarar, sou adotada;” e começou a chorar. Depois, enxugou as lágrimas e começou a tecer elogios aos pais adotivos.

Ela nasceu em Manaus e ficou no orfanato até completar três anos, quando foi adotada. “Meus pais biológicos me abandonaram, mas Deus foi tão maravilhoso que colocou meus pais de coração em minha vida”.

Eles a levaram para morar na estrada do Puraquequara. Na época, eram agricultores, moravam em um local cedido e, depois de cinco anos, compraram a casa própria, a primeira casa, ou melhor, o terreno próprio. “Nossa casa era pequena, coberta de lona com “piso” de barro, muito depois foi construído algo que pudéssemos chamar de casa”.

Lembrou se de um bar na estrada, erguido pelos pais, de onde tiravam o sustento familiar de 1998 até 2004. Porém, após tantos assaltos resolveram fechar o bar, que já era uma casa de shows. Venderam o local e investiram em quartos pequenos para alugar para pessoas solteiras ou casais sem filhos, porque não queriam barulho de crianças e pelo tamanho do local.

No ano de 2008, concluiu o ensino médio e, em 2009, começou a vida universitária, um presente de seu pai, que iria falecer um ano depois, acarretando

uma interrupção na vida acadêmica. “Devido à tristeza, chegava a doer eu não conseguia trabalhar ou estudar.”

A vida dura e os incentivos da família a fizeram continuar. Seria também uma maneira de homenagear o pai. “Tudo de ruim deixaria para trás se conseguisse ser alguém na vida e meu pai queria isso que ele fosse lembrado como o pai de alguém que venceu na vida. Tudo que sou foi e é graças a meus pais, poxa! Agora estou contando as horas pra ser graduada e isso é um presente aos meus pais”.

F3 será a primeira com curso superior na família. “Serei dona da minha história. Independente do meu salário já sou um exemplo para a família”.

Quanto ao lazer, gosta de namorar, assistir a televisão e navegar na internet. Sua meta é conseguir um bom emprego. Hoje, diz ganhar pouco como estagiária e sua renda e de sua mãe, incluindo o aluguel dos quartos, é de R\$ 1.800. Teve uma proposta de trabalho para morar em outro estado e pretende ir, se o namorado e a mãe a acompanharem.

Pretende trabalhar e ganhar dinheiro, esse é o alvo. Confessa não gostar de estudar, mas entende ser o diploma uma exigência. Diz que, se pudesse, jamais estudaria, pois tem muitas coisas melhores para fazer.

Quanto à política, acha o tema fora da realidade. Em sala de aula, os conteúdos fogem à política cotidiana. “Todos fingem acreditar nas mudanças, tanto professores como os alunos, e na realidade todos só querem é conforto e amor”. Entendeu os conteúdos como necessários para sair da faculdade e, por isso, falava o que todos queriam ouvir, dizia acreditar na sociedade e no Estado, mas, no fundo, pensava que o assunto era irreal. “Eram lendas como a história de Boitatá”.

Os livros e os textos cansam os alunos. São os professores falando de democracia da importância da política, dos movimentos sociais, da ditadura militar e da globalização. Dizem que se o povo se unir... Na verdade esse discurso é só pra fazer de conta. Essas teorias deveriam ser parte das lendas urbanas. Falar de política do jeito que fazem é falar de curupira, cobra grande e boitatá.

A entrevistada lembra que os brasileiros são muito espertos e querem sempre o melhor e, para ter o melhor, é necessário ter ou um parente ou um amigo rico. “Se for auxiliado por um poderoso que facilite, ou, se queimar os neurônios, mesmo sem gostar, para ter um diploma, aí, sim, as coisas, para os pobres, ficam mais fáceis”.

### 2.1.8 Morar em Manaus é importante para os estudos do meu filho

A depoente F4 tem 40 anos, é operadora de caixa, tem renda familiar de R\$ 2.800 e é casada há 20 anos. Mora com o marido e o filho em uma casa com 6 cômodos.

Sobre a origem da família sabe que o avô materno era cearense e a avó, índia de uma comunidade no Pará e que vieram para Manaus em um navio de carga em uma viagem com três meses de duração.

Eles tiveram onze filhos, sendo oito mulheres e três homens. Dentre as filhas, a mais velha é a mãe da entrevistada.

Dos avós paternos, diz que o avô faleceu e a avó viúva deixou o filho único, pai da entrevistada, com os irmãos e viajou com um homem, depois souberam apenas que teve mais seis filhos.

Os pais da entrevistada foram viver juntos e tiveram cinco filhos, F4 é a mais velha. Quando tinha dois anos, diz que a família foi morar em um interior com o avô e tios maternos e, se fosse possível, gostaria de esquecer esse passado.

Minha história. Não gosto de lembrar do meu passado. Com sete anos de idade trabalhava em casa cuidando dos meus irmãos menores e cuidando de casa, quando não cumpria todas as tarefas eu sempre apanhava. Cansei de levar panelada na cara. Aos cinco anos fui violentada pelo meu tio, irmão da minha mãe. Ela (minha mãe) na ocasião (ato) via o que acontecia, mas quando meu tio saía, eu apanhava e ela dizia pra eu criar vergonha na minha cara, se não ela ia contar pro meu pai pra ele me bater até ... E dizia que a culpa era minha.

Após o choro e o silêncio, a entrevistada continuou relatando violações sexuais sofridas em sua infância e lembra terem sido elas recorrentes até seus dez anos. Quando a mãe da entrevistada não conseguiu mais viver no interior após a morte do pai, avô da entrevistada, retornaram para Manaus.

Retornando a Manaus, F4 trabalhou como babá (morava no emprego). “Minha vida eu defino como: uma vida de dificuldades sempre trabalhei desde os dez anos na casa dos outros”. Com um forte suspiro, repete ter sido sua vida sempre de trabalho e dificuldades.

Quando completou vinte anos casou-se e continuou trabalhando. Teve um filho (escolha própria). Hoje ele tem 17 anos. Conforme compreende sua história, ela foi e é atualmente de sacrifícios. Sua luta atual consiste em aturar o marido, aliás,

aturar as amantes do marido. “Meu marido, muito mulherengo. Não sou feliz com ele, mas é ele quem paga a minha faculdade e sempre me deu a maior força, não sei se, depois de formada, se ainda vou ter saco, pra aguentar tudo que já aguentei até hoje (traições)”.

Conforme F4, o bom de morar em Manaus é o aprimoramento educacional. “Manaus é importante para os estudos do meu filho”. Quanto ao maior problema na capital, ela entende ser a violência. Contudo, acha a vida (tempo presente) de libertação, pois quando era criança lembra, como único direito de mulheres e crianças, a alimentação. Nos dias atuais, crê ter havido ao menos divulgação dos direitos. Crê também termos, enquanto seres humanos, direitos a tudo, principalmente ao respeito.

Quanto aos estudos, mas especificamente à profissão prestes a graduar, serviço social, ela considera, depois do nascimento do filho, a maior realização e melhor parte de sua vida, uma conquista sem precedentes. Será a primeira graduada em sua família, mas lembra que os parentes e irmãos vivem bem, tendo casa e carro, mesmo sendo suas formações apenas de nível médio e técnico.

#### 2.1.9 A pobreza deixa o ser humano insensível

Devido à nossa pesquisa contemplar emergentes ou pessoas que fizeram a ascensão na pirâmide social, da base rumo ao topo no decorrer da década de 2000, incluiremos a entrevistada F5, apesar das mudanças em termos financeiros a colocarem acima da classe C.

F5 é uma moça bonita e diz saber que é bonita. Tem vinte seis anos e é mãe de uma menina de dois anos. Antes de casar-se com o marido há quatro anos, homem com cinquenta e cinco anos e com renda salarial superior a 30 mil reais mensais, ela nos contou sobre a sua vida, um tempo de “cão” segundo ela.

F5 teve como avô maternos um português e a avó, uma amazonense que era empregada no comércio do português e com ele teve um relacionamento, que duraria até ela engravidar (da mãe da entrevistada). O português casou-se com outra moça e voltou pra sua terra. Conta que a avó então casou-se com um cearense e com ele teve quatro filhos.

Relata ter sido difícil a infância e adolescência da mãe por causa do biótipo “minha mãe era, aliás é, bonita daí os irmãos não gostavam muito dela, e nem o padrasto”. Relata que a mãe ainda com dezesseis anos foi viver maritalmente com um amigo da escola e teve duas filhas, uma delas é nossa entrevistada. Após dez anos, casou-se novamente e foi viver no interior de Manaus deixando as filhas com a mãe (avó da entrevistada).

Sobre as lembranças, não esqueceu dos finais de ano, que não eram comemorados. “Na casa da minha avó mal dava pra comprar o jaraqui, no Natal e no Ano Novo, não tinha festas, era muito triste”.

Ao completar dezoito anos, foi trabalhar no comércio e diz que aproveitava para sonhar com viagem, carro, casa e sempre pensou em casar com um homem de fora (nunca namorou com amazonense). Certo dia, uma colega da escola lhe falou das redes sociais e da possibilidade de conhecer um namorado pela internet.

Durante quase dois anos “teclou” com muitos homens, mas gostar só gostou de “teclar” com o que hoje é seu marido, com ele ficou quase um ano conversando pela internet. Para ela, a internet sempre foi uma possibilidade de mudar de vida, se não fosse casando, seria fazendo amizade em outros locais e poder mudar-se do Amazonas ou do Brasil (seu antigo sonho).

Vivia na pobreza, faltava dinheiro até para o ônibus, então saía de porta em porta na vizinhança emprestando. Dinheiro na casa da vó, nunca dava pra nada e sempre aparecia um na hora do almoço, ou um vizinho também pedindo dinheiro emprestado. Graças a Deus! Hoje não preciso mais disso tenho tudo graças ao meu marido. Mais assim! Eu primeiro gostei dele, não tô com ele só por dinheiro. Sabe quando tinha muita gente falando, na casa da vó, eu me trancava no quarto (era dividido por quatro mulheres) e ficava ouvindo música e sonhando em sair dali. Isso era no domingo quando eu ficava lá.

F5 informa hoje possuir um carro Hilux, diz morar em uma casa no Parque das Laranjeiras e não gostar de visitar os parentes, por eles sempre pedirem alguma coisa, sempre tem um pedido, um favor.

Meus parentes só pedem é um favor daqui outro dali, e eu digo, apesar de hoje não precisar de nada (falo de dinheiro) eu ainda me vejo às vezes preocupada com a comida com o ônibus e não choro muito fácil, as vezes parece que ainda vai faltar comida. Às vezes, também não fico com pena de ninguém e de nada, pois sei que querendo dá pra sair da pobreza. Minha família me lembra a pobreza {...} Eu deixo um ranchão na minha vó mas não dá nem pra uma semana, ela divide com todo mundo. Sei não! Acho

que não tenho pena mais de nada. Acho que a pobreza deixa o ser humano insensível.

Quanto ao estudo, F5 acredita ser ele a única maneira de assegurar o futuro. Ela pretende, após encerrar o curso atual, ingressar no curso de Direito, sugerido pelo marido.

#### 2.1.10 Voto feliz nos políticos transparentes e humildes

A entrevistada F6 tem 35 anos, é vigilante em uma empresa privada, é casada há 16 anos, tem dois filhos e, juntamente com o marido, tem renda de R\$ 2.700. Contou serem seus avós maternos cearenses. Quando já estabelecidos no Pará, eles migraram para Manaus, no período da borracha. Segundo relatos da família, os avós aqui chegaram com uma mala de roupas e muita disposição para o trabalho braçal.

Após alguns anos, tinham uma fazenda em Coari - AM e dez filhos. A caçula é mãe da entrevistada. Aos vinte anos, a mãe da entrevistada casou-se com um paraense (primo distante) e vieram para Manaus. Conta que ela tornou-se profissionalmente merendeira e ele foi trabalhar como garimpeiro e depois nos correios. Tiveram cinco filhos.

F6 diz sempre ter sido alertada para casar virgem. “Meus pais diziam: case virgem e com um homem de família” que também devia ser aprovado por eles.

Ela reafirma que os pais eram bem preocupados com a questão do casamento, tanto assim que em seu casamento, quando acontece, foram gastos todas as reservas.

Casei virgem. Em minha festa tive direito até a tapete vermelho. Tudo muito bem organizado, música ao vivo e até hoje eu e meu marido nos amamos muito, e temos um casal de filhos. Somos cristãos e isso faz toda a diferença.

F6 tem certeza do amor do marido, mas relatou que ao completarem sete anos de casados o marido pediu a separação. Ela reconhece esse momento como um momento de provação. Nessa fase, ela recorreu a uma religião e acredita ter conseguido manter o casamento devido à fé. Hoje, eles participam assiduamente dos cultos de sua igreja e estão vivendo a plenitude do casamento, afirma.

Em relação ao curso superior, ela contabilizou quinze pessoas, em sua família, incluindo irmãos e primos com graduação completa. Ratifica o apoio da família a quem desejasse estudar.

Na minha família muitos tem curso superior, a maioria em faculdades públicas, do governo. Mas os que cursaram a faculdade privada os pais pagaram e os filhos se esforçaram, pois os pais sempre apoiaram a formação dos filhos. A coisa mais importante é o conhecimento. Esse da fase da graduação. Socialmente as pessoas te respeitam, como profissional.

Em Manaus, na atualidade, F6 entende como a única maneira de assegurar o futuro estudar e ter uma graduação, mas para ganhar dinheiro aí seria necessário atualização. Sem atualização constante, não seria possível “cavar” uma vaga de emprego e entende ser apenas na capital o local ideal para trabalhar, pois só na capital é possível atualização constante. Ressalta, a beleza paisagística de Manaus e entende só não ser perfeito morar aqui por causa da violência.

Contudo, entende ser esse problema decorrente das migrações e falta de escolas para os jovens, além de ser, também uma lei social. “Não existe um paraíso na Terra, então sempre teremos problemas, se não fosse violência, seria uma outra coisa”.

Quanto à política, pensa ser a coisa mais importante para manter a sociedade. Lembrou-se do lema Ordem e Progresso na bandeira brasileira, uma frase para ser seguida. Disse, ainda, ter ido às ruas durante as passeatas em prol de melhorias e entende serem muitos políticos homens bons. Por isso vota feliz “em políticos transparentes e humildes”, assim como o é o povo brasileiro, hoje mais politizado e em busca, cada vez mais, de seus direitos.

#### 2.1.11 Estudar para investir

F7 lembra dos avôs maternos e suas constantes mudanças de cidade em cidade, em busca de melhorias. Sabe que eles nasceram no Maranhão, depois viveram em Porto Velho-RO e, posteriormente, chegaram ao Acre, a Cruzeiro do Sul. Eles tiveram quatro filhos entre eles a mãe da depoente. Eles não tinham formação. O avô trabalhava como ajudante de pedreiro e onde diziam ter trabalho para ganhar dinheiro os avós iam.

F7, quando adolescente, trabalhou como doméstica para uma família rica. “Eles tinham casa com cerca elétrica e muita segurança por todo lado. Eles foram pra Cruzeiro (cidade) para montar posto de gasolina e um supermercado”.

Relata ter surgido uma forte amizade entre ela e a família Scotch, tanto assim que deixou de ser doméstica e passou a ajudar no supermercado. Em um dia corriqueiro, porém, uma quadrilha assaltou o supermercado, fazendo-a refém juntamente com a família Scotch por várias horas. Ao final os assaltantes foram presos e a família Scotch ficou muito amedrontada. Ela lembrou que eles tinham migrado para o Acre exatamente para fugir da violência no Paraná, local no qual moravam antes de irem para o Acre.

A família Scotch decidiu vir para Manaus, cidade onde tinham um apartamento e convidaram F7. Eles a teriam convencido e também aos pais (família da depoente) ser perigoso continuar morando naquela cidade, Cruzeiro do Sul, após o assalto e prisão dos bandidos.

F7, então, veio para Manaus e morou com os Scotch por mais de dez anos. Tornou-se uma espécie de governanta. “Eles eram muito bons, me tratavam como filha, queriam que eu estudasse, mas eu não queria, eu só queria namorar”.

Relembra com arrependimento não ter aceito um novo convite feito pela família Scotch: ir morar com eles em Miami nos Estados Unidos. Ela recusou por estar apaixonada. Desejava casar-se. Quando a família partiu de Manaus, ela recebeu um bom dinheiro e com ele comprou um terreno na Comunidade Mundo Novo (Cidade Nova). Lá, montou um pequeno salão de beleza e dele retira sua renda atualmente.

Ela se casou, mas separou-se quatro anos depois. Teve um filho, hoje com sete anos. Ela completou que tem 34 anos.

F7 diz que ser cabeleireira é bom em termos financeiros. O único problema é não ter tempo definido de trabalho, especialmente no final de ano, quando ela não conseguiria nem se alimentar.

Devido ser bem conhecida e ter uma boa freguesia (só atende com hora marcada) diz não poder reclamar dos seus ganhos. A renda no salão varia entre R\$ 2.000,00 e R \$ 3.000,00. Ela tem um carro, está terminando o curso de estética e pensa em construir mais uma quitinete para alugar (já possui três).

Diz estar pagando previdência privada. Pretende ampliar o salão e oferecer outros tratamentos à sua clientela. Ela até hoje tem contato com os Scotch e

pretende, quando o filho crescer, fazê-lo estudar fora do país com o auxílio da referida família.

#### 2.1.12 Não é o diploma que ajuda o trabalhador, mas o trabalhador é ajudado pelo diploma

A entrevistada é descendente de paraenses e maranhenses. A mãe veio para Manaus fugindo com um namorado (amante) quando ela (a filha) tinha cinco anos. Com o pai da entrevistada, ficaram outros três irmãos. A mãe dizia que a trouxe por ela ser mulher (tinha medo de não saberem cuidar dela). Em Manaus, a mãe teve mais dois filhos e souberam que o pai e os irmãos foram para o Maranhão.

F8 lembra que a mãe, na verdade, fugiu da violência do primeiro marido. Contudo, o segundo marido não era tão diferente. “Tudo farinha do mesmo saco, meu pai, esse traste do marido da minha mãe, meu ex-marido, nenhum presta”. A mãe de F8 sempre trabalhou como empregada doméstica e a depoente diz ter seguido a mesma profissão da mãe, até fazer um curso de manicure em um Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, há alguns anos.

Ela tem dois filhos, da primeira união. Atualmente tem 36 anos e vive há quatro anos com um viúvo de 39 anos (ele é mototaxista) e tem quatro filhos.

No total, eles são oito pessoas dividindo quatro cômodos da casa do viúvo. Conta que ele é um homem trabalhador, sério, com horários bem definidos, sai às 7:00 h e sempre volta às 18:00h para casa. Muito diferente do primeiro marido, um trabalhador autônomo sem hora para chegar ou sair, quase um alcoólatra. Ele bebia e batia nela e nas crianças. “Ele sempre arrumava pretexto para brigar e no final promovia um quebra-quebra na casa”. Quase sempre eles paravam na delegacia.

Disse ainda sobre as violências sofridas “Não era só eu quem apanhava. Tem muita mulher que apanha do marido, eu não era a única”. A entrevistada não se separou devido à violência do marido, mas sim porque ele não lhe dava dinheiro.

Meu ex-marido era muito bom de cama e também era bom quando não bebia. Eu sempre gostei dele, mas ele nunca quis prestar! Sempre bebendo; eu bebo, mas tem hora pra isso. Dava dinheiro pras vagabundas e nada pra casa. Quando eu falei em separar, ele logo pulou e disse que ia vender a casa. Ficou foi feliz, cabra safado! Eu só me separei porque ele já tava demais. Não via mais a cor do dinheiro dele, era já, só o meu. Ai né, ter homem só pra enfeite não dá.

F8 relatou ter concluído o ensino médio por meio do supletivo e, após a separação, ter voltado com dois filhos para a casa da mãe. Lá, ficou por seis meses até se envolver e ir morar com um viúvo, após dois meses de tê-lo conhecido.

O viúvo, como se refere ao companheiro, tinha uma casa própria, um carro e uma moto. Ele, após conhecê-la, ofereceu-se para pagar para ela autoescola. E ela aceitou e, com isso, passaria a utilizar o carro dele, ia deixar e pegar crianças na escola (filhos de vizinhos ou parentes). Depois, ela seguia de carro para a casa das clientes. Começou a ir as residências de suas clientes para lhes fazer as unhas (artísticas e comuns).

Ela e o viúvo (manicure e mototaxista) decidiram que ela deveria cursar faculdade de estética para garantir melhor o futuro. “Ele é muito bom (o viúvo) sabe negociar, tem duas casas próprias (terrenos comprados e depois erigidas casas em duas invasões), mas, de estudo, assim, ele é burrinho. Mal sabe assinar o nome”.

A renda do casal gira em torno de R\$ 2.000. Ela recebe 50% de bolsa do PROUNI e também recebe Bolsa-família. Para eles, ela e o companheiro, estudar é necessário para ganhar mais, contudo, acredita “se a pessoa não for esforçada, com estudo ou sem estudo, não adianta nada. Não é o diploma que ajuda o trabalhador, mas o trabalhador é ajudado pelo diploma”.

Para F8, o brasileiro não tem do que se queixar, pois tem ajuda do governo, das bolsas (Família, Estudo). Acredita serem alguns brasileiros “reclamões” (sic) ou fracassados e, por isso, viveriam reclamando do governo.

Quanto à política, ela a entende como corrupta, mas conjectura serem, as ações dos políticos corruptos, ações comum dos brasileiros, pois acredita serem quase todos os brasileiros assim, corruptos. “Não sei se existe, eu acho que não, uma pessoa com muito dinheiro que podendo não guardar para ele e para a família, quem não faria isso? E essa história de empregar o parente, duvido se eu não ia empregar um parente meu. Só se eu fosse muito ruim, para não fazer isso”

## **GRUPO DOS GRADUADOS**

### **2.1.13 Após a festa,voltei aos estudos**

Nossa entrevistada G1 é formada há oito meses, egressa do curso de Pedagogia. Antes mesmo de graduar, já atuava na escola (estagiária) na qual hoje faz parte do quadro funcional. Solteira, mas com um filho para sustentar, diz nunca ter brincado enquanto esteve na faculdade. “Enquanto minhas colegas conversavam, eu estudava. Sempre revia os conteúdos mesmo na hora do intervalo. Se fosse só pra mim o meu dinheiro, mas ele também sustenta meu filho”.

G1 mora com a mãe idosa, que recebe Benefício de Prestação Continuada-BPC. Hoje lamenta apenas não ter tempo para poder estudar para os concursos. “Quando saí da faculdade determinei que ia passar em um concurso público e hoje devido ao trabalho tomar o meu tempo, não consigo estudar. Sei que a vida é assim: só passa quem estuda”.

A renda de G1 é de R\$ 2.400. Somada à de sua mãe, fica em torno de R\$ 3.700. Ela está na autoescola e logo pretende comprar um carro. Das mudanças observadas desde a formatura, frisa. “Após a festa, voltei aos estudos, mas agora para preparar as aulas.” Pretende cursar uma pós-graduação e, quando for possível, pretende se aperfeiçoar em informática, um grande entrave para seu trabalho, pois ela só sabe operar o básico em um computador, aprendido no dia a dia.

Outro desejo é proporcionar uma boa base “educativa” para o filho. Ela pretende para ele a formação em áreas mais disputadas. Pensa para o filho uma formação em medicina ou engenharia. Quanto ao lazer ela diz gostar de sair para assistir alguns shows de comédia e de cantores, sempre em companhia das irmãs ou tios (eles têm carro). Assim, pode retornar dos eventos na madrugada. Sai também para levar as crianças, sua e dos parentes, para os cinemas ou os eventos nos *shoppings* da cidade.

Apesar de não ter sido perguntado, ela diz que só namorará alguém no mínimo que tenha também curso superior. “Não é ser preconceituosa. Estou sim desejando ou exigindo alguém do meu grupo social. Eu sou, então quero alguém também formado”.

#### 2.1.14 O dinheiro fala mais alto

Nossa entrevistada G2 tem 42 anos, trabalha como vendedora em um dos *shoppings* da cidade e diz nunca ter pretendido deixar a profissão e autodefine-se uma excelente vendedora.

Formada há quase dois anos, em Pedagogia, disse ser a formação superior necessária para melhorar o curriculum e a fala. Lembrou-se de ter definido, já no primeiro momento da vida universitária, que o diploma era apenas uma vaidade particular. “Nunca pensei em ter um diploma para mudar de vida; na verdade nunca pensei em deixar meu trabalho, pois o dinheiro fala mais alto.”

Segundo informa, sua renda mensal atualmente é de R\$ 4.000, fora brindes e incentivos, e tem ainda a ajuda de sua mãe (moram juntas) aposentada que recebe R\$ 1.5000. G2 foi casada por três anos, há 15 anos, e não tem filhos, por isso gasta muito com os sobrinhos.

G2 tem carro e o troca de três em três anos. Tem um namorado e pretende para o futuro auxiliar no futuro educacional dos sobrinhos. Também deseja viajar para o exterior, conhecer a Grécia. Conta que suas colegas de faculdade estão, quase todas, trabalhando na área de formação e algumas até ganham mais do ela. Contudo, acredita ser melhor ficar no comércio, um mercado já conhecido, em vez de aventurar na educação.

Atualmente, G2 diz estar feliz e realizada profissionalmente. Tem um salário bom, amigos, sabe vender, passeia, vive em companhia da mãe e dos demais parentes. Não tem final de semana. Relata que, estando de folga, não tem um convite para eventos. Acredita que esses convites são frutos das boas maneiras e do conhecimento adquirido na faculdade.

#### 2.1.15 Promessas se cumprem na base da amizade

G3 está trabalhando em sua área de formação, após três anos de sua formação. Ela é casada há mais de dez anos e tem filhos. Conta ter sido seu maior obstáculo, no período da graduação, a recorrente falta de dinheiro, problema que comprometia a compra de livros e apostilas.

Durante o decorrer da graduação, foi amparada pelo esposo que sempre ganhou três salários mínimos. Ela diz também ter sempre declarado-se separada, para conseguir benefícios em geral, como o Bolsa Família e o Prouni, os quais usufruiu por quase cinco anos.

Após formar-se, G3 foi em busca de conseguir trabalho, deixando currículos em todos os municípios próximos a Manaus. Após quase um ano tentando, conseguiu ser contratada, em regime de serviço prestado, por uma empresa, para ministrar aulas em um curso técnico no Novo Remanso-AM. Para tanto, teve que se mudar e deixou os filhos e o marido na capital.

No Novo Remanso, ficava durante a semana e retornava para Manaus nos finais de semana. Fez isso durante quatro meses e retornou à capital, desistindo do emprego. Nos anos seguintes, teve apenas uma proposta de treinamento, após disputar uma colocação profissional. Acredita que empresas com tais propostas não são boas, pois elas oferecem, sem remuneração, três meses de treinamento e, só depois, se passasse no treinamento, iria começar a receber salário. Então, foi para o treinamento, mas lá só ficou quinze dias.

No mercado de trabalho comprovamos aquela história de precisar de q.i. (quem indique) emprego quando aparecem são ocupados por parentes de um ou de outro, com tudo que vi, decidi que deveria estudar e tentar uma vaga na área pública. E foi isso que fiz.

O passo seguinte, conforme relatou, foi começar a estudar e tentar trabalho passando em concurso público. Até que conseguiu passar para o interior do Amazonas. “Nesse tempo, ainda era a minha Bolsa Família que me dava um dinheirinho certo. Só me nomearam quase um ano depois.”

Ela, devido ao trabalho, alugou uma casa no interior. Retornava para Manaus nos finais de semana para ficar com a família e, após seis meses trabalhando concursada, comprou um carro, uma moto e reformou a casa (própria, mas no terreno da sogra). Tudo isso possibilitado por um empréstimo bancário. Pretende, para o futuro, ajudar o marido a ter um curso superior e proporcionar uma ótima formação para os filhos.

Quanto à política, ela confia ter combinado com um político (quando estava desempregada) trabalhar nas campanhas eleitorais para ele, em troca de emprego, e assim fez. O político, porém, após ganhar a eleição, trocou até o número do telefone e, segundo relatou, ele nunca mais deu notícias.

Contudo, diz saber que essa prática (trocas) deu certo para outras colegas mais próximas do candidato e, ao fazer um balanço sobre esse tempo, diz ter aprendido a não trabalhar de graça, esperando promessas serem cumpridas.

Também acredita que a revolta (por ter sido enganada) serviu de combustível para estudar, com mais afinco. “Promessas se cumprem na base da amizade”

#### 2.1.16 O diploma de nível superior, a esperança e a mudança de vida da Nova Classe C

No grupo M, encontram-se quatro homens. Três deles são os primeiros a cursarem o ensino superior na família (pai, irmãos). Nos depoimentos, disseram terem aprendido a importância do estudo (do terceiro grau) com experiências de pessoas próximas. Presenciaram aumentos nos ganhos salariais de amigos e parentes, de maneira muito positiva. Entenda-se: esses amigos e parentes compraram móveis, imóveis e automóveis.

Dos entrevistados, dois disseram que passaram a acreditar na importância do aprimoramento educacional, a partir dos ganhos dos respectivos cônjuges, que passaram a ter salários bem maiores em relação à formação de nível médio. Um deles, disse que sua inspiração nos estudos veio por intermédio dos irmãos e outro, por influências dos amigos de trabalho. Todos desejam, a partir da conclusão dos cursos, melhorias salariais. Não negam o desejo de continuar estudando para aprimorar o conhecimento, mas pensam primeiramente em um salário melhor. Explicam ser esse desejo o responsável por investirem até 50% de seus ganhos em pagamento de mensalidades, xerografias, livros e atividades extraclasse, como seminários e cursos com horas complementares.

Quanto à conclusão do ensino médio, um o concluiu em escola privada, dois o concluíram por meio de supletivo (um em instituição privada e outro, em pública) e um, na rede pública de maneira regular.

Três apontam o ensino médio como frágil, mas um dos entrevistados acredita ter um conhecimento bom, devido ao ensino secundário. Os quatro acreditam que não será um entrave em suas profissões ou na disputa por vaga no mercado de trabalho o fato de a formação superior ter ocorrido na rede privada.

Todos acreditam ser o diferencial em um profissional o conhecimento adquirido em sala de aula, a capacidade ou dedicação do aluno. Das dificuldades encontradas para formação, os quatro, de formas distintas, apontaram a entrada no ensino superior como o maior problema. Após essa conquista (começar o curso

superior), todos os outros obstáculos seriam menores em relação à dificuldade do ingresso.

Enaltecem a si mesmos como se pertencessem a uma nova realidade, algo longe de suas histórias de vida ou da trajetória de seus antepassados. Acreditam em um futuro ainda melhor para as crianças e adolescentes que pertencem aos núcleos familiares. Seria como se, a cada novo membro da família que adentrasse ao ensino superior, o nível de conhecimento familiar pudesse alçá-los a patamares ainda melhores. Os três entrevistados que já são pais pretendem para os filhos formações em profissões mais disputadas, tais como mecatrônica, medicina ou odontologia. Um dos entrevistados (sem filho) diz pagar curso preparatório para o sobrinho, pretendendo para ele o curso de medicina na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

O grupo M percebeu, a partir da década de 2000, sensíveis mudanças econômicas. Dois citaram melhorias financeiras devido ao aumento de renda dos respectivos cônjuges. Outro entrevistado melhorou seus ganhos por ter passado em um concurso estadual de nível médio e o outro, por ter sido contratado em regime de serviço prestado pela prefeitura.

Esses fatores, em consonância com o aumento do número de faculdades privadas, possibilitaram o ingresso dos entrevistados nos cursos superiores. Contudo, a realidade dessas pessoas ainda é de uma vida no limite. Contam diariamente com a sorte. Qualquer eventualidade que demande novos gastos econômicos surpreende e acarreta mudanças nas atividades mensais. Apesar disso, esses “batalhadores” (Souza, 2012) creem em um futuro de progresso econômico para eles e seus familiares.

No grupo F, encontram-se as oito entrevistadas. Seis delas são as primeiras da família a cursarem ensino superior. Todas estudaram o ensino médio na rede pública, tiveram avôs analfabetos ou semianalfabetos e seguem progressivamente uma trajetória familiar de avanços no grau de escolaridade, pois seus pais, pelo menos um, haviam concluído o ensino fundamental, com êxito.

Entre as entrevistadas, apenas a mais nova, com idade de 25 anos, não tem filho. Duas tiveram dois filhos e as demais, somente um filho. Quanto à moradia, duas moram com a família consanguínea e as outras seis, com um marido ou um companheiro.

Diferente do primeiro grupo, quase todas no grupo F necessitam do apoio financeiro da família para manterem os estudos. Três disseram que já venderam, no local onde estudam, roupas, perfumes por catálogo (Avon, Natura e similares), trufas e brigadeiros para obter um dinheiro para necessidades básicas.

Por outro lado, alegam sentirem-se independentes e felizes, pois o diploma para algumas significa liberdade financeira e a separação do companheiro, assim como mencionado por três das entrevistadas. O fator idade no grupo não foi mencionado sob nenhuma condição, mesmo tendo elas 25, 26, 29, 35, 36, 37, 40 e 42 anos.

Todas alegaram estar retomando os estudos, após um tempo afastadas. Esse tempo varia entre dois e vinte três anos. Nesse sentido, elas informaram, como causa da interrupção dos estudos, o casamento, a gravidez, a falta de perspectiva e a impossibilidade de disputar uma vaga na rede pública de ensino superior.

O convívio no universo acadêmico, segundo informam, foi um divisor de águas para pensarem cada vez mais e sentirem-se capazes de conversar e falar sobre os problemas cotidianos com um senso de criticidade. A maioria percebe mudanças em sua forma de falar, pensar e explicar assuntos, os quais antes não compreendiam como traição, desigualdade, corrupção e cidadania.

Uma das entrevistadas lembrou-se de uma frase repassada pelo pai e internalizada por ela e os seus irmãos. Dizia-lhes o pai: “Ser cidadão é votar e trabalhar”. Essa frase a acompanhou até chegar ao ensino superior, quando descobriu que o pai havia passado apenas uma pequena fração do conceito de cidadania.

Esse grupo, de maneira geral, tem os estudos como uma ferramenta que possibilitará, para além dos ganhos econômicos, dignidade, autoestima, renovação e mudança de vida. Significaria, para quase todas, uma possibilidade de reparar erros passados, como trocar de marido, de profissão, de vizinhança e de proporcionar melhorias aos familiares.

O grupo G, das graduadas, aponta as mudanças esperadas em suas vidas como já se materializando. Após a formação, o salário das três apresentou mudanças ascendentes, mesmo para uma das entrevistadas que decidiu, segundo afirma, permanecer no antigo emprego. Contudo, devido à formação superior, ela recebeu nova colocação no antigo emprego, vindo a ter pelo menos 30% de acréscimo em seu salário. As outras duas começaram a vivenciar uma nova

colocação no mercado de trabalho: uma, na rede privada e outra, na rede pública; uma triplicou sua renda e a outra começou a receber mais do que a renda mensal do marido e do benefício bolsa família juntos, pois esta era a renda da família antes de seu trabalho no setor público.

Esse grupo G aponta duas maneiras pelas quais as entrevistadas conquistaram uma vaga de trabalho. Uma, após o estágio no setor privado, ingressou nele. Todavia, ela apresentava na fala uma inquietação, na medida em que, para trabalhar, mesmo ganhando mais, necessitou deixar para trás o sonho de se preparar para um concurso federal. No segundo caso, temos a entrevistada que, por mais de dois anos, ficou sem uma colocação no mercado de trabalho e, por isso, viu nos estudos a única maneira de conquistar um emprego e assim o fez.

Gilberto Velho (2009) aponta a complexidade envolvendo a vida do homem urbano. Tendo a cidade como o principal cenário para uma compreensão contemporânea desta, sua análise embasará nossas possibilidades de conceber a visão de mundo da nova classe C em Manaus.

No esquema proposto pelo autor, na cidade as relações sociais, por múltiplas categorias, operam um processo contínuo de mudanças sobre o ser, através de variáveis econômicas, políticas e simbólicas e geram novos significados.

Sequencialmente, é importante focalizar o multipertencimento dos quais participa o indivíduo, pois isso evidencia várias realidades e faz surgir a temática da identidade. Esta nos remeteria a uma nova categoria, a do “pertencimento”. Este surge das interações da vida, que se processam por intermédio das redes sociais (ibid).

Dessa forma, seguindo os estudos de Velho (2008) podemos interpretar a visão de mundo da NCM em Manaus pensando que cada indivíduo cria a sua própria, a partir das reminiscências e do cotidiano. Ele (o indivíduo) filtra o que mais o afeta, fragiliza, anima e inspira e também o fortalece, ou seja, os motivadores dos projetos de vida estariam marcados por uma constante dualidade, como mencionaremos a seguir.

Pode-se perceber essa dualidade com os entrevistados dos grupos M e F em relação às situações vivenciadas no decorrer da sua vida. Para alguns entrevistados, suas motivações nasceram do desejo de mostrar para outros (parentes, ex-marido, namorados, vizinhos e patrões) que eles teriam vencido na vida e apontaram o curso superior como a materialização dessa “vingança”. Por

outro lado, alguns apontaram o desejo de melhoria de vida, ou o combustível de suas motivações como algo necessário para agradecer aos que lhes auxiliaram: parentes e amigos. Assim, o desejo de vencer na vida seria nobre, altruísta. Viveriam constatemente nessa dualidade: “vingança X altruísmo”.

Outra conexão possível entre os entrevistados, suas trajetórias de vida e suas perspectivas, está em suas faixas etárias. Os entrevistados, exceto três, não têm filhos. Os demais se casaram ou tiveram filhos entre os 18 e 26 anos. Portanto, quase todos fizeram um caminho inverso ao convencional, no qual se estuda, casa-se e têm-se filhos.

Observa-se também a tradição e a inovação permeando o grupo, a partir da formação familiar (cônjuges e filhos), pois dez dos quinze entrevistados vivem um relacionamento a dois, formalizado entre os 18 e os 26 anos. Entre os motivos da união (casamento, junção) estão: a vinda do primeiro filho ou a necessidade de sair de casa ou, ainda, o amor, como citaram. Entendemos tal situação como uma tradição apoiada na trajetória dos pais, que também fizeram esse percurso. O diferencial seria que os entrevistados seguem uma tendência mundial na atualidade: a diminuição do número de filhos. Entre os entrevistados, um tem três filhos; três, 2 filhos e nove, apenas um filho. Segundo o IBGE (2011) a dinâmica da população mundial está sendo alterada, especialmente nas últimas décadas. Como causas deste fenômeno estariam o avanço na medicina, o aumento da educação e do saneamento básico. A materialização dessas mudanças pode ser constatada na redução do número de filhos, da mortalidade infantil e o aumento da longevidade do ser humano.

#### 2.1.17 A dinâmica maneira de compreender o mundo

Ressaltamos que entendemos os relatos da vida cotidiana como a realidade interpretada pelos atores sociais (os entrevistados). Uma realidade subjetivamente composta por múltiplos sentidos, formando para os atores um universo composto de suas verdades e organizadas de forma coerente para eles (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Alguns participantes do grupo M (homens) relataram a seguinte mudança ocorrida nos últimos dez anos em sua maneira de pensar, em seu cotidiano, como a principal: dois integrantes disseram ter passado a aceitar serem sustentados pelo cônjuge, fugindo às convenções. Um deles disse que optou em cuidar do lar, após

vários objetos serem subtraídos de sua residência, quando a deixava sob cuidados de colegas ou diaristas.

Diante do fato relatado e devido ao cônjuge ter renda maior, ele teria feito um acordo e seria responsável pelos afazeres domésticos e pelo cuidado com os filhos. Diz que nunca se importou ou se sentiu diminuído por tal atividade. Ao contrário, acredita que fez o correto para a família. Porém, seus familiares associaram tal realidade à vagabundagem ou à uma vida de exploração.

Nessa mesma temática, outro entrevistado, que ficou por três anos dependendo dos ganhos do cônjuge, disse não ter visto problema em ter sido sustentado enquanto estudava, pois, em contrapartida, ele cuidava do lar. Disse, porém, que quando era possível auxiliava nas despesas com “bicos” (sic). Diferente de sua família e especialmente da família da esposa, ele disse ter passado a perceber que, na cidade grande, os elementos ligados à tradição familiar de homem provedor do lar foram ultrapassados.

Esses relatos exemplificam como as convenções dos deveres de marido e esposa representaram maneiras diversificadas de exprimir os valores em tempos determinados. Atendendo às exigências atuais, os casais estariam compartilhando igualmente o dinheiro, as crises, os dramas e tudo o mais.

Em outro depoimento, a mudança consistia no pai exigir ficar com o filho, após a separação. Relatou o depoente ser apaixonado pelo papel de pai e considera entre ele e o filho existir um forte vínculo afetivo e de companheirismo. Afirma ter sido essa relação tão expressiva, de união, a causa de a ex-esposa concordar em deixá-lo responsável pelo filho após a separação.

No grupo F, as transformações na maneira de entender a vida foram em grande número relatadas. Contudo, nos limitaremos apenas a ressaltar três delas, eleitas proporcionalmente pela intensidade reproduzida na fala das depoentes. Uma das entrevistadas relatou uma mudança na maneira de entender a sua família. Como um desabafo ou uma confissão, disse ser a sua família um fardo e encontrá-la significa aborrecimento e revolta. Apontou, como causa dessa nova maneira de pensar, o convívio com a família do cônjuge. Segundo afirma, a família dele está sempre em busca de melhorias, planejando o futuro. A dela está sempre brigando e pedindo favores dos vizinhos, dos parentes, do governo e até do pastor.

Outra participante do grupo F lembrou-se que aprendeu em Manaus a construir seus próprios valores. Essa entrevistada foi abusada sexualmente durante

sete anos de sua vida. Diz que reaprendeu a valorizar a infância. Falou muito sobre o tempo em que era violada pelo tio. Sua única preocupação era a vergonha que sentiria do pai ou de outros parentes se viessem a saber da violação, pois achava-se culpada, sem poder definir do que tinha vergonha ou culpa. Só se lembrava da mãe a culpando e prometendo socos e pontapés, se o pai e os parentes soubessem o fazia com o tio.

Em seus relatos, disse na atualidade observar, com o máximo rigor, as relações dos adultos com as crianças e a forma de carícia envolvendo-os. Ela sempre está vigilante, a fim de manter, sobretudo, a inocência das crianças. Quanto às implicações em sua vida, em decorrência dos abusos sofridos, diz que jamais conseguirá confiar ou amar alguém além do filho. Quase não visita a mãe, o pai, e pouco se importa com as traições do marido. Acredita que a faculdade e os amigos são o que a vida lhe proporcionou de melhor. Nos livros, desde que entrou na faculdade e foi obrigada a ler, encontrou um refúgio para não pensar nas tristezas.

Outra mudança na maneira de ver a vida nos foi referida por uma de nossas entrevistadas em relação à violência doméstica. Ela alegou ter conseguido separar-se do ex-companheiro, após anos assistindo a um programa vespertino de televisão. Contou que passava a torcer pelas mulheres e começava a ver os maridos, incluindo o seu, como um vilão. Começou a desconfiar do amor do ex-marido que, costumeiramente, após cada agressão, pedia perdão e dizia ter perdido o controle.

Para ela, o ex-marido era igual aos outros maridos. Aliás, ela via nos maridos das vizinhas pessoas ainda piores. Uns não voltavam para casa nos finais de semana, outros tinham várias amantes. O problema do ex-marido “era só agredi-la quando perdia o controle”. Disse, também, muitas vezes ter sido a culpada pela agressão, pois irritava o ex-marido. Afirmou que sabia da existência de várias mulheres, “ricas, doutoras e bonitas” que podiam, mas não largavam o marido depois de serem agredidas.

Ela também poderia conseguir. Afirmou que essa experiência e o programa referido foram os transformadores de sua visão de mulher e os responsáveis por ela ter abandonado o ex-marido, após a terceira vez que o denunciou na delegacia.

Nos depoimentos e experiências relatadas e transcritas é possível levantarmos duas questões propostas: Por que esses indivíduos agem dessa forma? A partir do que reorganizam suas ações? Pelo presente estudo, tem-se a seguinte resposta: primeiro, aprendemos a agir conforme nos é transmitido no espaço em que

vivemos com a família e os amigos próximos, nossa zona de manipulação. Nele, nesse espaço, vive-se ou sobrevive-se, pois teríamos pouca consciência sobre os significados e os valores que adotamos, por exemplo, qual o papel de um homem, de uma mulher, de um casamento ou dos estudos, assim por diante.

Deste modo, sobre a situação na qual estamos envolvidos (pobreza, casamento, violação ou moradia), a princípio, tem-se pouco a argumentar, pois o ator encontra-se em uma situação permeada por vários significados. Ele necessita refletir e as ponderações serão diferenciadas, tanto pelo capital cultural e financeiro do ator, como pelo meio à sua volta. Dependendo de quem seja o ator e qual o meio à sua volta será executada uma forma de ação.

Em um segundo momento, é construída uma nova leitura envolvendo o espaço de vivência. Nele, estando o ser humano em constante interação - econômica, cultural, autoestima, destemor etc. - nos depararíamos com novas experiências, por meio de outras pessoas, sejam elas de diferentes classes sociais, profissões ou culturas. Enfim, inovaríamos a maneira de agir.

Das entrevistas, pode-se compreender, de maneira sumária, sobre o agir dos entrevistados, seus nexos e suas rupturas com o passado e o presente. E suas falas sempre foram projetadas: autoafirmação, enaltecimento ou autoabsolvição.

As inovações são algo problemático, para a rotina. Contudo, após absorvê-las e dominá-las, elas, as inovações, passam a ser novamente parte do nosso cotidiano. A realidade cotidiana só é tal até novo conhecimento. “Quando isso acontece, a realidade da vida cotidiana procura integrar o setor problemático dentro daquilo que já é não problemático”. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.41).

#### 2.1.18 Batalhadores da NCM em Manaus

**Tabela 1 - Profissão e rendimento dos entrevistados e de seus cônjuges**

Depoente	Profissão anterior	Profissão atual	Cônjuge Profissão Ant.	Cônjuge Profissão Atual
M1	Operário do Distrito industrial	Estudante R\$ 900,00	Técnico saúde	Grad/Saúde R\$ 2.900

M2	Vendedor de loja	Vendedor R\$ 3.000		
M3	Funcionário Público	Func. Público R\$ 2.200		
M4	Funcionário Público	Func. Público R\$ 1.600		
F1	Aux. Serviços gerais	Diarista R\$ 1.400		
F2	Estudante	Estagiária R\$ 600	Téc. Química	Químico R\$ 4.500
F3	Estudante	Estagiária R\$ 1.800		
F4	Estudante	Oper. (caixa) R\$ 1.600	Estivador	Segurança R\$ 1.200
F5	Vendedora (loja)	Estudante R\$ 600	Técnico informática	Empresário R\$ 30.000
F6	Estudante	Vigilante R\$ 1.400	Tec. Eletricista	Eletricista R\$ 1.200
F7	Empregada Doméstica	Cabeleireira R\$ 2.500	Marceneiro	Soldador R\$ 1.300
F8	Empregada Doméstica	Manicure R\$ 800	Estoquista	Moto taxista R\$1.200
G1	Professora formação média	Profª Graduada R\$ 2.400		
G2	Vendedora	Graduada/Vende dora		

		R\$ 4.000		
G3	Estudante	Funcionária Pública R\$ 4.200	Tec. Refrigeração	Tec. Gráfico R\$ 1.500

A partir da análise de renda, dos entrevistados seguindo o trabalho de Neri (2013), chegamos a organizar o grupo em apreciação e o aceitamos como parte da NCM. Esboçamos, na tabela 1, as atividades laborais dos entrevistados e de seus cônjuges e os seus ganhos salariais. Apresentamos, também, as atividades anteriores dos mesmos e as exercidas na atualidade.

Foram examinados, a partir do levantamento salarial e das entrevistas, alguns aspectos presentes no grupo tais como faixa educacional, habitação e transporte, entre outras características, de modo a contextualizar o cenário do qual participa esse grupo, associando também suas profissões, mobilidade social e perspectivas futuras.

Sobre a residência dos entrevistados, encontramos famílias habitando casas próprias (com valores entre 40 e 100 mil reais, segundo informações dos depoentes). Convivem nestas residências de uma a cinco pessoas, com baixo número de crianças. A maior parte mantém a tradição de serem chefiadas por homens. Tal “chefia” refere-se ao planejamento e à aplicação do dinheiro ganho.

As mulheres têm maior nível de escolaridade entre os casais entrevistados (elas somam 60%). Estão graduando, enquanto os companheiros permanecem com nível fundamental (75%) ou técnico (25%). Esse resultado já é muito comentado na mídia e nos estudos mais atuais sobre escolaridade no Brasil.

Conforme apontou o IBGE (2011), uma das maiores transformações na sociedade brasileira nas últimas décadas é a escolarização da mulher, que vem progressivamente evoluindo. As mulheres estariam apresentando, em média, 0,4 anos a mais de escolaridade em relação aos homens. Na região Norte, elas ficariam sete anos na escola e os homens, 6.3 anos. Ressaltamos, a partir dos resultados da pesquisa com o grupo, a constatação de um consenso conjugal referente à educação, entre nossos entrevistados.

A pesquisa aponta o companheiro como um dos incentivadores do protagonismo educacional feminino. Alguns homens, segundo relatos, teriam ido em busca de bolsas governamentais, outros, do pagamento da matrícula e primeira mensalidade, e outros teriam optado por auxiliar a companheira e só depois retomarem os estudos. Surgiu apenas um relato de um posicionamento contrário do companheiro quanto à formação da esposa. É relevante também pontuar que todos os entrevistados não dominam outro idioma.

Quanto à busca por cursos técnicos e superiores, ela segue a lógica da facilidade. Escolhem-se os cursos a partir dos conteúdos e do custo financeiro. Doze entrevistados informaram estar cursando o ensino superior que foi possível. Outro ponto dá conta da escolha dos cursos técnicos ou de graduação estarem relacionados com tempo decorrido fora das atividades educacionais, ou seja, quanto maior o tempo longe dos estudos (parados), mais distantes também seriam as chances de escolhas envolvendo cursos com a necessidade de cálculos matemáticos.

Seis pessoas entre os quinze entrevistados compartilham uma vida a dois. Destes, todos disseram que tem transporte próprio. Entre estes a metade (três) repassa ao homem a responsabilidade pelo deslocamento da família e as mulheres não possuem Carteira Nacional de Habilitação. Nos restantes (três), cada um tem transporte próprio.

Nove dos entrevistados dizem viver sós. Dentre eles, uma mulher utiliza transporte público (e não tem CNH); outra utiliza serviços de mototáxi (dia de sol) e táxi (período de chuva) e possui CNH. Três outros entrevistados utilizam motocicleta para sua locomoção (todos possuem CNH/ A e B) e o restante usa carro particular.

Quanto ao crédito, dos quinze entrevistados, nove estão com nome registrado no SPC (Sistema Nacional de Proteção ao Crédito), mas utilizam ou o nome do cônjuge, de parentes ou de amigos para obter o que precisam. Quanto ao emprego formal ou informal, apenas sete entre os entrevistados trabalham protegidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT. O restante vive de serviços prestados (dois) ou de bolsas de estágio (três), sendo que os outros estão no mercado informal e não recorrem à previdência privada. A respeito dessa informalidade, poderíamos lembrar-nos das várias maneiras de os entrevistados ganharem dinheiro, sobretudo com vendas dos mais variados produtos tais como: sexy shoppings, trufas, maquiagem, perfumes, comidas, relógios e joias, entre outros.

Mais preocupados em preparar o futuro estão os entrevistados. Por isso, são capazes de se manterem em atividades muitas vezes cansativas. Nessa corrida, por melhorias, é válido abdicar até mesmo de horas de lazer para no futuro usufruir das conquistas.

Sclan (2004) relata ocorrer uma aceitação da desigualdade pelos brasileiros próxima à lógica criada no período militar. Segundo a autora, estaríamos “conformados” com a desigualdade, esperando sempre a economia melhorar, para depois ser dividida. Esse seria o nosso jeitinho de conviver com as desigualdades (p. 29): os depoentes querem mudar suas realidades; porém, sem precisar efetuar uma reflexão mais complexidade ou mais ampla acerca do sistema no qual se insere. “Não vou mudar o mundo”.

Enfim, parece-nos correto avaliar as melhorias da renda de parte da população de Manaus, observando como esse progresso está sendo disposto. E, nesse sentido, o grupo em questão está cuidadosamente definindo prioridades focando o futuro. Contudo, apesar de muito preocupado com o presente, mostraram pouca reflexão sobre temas mais amplos. Não exibiram mudanças radicais nos seus hábitos cotidianos. Eles, apenas com um pouco mais de ganhos, seguem caminhando da base rumo ao mais alto que possam alcançar na pirâmide social.

A maior característica dos novos emergentes analisados permanece sendo a constante luta para se manter batalhando por melhores condições de vida. São emergentes, pois estão elevando seus status sociais por meio de cursos profissionalizantes (técnico e superior), têm casa própria com mais de quatro cômodos, com poucos residentes, têm transporte próprio, têm algumas possibilidades de frequentarem cinema, *shoppings*, restaurantes e fazerem viagens ou compras nas fronteiras.

Aos domingos, especialmente, permitem-se um café da manhã nas estradas e seguem a um balneário com a família, nos municípios próximos a Manaus ou ainda preparam um almoço com direito a tambaqui na brasa para parentes ou amigos. São objetos básicos em suas casas: televisão (oito dos quinze entrevistados possuem tv a cabo), computador, telefone celular para todos os membros da família e serviços de internet (treze entrevistados têm em sua residência), entre outros objetos do dia a dia.

Entretanto, é necessário sensibilidade ao constatar que eles, na maioria, são os primeiros a ascender no contexto familiar, o que demanda novos ganhos para

eles e auxílios aos parentes das classes D e E. Além de auxiliarem os parentes financeiramente, ainda lhes compete o dever de conquistar reconhecimento com as novas profissões, pois muitos amigos e parentes desacreditam no potencial do estudo.

Também estão presentes nesses emergentes relatos sobre uma trajetória de estudos de pouca qualidade. Alguns retornaram aos estudos após décadas, o que acarreta uma discrepância em relação a outros alunos com histórias de vida mais favoráveis ao sucesso acadêmico (JESSÉ SOUZA, 2011). Está envolvida nesse contexto também a questão dos hábitos. Alguns não gostam de ler e estão em cursos que exigem densa leitura. Essas pessoas, no entanto, estão acostumadas a se informarem diariamente por meio de jornais a custo de R\$ 0,25, jornais televisivos e programas sensacionalistas.

Contudo, eles estão em fase de mudanças, assim como um dia o fez a tradicional classe C, saindo da base em busca do topo social. A cada conquista e a cada geração, lapidam ou maximizam seu capital cultural e financeiro. Ressalta-se que, assim como a tradicional classe C manauara, há uma dependência simbiótica e financeira com os políticos, que são apontados nos relatos dos entrevistados como os principais possibilitadores dos avanços. Como resposta, essa NCM (75% dos entrevistados) crê que uma das alavancas de sua melhoria de vida são os programas oficiais do governo, em especial, como já mencionado, o Bolsa Universidade. Creem os entrevistados que o desejo de vencer na vida sempre existiu, mas as portas foram abertas, indiscutivelmente, pelos programas governamentais.

A NCM em Manaus, então, pode ser entendida, segundo sua própria visão, como uma classe que se formou na dependência dos projetos oficiais do governo.

#### 2.1.19 A classe média politicamente orientada

A classe média passou a compor o cenário de Manaus, a partir do período da borracha, quando era formada por comerciantes e por profissionais como advogados, médicos e professores, entre outros, que começavam a redefinir o cenário urbano. A modernização da capital pretendia, com a urbanização, a higienização e a sofisticação, romper com o passado de cidade obsoleta. Assim, a

luz elétrica, o saneamento, a faculdade, o comércio e as praças iriam sedimentar essa proposta ambicionada pelo poder público, vinculado aos interesses privados (DIAS 2007).

Entretanto, a modernização posta em andamento no ciclo da borracha não conseguiu promover um desenvolvimento capaz de conduzir a capital ao status de capital moderna. Conforme Rezende (2006), entende-se por moderno um processo de múltiplas mudanças em uma sociedade que favoreça a todos os membros. Tal definição distingue-se do processo de introdução de mudanças pontuais, geralmente ocorridas na organização do trabalho e na economia. Ela favoreceria a perpetuação da concentração do poder econômico, social e político, ou seja, a modernização dessa forma atingiria apenas alguns grupos sociais.

Em suma, a modernidade significaria transformação em várias dimensões. No contexto social, por exemplo, transpareceria um processo de formação do Estado de Direito e de consolidação da cidadania, assim como de fortalecimento da sociedade civil como base para a efetivação da democracia. No campo econômico, ela seria expressa na constituição de um capitalismo economicamente orientado, que não fosse voltado apenas para uma elite e que tivesse uma dependência menor do Estado e seus “donos do poder” (FAORO, 1989).

A “modernização conservadora” seria uma transformação aparente, pois manteria o poder concentrado e dependente. Seus caminhos não seriam capazes de engendrar, de fato, transformações no conjunto das relações sociais, econômicas e políticas (REZENDE, 2006).

Em relação aos entraves que impedem a capital amazonense de transformar-se em uma cidade moderna na totalidade, Márcio Souza (2010) menciona o poder da elite amazônica.

Ela sempre representou, através de seus estamentos, burocráticos de grandeza inferior, de espírito executivo, em cujos ombros a metrópole depositou a tarefa de manter a área agregada ao fluxo da evolução histórica (p.179).

A partir do grupo entrevistado, sugere-se em Manaus a existência de uma personificação calcificada, conduzida e legitimada, que projeta afetos e gratidões por parte dos entrevistados a quem se apresente como um “ajudador” (sic) ou um bom gestor. Essa personificação flui de ações que passam a serem reconhecidas e veneradas. Desde pequenas ações que glorifiquem a pessoa do político (geralmente

do Poder Executivo), como um aperto de mão, um sorriso, uma visita na residência ou a presença em um evento do bairro; até nas providências corriqueiras do setor público, tais como: limpeza de praças, asfaltamento de ruas e iluminação públicas, e outras ações.

Por exemplo, Valle (1996), escrevendo sobre as dificuldades que vivia a capital do Amazonas na década de 1950, com sérios problemas no abastecimento de água, luz e transportes, lembra que a população local enaltecia o governo Plínio Coelho (1955-1959). Farias (2010), falando sobre esse período, escreveu que o povo reconhecia esse governador também por ele pagar os melhores salários aos servidores, ter criado o Banco do Estado do Amazonas e iniciado a abertura da estrada Manaus-Itacoatiara. A admiração era voltada à pessoa do governador e não ao seu “governo”.

Com a implantação da Zona Franca, mantiveram-se as práticas de “modernização conservadora” da cidade de Manaus, sem que ocorresse uma mudança nas bases cíclicas de perpetuação da estrutura social e econômica oligárquica da cidade. Continuou Manaus a depender das articulações do Estado em manter as “benesses” de grupos determinados para estabelecer a Zona Franca. “A Zona Franca, com sua estratégia ligada às multinacionais, ao comércio de importação e ao modelo agropecuário, abre ainda mais a região ao exterior, promovendo uma economia dependente, altamente espoliadora e prejudicial” (SOUZA, 2007, p.181).

A Manaus contemporânea tem 95% de sua riqueza gerada pela Zona Franca, enquanto os 5% restantes provêm do comércio e extrativismo. Desde a década de 2000, passou a viver com a retomada de obras e prédios que inovaram a paisagem e tornou-se a quarta cidade do Brasil em concentração de renda e também em arrecadação de tributos. (FIGUEIREDO, 2011).

A capital recebe muitos migrantes do interior e de outros estados. Ela oferece espaços de consumo e luxo como shoppings, concessionárias vendendo carros importados e blindados, iates e restaurantes que servem comidas importadas. Também surge na capital um trânsito estrangulado e elevados índices de violência, os quais são símbolos da tentativa de mais um surto de modernização de Manaus, o renovado projeto Zona Franca. Nessa realidade, o grupo entrevistado não tem interesse em especulações relacionadas aos modelos de desenvolvimento econômico ou em refletir sobre ideologias políticas alternativas. Longe dessas

questões, os entrevistados identificam as transformações ocorridas na cidade com a atuação dos líderes políticos e a benefícios oriundos das ações desses “benfeitores”.

Da mesma forma, esse grupo entrevistado mostra-se incorporado aos projetos oficiais e à segregação social. Esta não suscita estranhamentos, mas é, de certo modo, considerada uma condição presente em todas as sociedades. Percebe-se que o prioritário desejo do grupo gira em torno daquilo que se mostra enquanto símbolo de status, para eles: casa, carro, marcas ou poder de consumo. Por outro lado, apresentam elevados padrões de fidelidade a quem os auxiliou, especialmente em momentos de dificuldades particulares.

Diante disso, podemos interpretar que a NCM manauense coexiste entre a “batalha” imediata pela sobrevivência e a realização de seus projetos futuros. Porém, possuem, acima de tudo, um elevado grau de dependência em relação aos projetos estatais (município, estado e união) e aos seus executores e promotores.

As experiências de vida dos entrevistados imprimem um conjunto de sentimentos que conduzem os indivíduos a uma espécie de devoção emocional que deságua nas eleições.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em primeiro lugar, gostaríamos de destacar que, a partir da estabilidade econômica no Brasil, desde meados dos anos 90, e do crescimento promovido por ela em padrões “chineses”, criaram-se em Manaus novas possibilidades de geração de renda e emprego, com melhorias, mesmo que localizadas, para a população. Nesse contexto, ocorreu também o aumento de vagas nas instituições privadas de ensino superior e a criação de programas de incentivos aos estudos nessa linha.

Em segundo lugar, ressaltamos a problemática realidade das tentativas de “modernização conservadora” da cidade de Manaus, como o projeto urbano do Ciclo da Borracha e o de integração com a Zona Franca, ambos com raízes econômicas

fluidas, na medida em que dependem de setores externos para manterem-se pulsando. Nesse sentido, Manaus ainda está aguardando por sua modernidade sustentável e por projetos mais amplos e democráticos de desenvolvimento.

Em terceiro lugar, tentamos efetivar uma inovadora interpretação sobre a nova classe C em Manaus, aceita como tal a partir de critérios estatísticos de renda. Quanto à trajetória dos entrevistados e seus sonhos, cabe-nos destacar que interpretamos apenas discretos fragmentos dos dados apresentados densamente nos depoimentos. Das entrevistas, seria possível desenvolvermos outras temáticas pela riqueza dos depoimentos. Contudo, isto extrapolaria os limites deste trabalho.

Mencionamos, também, o cuidado, muitas vezes, na subtração de informações, delicadas ou comprometedoras. Outro ponto necessário de ser registrado foi o compromisso dos entrevistados e a importância que demonstraram para com as entrevistas e as demais abordagens que foram solicitadas, quando necessário.

Registramos, ainda, que os entrevistados notam vários problemas em Manaus, como a falta de saneamento, as quedas de energia elétrica, o transporte público caótico. Ainda há outros agravantes, como a falta de escoamento viário, os serviços de internet deficientes e a segregação espacial, por exemplo. Contudo, há, em sua população, no que se refere à perspectiva de progresso futuro, uma evolução na base da pirâmide social manauense, ou seja, existe um crescimento, além da renda, também em termos de investimento educacional, como observado nos dados estatísticos apresentados e nos depoimentos dos entrevistados.

Contudo, aceitamos, conforme Braga (2012), que vem ocorrendo um desmanche do trabalho protegido por meio das terceirizações e com as novas ideologias empresariais pós-fordistas postas em prática, a partir da década de 90, tal como a do trabalhador polivalente. Assim, aceitamos que o aumento da renda do trabalhador em Manaus está atrelado a um aumento do seu sacrifício para que possa continuar sobrevivendo. Isso afastaria o fantasma contínuo da exclusão social e do desemprego. Porém priorizamos a sensação de conquista e progresso, com todas as suas dificuldades, que esse processo trouxe a seus atores.

O grupo estudado, por exemplo, mostra querer ser um ator protagonista de sua história, exibindo mudanças em sua autoestima, na geração de renda e na formulação de perspectivas futuras. Tal visão futura, os mantém reféns de uma

realidade dura dividida entre trabalho e estudo. Seus sacrifícios permanecem embalados pelo sonho de um futuro melhor.

Assim, as transformações ocorridas na economia brasileira a partir dos anos 90, juntamente com o aprofundamento da reestruturação produtiva apontam para um alargamento da NCM principalmente no sentido estatístico (NERI, 2011). Uma quantificação que deixa de lado alguns aspectos subjetivos, como por exemplo, a ocupação do indivíduo, a qualidade de vida, o lazer, ou o cuidado com a saúde, entre outros aspectos. Recuperar tais aspectos dessa “precarização” foi uma das metas deste estudo.

Afinal, a vida desses brasileiros batalhadores está cada vez mais na “corda bamba,” na medida em que buscam maior especialização em termos educacionais mas vivem uma constante precarização, tendo que trabalhar mais e mais para não deixar “a peteca cair,” como se fala no ditado popular.

Outro ponto relativo à NCM em Manaus e que merece destaque, um dado que, a nosso ver, é dos mais delicados, está relacionado à política. Segundo o grupo analisado, os representantes políticos são percebidos como fazendo parte (contato face a face) do dia a dia do entrevistado e sendo os responsáveis diretos pelo progresso da cidade e de seus habitantes, tanto direto quanto indiretamente.

A elite política local e suas ideologias estariam internalizadas na vida da população, pelo que vimos nos relatos. Tal situação ocorre em decorrência dos benefícios advindos dos entes federados (município, estado, ou União) ou de ações individuais de representantes dos três poderes. Tais ações, defendidas pelos entrevistados, não seriam uma exploração ou uma troca de interesses, como muitos acreditam, mas uma recompensa pela “lealdade” (sic) (MAUSS, 2003).

Das motivações descritas que geram a lealdade, os depoentes descreveram momentos nas suas trajetórias de vida em que a necessidade de um apoio particular (moradia, emprego, curso de pós-graduação, passagem para o exterior, festa de casamento etc). Quando atendidos, eles e suas famílias firmaram emocionalmente lealdade ao benfeitor. Essa relação significaria uma gratidão consciente e exaustivamente argumentada ou defendida. Acreditamos que essas reflexões possam servir de ponto de partida para futuras pesquisas sobre a cultura política local. São inquietações assim que podem nos levar a aprofundar os conhecimentos nessa área. Entretanto, por ora, isso ultrapassaria nossos limites.

## REFERÊNCIAS

ABEP- Critério de Classificação Econômica Brasil- 2010- Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.>>. Acesso em: 16 de out. 2013.

ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – 2008 – [www.abep.org](http://www.abep.org) – [abep@abep.org](mailto:abep@abep.org) Dados com base no **Levantamento Sócio Econômico**- Disponível em: <[http://abep @ abep. org.](http://abep@abep.org)>. Acesso em: 16 de jan. 2014. ALMEIDA, Alberto Carlos. A Cabeça do Brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2007.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico. Educação superior **INEP**. Disponível em: <[www.seplan.am.gov.br](http://www.seplan.am.gov.br)>. Departamento

de Políticas para o Setor Terciário - Tabela III – Educação no Amazonas 2010. Acesso em: 3 de nov. 2013.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. Rev. Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARTELT Dawid Danilo (Org.). **A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2013.

BATISTA, Djalma. **Amazônia: Cultura e Sociedade**. 3. ed. Manaus: Valer, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida a Crédito**. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BEHRING, Elaine; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. **Desenvolvimento Sustentável da Amazônia: Cenário, perspectivas e indicadores**. Manaus: Valer, 2002.

\_\_\_\_\_. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.

BENEVIDES, Maria Victoria Benevides. Participação política do brasileiro ainda é incipiente. **Espaço Cidadania Universidade Metodista de São Paulo**. São Paulo, 19 de setembro de 2012. Disponível em <[http:// www.metodista.br](http://www.metodista.br)>. Acesso em: 20 de junho de 2013.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de sociologia do Conhecimento**. Tradução Floriano S. Fernandes. 24. ed. Petrópolis, Vozes, 2004.

BNDES, 2011- Diretoria de Pesquisa (DPE) da Coordenação de Contas Nacionais – CONAC versão em PDF - **BNDES** Disponível em: < [http:// www.bndes.gov.br](http://www.bndes.gov.br)>. Acesso em: 21 de maio de 2013.

BOMFIM, Ronaldo; BOTELHO, Lissandro. **Zona Franca de Manaus: Condicionantes do Futuro**. Manaus: Valer, 2009.

BOTELHO, André. Estrutura de classe e mobilidade social no Brasil de Carlos Antônio Costa Ribeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 23, num. 66, fevereiro, 2008. Disponível em < <http://www.redalyc.org>>. Acesso em: 5 de jan.2014.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz - 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado**: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2012.

BRASIL. **Ministério do Trabalho**. Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional. Educação profissional: um projeto para o desenvolvimento sustentado. Brasília: SEFOR, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação**. Programa Universidade para Todos (ProUni) criado em 2013, pela Lei nº 11.096/2005, e tem como finalidade a concessão (2013). Disponível em: <<http://www.prouniportal.mec.gov.br>> Acesso em: 5 de jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 2010.

\_\_\_\_\_. Constituição: República Federativa do Brasil. **CAPÍTULO III**. Da Educação, da Cultura e do Desporto. SEÇÃO I. Da Educação. Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 19 dezemb. de 2013.

\_\_\_\_\_. Lei 8.413 de 07 de dezembro de 1993. Dispõe sobre **a organização da Assistência Social** e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 19 dezemb. de 2013.

\_\_\_\_\_. Lei n. 8.742, de 7.12.1993. **Lei Orgânica da Assistência Social- LOAS**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]. Brasília, 1993.

CAMINOTO, João Fábio, **A Financeirização do Noticiário Econômico no Brasil**. 2009. Disponível em <[www.teses.usp.br/teses/](http://www.teses.usp.br/teses/)>. Acesso em: 2 de mar de 2013.

CARDOSO, Fernando, Henrique; MOREIRA, Marcílio. Marques. (Cords.) **Cultura das Transgressões no Brasil: Lições da História**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CARVALHO, Benedito José. **Comentários e contribuições** para o projeto de pesquisa da mestranda Margareth Rodrigues. Banca de qualificação, Manaus, 2013, 49p. Material impresso.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil o longo caminho**. 13. ed. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2010.

CASTRO, Fábio Fonseca. A sociologia fenomenológica de Alfredo Schütz. **Revista Ciências Sociais** Unisinos, v. 48,N.1, jan/abr 2012.

CONEI, 2009. **DEFINIÇÃO E METODOLOGIA DE CÁLCULO**. Disponível em: <[http://www.conei.sp.gov.br/ind/Metodologia .pdf](http://www.conei.sp.gov.br/ind/Metodologia.pdf)>. Acesso em: 16 de out.2013.

CONSTANTINO, Rodrigo. A sociologia dos rolezinhos. **Revista Veja acervo digital**. [on-line] coluna cultura e democracia em 21/01/2014. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/.../a-sociologia-dos-rolezinho>>. Acesso em 10 de janeiro de 2014

CORCUFF, Philippe. **A construções da realidade social**. Bauru: EDUSC, 2000.

CORDEIRO, José da Silva. Eleitorado classe média cresce no Amazonas. **portal @ d 24am**, Acesso em <<http://www.d24am.com/>, 3, Abr 2011.

CORRÊA, Marilene. **Metamorfoses da Amazônia**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2000.

\_\_\_\_\_. Amazônia – contextualização e indicadores sociais. In FREITAS, Marcílio; CORRÊA, Marilene; BARROS, Marcos **Diálogos com a Amazônia**. Manaus: Valer, 2010.

CORTELLA, Mario Sergio. **A Escola e o Conhecimento**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

COSTA, Pedro. Universidade Pública tem mais alunos pobres que a particular. **Estado de Minas Online**, Minas Gerais, 29, dezemb. 2003. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/universidades-publicas-tm-mais-alunos-pobr.>> Acesso em 2 de maio de 2013.

DATA FOLHA. O pretende consumir a Nova Classe Média. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br>>, Acesso em 23 out. 2013.

DATA POPULAR. Os gastos da Classe Média. Disponível em: <<http://www.datapopular.com.br>>; Acesso em 7 out. 2013.

DEDECCA, Claudio, Salvadori et al. A queda recente da desigualdade: relevância e limites. 2008. **ANPEC** Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/2008>>. Acesso em 2 de jan. de 2014.

DEMO, Pedro, 1941 - **Educação e conhecimento**: relação necessária, insuficiente e controversa, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DETRAM/AM, 2013. Associação nacional dos departamentos de transito. A frota de carros do Amazonas está mais nova/**detran-am**. Disponível em :<<http://www.detran.am.gov.br>> Acesso em nov. 2013.

DIAS, Ednea, Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto**: Manaus -1890 – 1920. 2. ed. Manaus: Valer 2007.

DIEESE, 2012. **Situação do Trabalho no Brasil**. Disponível em: <<http://WWW.dieese.org.br>> Acesso em janeiro de 2014

EDWARD, José, Uma cidade de costas para a selva. Ainda bem. **Revista Veja Especial Amazônia**, São Paulo, set. 2009. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/uma-cidade-costas-para-selva-ainda-bem>>. Acesso em 3 de março de 2013.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador** volume I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FALEIROS, Vicente de Paula. **O Que é Política Social**. Coleção Primeiros Passos. 5.ed. brasiliense 1991.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 8. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

FARIAS, Orlando. **A dança dos botos & outros mamíferos do poder**. Manaus: Valer, 2010.

FENABRAVE. Veículos Automotores, as vendas de carros. Disponível em: <<http://www.fenabreve.com.br/>>. Acesso em 2 de maio 2013.

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. 4. ed. São Paulo Difel, 1970.

FGV- **O critério da FGV para definir pobreza**. Disponível em: <<http://fgv-governo>>. Acesso em: 6 de maio de 2013.

FIGUEIREDO, Aguinaldo Nascimento. **História do Amazonas**. Manaus: Valer, 2011.

FRANCO, Moreira. A Nova Classe Média brasileira. 2010. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/imprensa/bom-dia-ministro/moreira-franco-fala-no-bom-dia-ministro-sobre-a-nova-classe-media-brasileira>>. Acesso em 22 de jun de 2013.

FREITAS, Marcílio; CORRÊA, Marilene; BARROS, Marcos **Diálogos com a Amazônia**. Manaus: Valer, 2010.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação**. Explicitação das normas da ABNT- 14. ed. Porto Alegre :s.n, 2007.

FUSC, José et al. Capitalismo politicamente orientado. **Época**. São Paulo, 14 jun. 2011.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa**: por uma teoria interpretativa da cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIL, Gilson. Manaus, Política e Urbanismo. **Moderador FVHD**, Manaus, 14 agosto. 2009. Disponível em <<http://www.fvhd.org.br/forum/categories/tema-urbanismo>>. Acesso em: 10 de fev. 2014.

GOERGEN, Pedro. Prefácio. In: DIAS SOBRINHO, José. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado**: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento? São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. **A Outra**: a amante do homem casado. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2009.

HOBBS, Thomas. **Os elementos da lei natural e política**. Tradução Bruno Simões. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2010.

IANNI, Otavio. A Questão Social. **Revista USP**, São Paulo, Setembro, Outubro e Novembro. 1989.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - **Censo 2012** do IBGE <<http://www.ibge.gov.br>>.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso 3 de março de 2013

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico 2011**: resultados da educação. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 01 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico 2011**: taxas de natalidade. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 01 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional de Orçamentos Familiares 2010**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 1 de mar. 2013.

IBOPE- **Classe C é vedete de consumo da segunda fase do Real (1998-2002)**- Disponível em: <painelinternet.ibope.com.br>. Acesso em: 1 de mar.2013.

:

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Despesas Públicas em Educação**, 2013. Disponível em [http://portal.inep.gov.br/estatisticas-gastoseducacao-despesas\\_publicas](http://portal.inep.gov.br/estatisticas-gastoseducacao-despesas_publicas). Acesso em 4 nov.2013.

IPEA (2008) Sobre Brasil em Desenvolvimento: **Estado, Planejamento e Políticas**. Disponível em < <http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 28 dezembro de 2013.

LAMOUNIER, Bolívar. Para onde vai a Nova Classe Média. **CONASS 2013** Disponível em <<http://www.conass.org.br>>. Acesso em: 24 de novembro de 2013.

\_\_\_\_\_.In:CARDOSO, Fernando, Henrique; MOREIRA, Marcílio. Marques. (Cord.) **Cultura das Transgressões no Brasil**: Lições da História. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

LITAIFF, Pedro. Eleitorado classe média cresce no Amazonas 65% em nove anos . **portal @ d 24am**,site portal, Manaus, 3, Abr 2011. Disponível <<http://www.d24am.com>>.Acesso em 2 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_.Raio X do consumidor e a classe média de Manaus.**portal @ 24am**,site portal, Manaus, 23 de novemb. 2012. Disponível em < <http://www.d24am.com> >. Acesso em: 2 de dezembro de 2013.

LOUREIRO, Maurício. O Papel estratégico da Zona Franca de Manaus no desenvolvimento da Amazônia. **T & C Amazônia**. Manaus, FUCAPI, 2003.

MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli. **O povo sabe votar**: uma visão antropológica. Petrópolis: vozes, 1998.

MANAUS. Programa Bolsa Universidade. Manaus. **PBU**, 2014. Disponível em: <<http://www.bolsauniversidade.manaus.am.gov.br/o-programa/>>. Acesso em 22 de mar.de 2014.

MANHEIM, Karl. **O homem e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

MARINHEIRO, Vaguinaldo. Todos querem tirar a Nova Classe Média para dançar. Folha de S.Paulo 15 de jul. 2012. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br>> Acesso em 15 de outub.2012.

MARTINS, Sérgio. Oi Brasil, Estamos Aqui! Funk é hino de identidade para jovens brasileiros da periferia. **Revista Veja**. Acervo digital. São Paulo, 27 de jan. de 2014. Disponível em <<http://www.veja.com.br/> Só você não me conhece.>. Acesso em: 22 de mar.de 2014.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. in: **Sociologia e Antropologia**. SP, Cosac Naif, 2003.

MEIRELLES, Renato. (2011). **O consumidor de verdade é da classe C**. Financeiro, Consumidor, n.67, p.28-3, 2011.

MIRANDA, Ruy. Plano Collor acelera o processo de fusões e compras de empresas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 jun. 1990.

NERI, Marcelo. **Nova Classe Média**. Rio de Janeiro:Fundação Getúlio Vargas, 2008. Disponível em< [http:// www.fgvbr/classe/cps/classemedi](http://www.fgvbr/classe/cps/classemedi) > acesso em 20 de junho de 2013.

\_\_\_\_\_. **A Nova Classe Média**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Políticas Sociais, 2010 a.

\_\_\_\_\_. **A Nova Classe Média: o lado brilhante dos pobres**. Rio de Janeiro, FGV/IBRE/CPS, 2010 b. Disponível em: <<http://www.fgv.com.br>>. Acessado em: 20 de dezembro. 2010b.

\_\_\_\_\_. **A Nova Classe Média o lado brilhante da base da pirâmide**. São Paulo: Saraiva, 2011.

\_\_\_\_\_. **Nossos Brasis: Prioridade da população**. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/>> Acesso em: 8 março de 2013.

OSSAME, Ana, Célia. Classes C e D têm aderido mais aos cursinhos preparatórios. **portal @ d 24am**, site portal, 7, A17 de Mar de 2013. <<http://www.d24am.com>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2013.

POCHMANN, Márcio. **Inclusão Social: Uma Utopia Possível: impacto das políticas públicas de Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Nova Classe Média? - O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento, trabalho e renda no Brasil: avanços recentes no emprego e na distribuição dos rendimentos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

\_\_\_\_\_. Márcio Pochmann critica conceito de 'Nova Classe Média' 31 de outubro, 2013. **Jornal GGN**, Rio Grande do Sul. Entrevista concedida a Patrícia Monteiro Rizzotto.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento, trabalho e renda no Brasil**. São Paulo, FPA, 2010.

PORTELA, Livia. Manaus recebe cerca de 4 mil novos migrantes por ano. **portal @ d 24am**, Manaus, 23 set.2012. Disponível em <<http://www.d24am.com>>. Acesso em 2 de dezembro de 2013.

REIS, Fábio.Wanderley. **Mercado e Utopia**. Rio de Janeiro: 2009. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Disponível em <<http://www.bvce.org> > Acesso em set. de 2011.

REZENDE, Maria, José, de. O capitalismo brasileiro e as modernizações desvinculadas da modernidade. **Revista Ensaios FEE**, Porto Alegre, maio 2006.

SAMPAIO, Helena Maria Santana. **O ensino superior no Brasil: o setor privado**. São Paulo: Hucitec, 2000.

SANTANA, Marcos, Aurélio; RAMALHO, José, Ricardo. **Sociologia do Trabalho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

SCHNEEBERGER, Carlos. Alberto; FARAGO, Luiz Antônio. **Geografia do Brasil: teoria e prática**. São Paulo: Rideel, 2003.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Vozes da Classe Média. SAE/PR, Setembro de 2012.

SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATEGICOS- SAE. Disponível em: < <http://www.sae.gov.br> >. Acesso em 24 out.2013.

SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em: <http://www.sae.gov.br>. Acesso em: 22 de jul.2013

SERÁFICO, José; SERÁFICO, Marcelo. A Zona Franca de Manaus e o capitalismo no Brasil. **SciELO Brasil**, São Paulo maio, agost. 2005. Disponível: < <http://www.scielo.br>>. Acesso em 6 de dezemb. de 2013.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Tradução de Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro, 1995.

SIMON, Herbert et al. **Modalidades de Análise Política**. Tradução de Guilherme Veloso, Fani Baratz- Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

SOUZA, Amaury; Lamounier, Bolívar. Aonde vai a NCM? Rio Janeiro. **Imprensa**, Curitiba 2012 Disponível <<http://www.aimprensadecuiaba.com.br>>. Acesso em 20 de junho de 2013.

SOUZA, Amaury. Nova Classe Média: é hora da educação e da qualificação profissional. **SAE**, 2010. Disponível em < <http://www.sae.gov.br/site/>>. Acesso em 10 de Março de 2013.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: Nova Classe Média ou nova classe trabalhadora? 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. O rolê da ralé. [18 de janeiro, 2014]. São Paulo: Jornal **O Estado de São Paulo**. Entrevista concedida a Ivan Marsiglia.

\_\_\_\_\_. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2010.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. 3. ed. Manaus: Valer, 2010.

SOUZA, Renato Santos de. Desvendando a espuma: o enigma da classe média brasileira. **Jornal GGN**, Rio Grande do Sul, 01 jan.2013. Disponível em: <<http://www.Jornalggn.com.br>>. Acesso em: 12 de jul. 2013.

STEFANO, Fabiane. Eles resistem mais à crise. A classe C ajudou a expandir o mercado interno no Brasil. Revista **Exame** acervo digital. [on-line] economia em 22/01/2009. Disponível em: [exame.abril.com.br](http://exame.abril.com.br). Acesso em: 22 de fevereiro de 2014.

UNGER, Roberto. Prefácio. In: SOUZA Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: NCM ou nova classe trabalhadora? 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

VALLE, Geraldo Jorge Tupinambá do. **“OS Rumos Incertos do Boto- Tucuxi**: Curso e Discurso de um Político da Amazônia. Rio de Janeiro, 1996. 221p. Dissertação (Mestrado em sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais IFCS – UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

VELHO, Gilberto. Goffman, Mal-Entendidos E Riscos Interacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - RBCS- vol. 23 nº 68 out. 2008.

\_\_\_\_\_. Antropologia Urbana: Encontro de tradição e novas perspectivas. **Revista Sociologia**, Problemas e Práticas, n.º 59, 2009.

VIANNA, Luiz Werneck. A classe média é uma presença forte hoje na sociedade e na política brasileira. **UOL** 2012. Disponível em < [http:// amaivos.uol.com /noticia /> acesso em 20 de junho de 2013.](http://amaivos.uol.com/noticia/)

VILLAR, R. A Classe Média está mais exigente. **portal @ d 24am**, Manaus, 08 Ago. 2011 Disponível em <[http :www.d24am.com](http://www.d24am.com)>. Acesso em 2 de dezembro de 2013.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Tradução Johannes Wickelmann; Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: UNB, 1991.

\_\_\_\_\_. **História Geral da Economia**. Tradução Klaus Von Puschen. reimpressa. São Paulo: Centauro, 2010.

\_\_\_\_\_. Classe, estamento, partido. In: GERTH, Hans e MILLS, Wright (Org.). Max Weber - **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

\_\_\_\_\_. A "objetividade" do conhecimento nas Ciências Sociais (1904). In: Cohn, Gabriel (org.) **Weber**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

# APÊNDICE

## APÊNDICE – A – Questionário

 <b>UFAM</b>	<b>Universidade Federal do Amazonas - UFAM</b>
	<b>Instituto de Ciências Humanas e Letras</b> <b>Programa de Pós-Graduação em Sociologia</b>
<b>Roteiro de entrevista</b>	

<b>I – identificação</b>	
<b>Título:</b>	<b>A Nova Classe C em Manaus: Trajetória e Projeto de Vida e a Política.</b>
<b>Tipo de ação:</b>	Entrevista
<b>Área conhecimento:</b>	Sociologia
<b>Área temática principal:</b>	Sociologia Urbana
<b>Área temática secundária:</b>	Classe social
<b>Orientador</b>	Prof. Dr. Gilson Gil
<b>Mestranda</b>	Margareth Rodrigues da Silva
<b>Telefones: (incluir ddd)</b>	(92) 93256898
<b>Município de realização do projeto:</b>	Manaus
<b>Público atingido:</b>	30 participantes que pertencem a da classe C que estão concluindo ou já concluíram o ensino superior em instituições privadas de ensino.
<b>1 Idade</b>	<b>2 Renda Familiar</b>
<b>3 Trajetória profissional a partir de 2000</b>	<b>4 Titulação</b>
<b>5 Bairro onde reside:</b>	<b>6 Naturalidade</b>
<b>7 Origem familiar:</b>	<b>8 Situação habitacional</b>
<b>9 Meio de transporte utilizado pela família</b>	
<b>10 Seu convívio residencial, na atualidade? Quantas pessoas moram? Em quantos cômodos?</b>	
<b>11 Antepassado o que pode contar-me, o que sabe a respeito deles (bisavôs, avôs, pais) fale-me das origens e do trabalho dos mesmos.</b>	
<b>12 História de vida;</b>	
<b>13 Como define sua vida? (as maiores dificuldades as conquistas e as mudanças econômicas e sociais).</b>	

14 Quantos são graduados na sua família tendo como universo: pais, irmãos, esposa e filhos, eles também cursaram faculdade privada? De que forma pagam ou pagaram as mensalidades? Qual a importância de possuir um diploma de ensino superior? Você recebeu algum incentivo dos programas governamentais (Bolsas parciais, integrais, por exemplo)

15 Qual a importância de morar em Manaus? O que mais e menos gosta na cidade?

16 As mudanças percebidas por você, em sua vida, ao longo de sua vida?

17 Quanto à política o que pode falar? Que importância ela tem?

18 Na sua família, ou das suas primeiras lembranças, como lhe foi passado cidadania, da primeira fala, quem lhe apresentou ao tema, o que dizia ser cidadania? Como a entende na atualidade?

19 A formação educacional. O que pensa sobre ela?

20 O lazer e o que deixaria como suas maiores conquistas na vida.

21 Deseja falar algo que acha importante em sua trajetória de vida?

## **APÊNDICE – B – Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento**

**Pesquisadora:** Margareth Rodrigues da Silva

**Instituição:** Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS)

**Tema:** A Nova Classe C em Manaus: Trajetória, Projetos de Vida e Política

**Descrição e Objetivos do estudo:**

Esta pesquisa acadêmica tem como objetivo compreender a trajetória, os projetos de vida e a visão sobre a política da Nova Classe Média de Manaus, a partir dos depoimentos de pessoas pertencentes a esse segmento.

Caso, você concorde em colaborar com esta pesquisa, após devidamente esclarecido (a) sobre o conteúdo desse termo, deverá consentir sua participação assinando este documento, que permitirá a pesquisadora utilizar os instrumentos de sua pesquisa para coletar dados, que deverão ser analisados e divulgados, sem que você ou qualquer informação que tenha dado, seja identificada.

\_\_\_\_\_

Manaus, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_

Manaus, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Acadêmica Responsável